

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA EDUCAÇÃO E PROCESSOS INCLUSIVOS

SURDOS: VESTÍGIOS CULTURAIS NÃO REGISTRADOS NA HISTÓRIA

Karin Lilian Strobel

Florianópolis
2008

KARIN LILIAN STROBEL

SURDOS: VESTÍGIOS CULTURAIS NÃO REGISTRADOS NA HISTÓRIA

Tese apresentada ao programa de pós-graduação doutorado em educação, na linha de pesquisa Educação e Processos Inclusivos, da UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para obtenção do título de doutorado.

Orientadora: Prof^a Dra. Ronice Muller de Quadros
Co-orientadora: Prof^a Dra Gladis Perlin

Florianópolis
2008

STROBEL, Karin Lilian. **Surdos: Vestígios Culturais não Registrados na História.** Florianópolis, 2008. Tese de Doutorado em Educação – UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina.

TERMO DE APROVAÇÃO

KARIN LILIAN STROBEL

SURDOS: VESTÍGIOS CULTURAIS NÃO REGISTRADOS NA HISTÓRIA

Tese defendida e aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação, Curso de Doutorado, na Linha de Pesquisa Educação e Processos Inclusivos da Universidade Federal de Santa Catarina, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora: Prof^a. Dra. Ronice Muller de Quadros
CCE / UFSC

Prof^a. Dra. Marianne Rossi Stumpf
CED / UFSC

Prof^a. Dra. Mara Lúcia Masutti
CEFET / SC

Prof. Dr. Wilson de Oliveira Miranda
UFRGS / RS

Prof^a. Dra. Sueli Fernandes
UFPR / PR

Florianópolis, 25 de junho de 2008.

*Eu dedico esta dissertação ao povo surdo,
que tem trazido bravura e importância para a nossa
história cultural!*

AGRADECIMENTOS

Quero, em primeiro lugar, humildemente, agradecer a uma Divindade Superior por ter me dado forças nas lutas conquistadas e pelas etapas vencidas e ainda por vencer;

À minha família, em especial a minha mãe, que compartilhou os muitos momentos de nossas vidas, que me motivou e permitiu construir a minha história;

À Sueli Fernandes, pelas suas opiniões e críticas positivas, que me incentivou a crescer academicamente e principalmente por ser amiga e sempre ter fé em mim;

A Rita Maestri, Leandro Patrício, Mauricio Santos e Henrique Stroparo pelo auxílio e paciência nos preparos das incansáveis horas de filmagens, fotografias e documentações das entrevistas com os pesquisados.

Aos meus amigos virtuais Carlos Rafael, Diamantino Mendes, Celso Elias da Silva, Paul Taborda, Marcelo Willy Junior, Marcos Leme e Pedro Arce pela boa vontade e disposição de auxiliar na obtenção de diversas informações navegando na internet e pelas traduções de algumas citações estrangeiras;

À Alice de Castro, Irene Stock, Neivaldo Zovico, Rosani Suzin, Shirley Vilhalva, Christiane Elizabeth Riguetto e aos outros surdos, dignos representantes do povo surdo, que diretamente ou indiretamente colaboraram com minha pesquisa, cedendo relatos do seu dia-a-dia, me permitindo enriquecer a parte histórica dos surdos;

Ao INES – Instituição Nacional de Educação dos Surdos, por ter permitido a coleta de riquíssimos dados da história de surdos em sua imensa biblioteca;

À Roseclélia Borne pelo material pesquisado em sua dissertação, o qual me permitiu a construção da história da instituição pesquisada, e à Ana Paula Kochen pela tradução dos textos em francês;

Ao CAPES e ao CNPq pelo auxílio de bolsa de estudos, sem o qual seria difícil terminar com exultação e com boa qualidade a tese de doutorado;

Aos meus colegas e intérpretes de libras/língua portuguesa do curso de doutorado na área da educação da UFSC, pelos muitos momentos de partilhas, angústias, alegrias, amizades e vitórias;

Aos professores Ronice Quadros e Carlos Skliar que com seus conhecimentos possibilitaram o meu crescimento como pesquisadora. Agradeço por me inspirarem, valorizarem e encorajarem a seguir as minhas idéias dentro dos princípios, aguçando ainda mais a minha observação e senso crítico;

E por fim, à pessoa mais extraordinária que esteve presente em cada passo da minha pesquisa e em todas as páginas desta tese, pela paciência, carinho e co-orientação que me fez abrir os olhos para muitas coisas sobre o 'Ser Surdo' e o 'Povo Surdo', à Gladis Perlin!

*O povo surdo tem muitas faces.
A sua história se faz da realização de cada sonho de surdo.
Você também constrói a história, é parte integrante dela.*

RESUMO

A presente pesquisa consiste em um estudo empregando procedimento das análises narrativas e pesquisas teóricas etnografias que possibilitou a coleta de dados sobre a cultura do povo surdo. Nas análises narrativas possibilitou a reflexão sobre as práticas ouvintistas nas escolas de surdos e resistências do povo surdo contra esta prática, procurando resgatar a cultura surda na história. Nas pesquisas teóricas observou-se o papel fundamental da língua de sinais, o reconhecimento da cultura surda e a construção de sua identidade. Estas metodologias ressaltam a importância da participação dos povos surdos para a construção da história cultural.

A tese é escrita num conjunto de textos no estilo acadêmico e estilo ensaio ao mesmo tempo, para deixar emergir os saberes onde entram em cena as memórias das experiências do 'ser surdo', uma visão abrangente em relação ao que ocorre com o povo surdo, especialmente, no campo do colonialismo e dos sistemas opressivos educacionais e dos corpos amordaçados por políticas institucionais.

Ao usar o tom ensaístico da escrita, as fronteiras estilísticas estão dialogando em universo que é marcado pela negociação de sentidos, as linguagens que são marcadas por diferentes nuances e muitos elementos que são da ordem também das articulações de uma ordem de linguagem que emerge das instâncias analíticas da memória, da subjetividade e do inconsciente.

Com essa pesquisa fazemos reflexões importantes acerca da violência simbólica e física a que os surdos foram sujeitados, traz o papel da família para um campo reflexivo de sua participação, o papel do psicólogo, o papel do professor, entre outros.

Palavras-chave: Estudos Surdos, língua de sinais, análise narrativa, etnografia, historicismo, história cultural; identidade.

ABSTRACT

This research is a study using narrative analysis and theoretical ethnographic research that led to the collection of data on the culture of deaf people. The narrative analysis enabled the reflection about practices in schools listeners of the deaf and deaf people's resistance against this practice, trying to rescue deaf culture in the history. In theoretical research it was found the key of the sign language, the recognition of deaf culture and the construction of their identity. These approaches emphasize the importance of participation of deaf people for the construction of cultural history.

The theory is a set of texts written in academic style and style test at the same time, to leave the emerging knowledge comes into play where the memories of the experiences of 'being deaf', a comprehensive view on what happens with deaf people, especially in the field of colonialism and the oppressive educational systems and bodies muzzled by institutional policies.

By using the tone of essayist writing, the stylistic borders are talking in a universe that is marked by way of negotiation, the languages that are marked by different shades and many elements that are of the order of the joints, an order of language that emerges from bodies analysis of memory, the subjectivity and the unconscious.

With this research we will make important observations about the physical and symbolic violence that the deaf were subject, the role of the family brings to a field reflective of their participation, the role of psychologist, the role of teacher, among others.

Keywords: Deaf Studies, language of signs, narrative analysis, ethnography, historicism, cultural history, identity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: MINHA HISTÓRIA COMO PARTE DE HISTÓRIA DOS SURDOS....	13
CAPÍTULO 1: ESTUDOS CULTURAIS: BUSCAR A HISTÓRIA DO POVO SURDO..	22
1.1. Estudos Culturais e Estudos Surdos.....	22
1.2. Representação social: surdos como diferença ou deficiência?	31
CAPÍTULO 2: DIFERENTES ‘OLHARES’ NA HISTÓRIA	41
2.1. Os discursos diferenciados das histórias dos surdos	41
2.2. Historicismo: ocultando sinais de opressões.....	43
2.3. Os surdos: construindo a história cultural	57
2.4. A história surda camuflada	68
CAPÍTULO 3: OS ACONTECIMENTOS HISTÓRICOS REGISTRADOS	79
3.1. As construções das memórias	79
3.2. A história dos surdos: o imaginário do ‘outro’	80
3.3. Histórias de vítimas surdas no ‘holocausto’.....	93
CAPÍTULO 4: METODOLOGIA	103
4.1. Construindo a metodologia	103
4.2. Sobre a instituição	106
4.3. Os sujeitos da pesquisa	108
4.4. A forma de registro das narrativas	109
CAPÍTULO 5: NARRATIVAS SURDAS: SUBJETIVIDADE E MEMÓRIAS OCULTAS	112
5.1. Entrevistas: as grandes narrativas surdas	112
5.2. O imaginário familiar.....	117
5.3. Rituais de agressões ao corpo surdo.....	124
5.4. Extermínio cultural dentro da escola dos surdos	136
CAPÍTULO 6: REFLEXÕES FINAIS	145
6.1. Refletindo as realidades surdas	145
6.2. História cultural atual: um novo jeito de ser surdo	147
REFERÊNCIAS	149
ANEXOS	158

INTRODUÇÃO

MINHA HISTÓRIA COMO PARTE DA HISTÓRIA DOS SURDOS

*“Pois na língua de um povo, observa Herder,
“ reside toda a esfera de pensamento, sua tradição, história,
religião e base da vida, todo o seu coração e sua alma”.*

*Isso vale especialmente para a língua de sinais,
porque ela e a voz – não só biológica mas cultural,
e impossível de silenciar – dos surdos”*

Oliver Sacks

O presente trabalho é dedicado ao povo surdo, à história, vivências, experiências e nostalgias, isto é, forma de existência subjacente à cultura; certas coisas que sujeitos surdos gostariam de ter, ser e de fazer, um tipo de clima envolvente; desejo de voltar ao passado, aspirações e desejos nunca realizados. O povo surdo consiste em:

(...) sujeitos surdos que não habitam no mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, por um código ético de formação visual, independente do grau de evolução lingüística, tais como a língua de sinais, a cultura surda e quaisquer outros laços (STROBEL, p.29, 2008).

Os sujeitos surdos existem em todos os tempos, o nosso estilo de compartilhar os interesses semelhantes e a língua de sinais é tão antigo quanto o mundo. Deixamos traços abundantes, marcas diferentes, mas dispersas, pois muitas ocorrências nem foram tomadas como objeto a serem representadas em história e, entretanto, nossas histórias permanecem ainda adormecidas esperando para serem despertas.

Desafio esta minha pesquisa? Sim, certamente, se julgarmos depois das lacunas que os pesquisadores fizeram nas suas histórias sobre os surdos. Será por que não puderam ou poucos se inspiravam para pesquisar? Alguns trechos lapidados herdaram a conduta marcada pela intolerância obscura na visão negativa sobre os surdos, viam-nos como ‘anormais’ ou ‘deficientes’.

Ser surdo, ao longo da história, não foi fácil, foram feitas muitas injustiças atroztes contra nós, não aceitavam o ‘diferente’ e nossas ‘diferenças’, assim como autor Foucault (2005), em seu livro ‘Vigiar e Punir’ destaca graves problemas que a sociedade humana e as autoridades públicas afrontam com as diferentes culturas em seus territórios, os sujeitos diferentes são identificados e socialmente estereotipados e também se tende a generalizar as

suas limitações e a minimizar as suas limitações e os seus potenciais, a diferença está tão presente e enfatizada para os que os cercam que justifica os seus sucessos e fracassos nos seus atos e realizações.

Para uma melhor enfatização, quanto ao enfoque da história dos surdos e mencionando a forma como percebo a construção do meu ‘ser surdo’, coloco também narrativas de minha história como parte da história dos surdos. Segundo autores surdos Perlin e Miranda, ‘ser surdo’ expressa:

(...) olhar a identidade surda dentro dos componentes que constituem as identidades essenciais com as quais se agenciam as dinâmicas de poder. É uma experiência na convivência do ser na diferença (2003, p.217).

Com quatro dias de vida, no hospital, tive um resfriado muito forte e foi prescrito o uso de antibiótico em dosagem alta e, em consequência disso, fiquei surda profunda.

Na época muitos especialistas na área da surdez tinham assegurado à minha família que somente o aprendizado da língua oral era o que poderia me ajudar a sair do isolamento. Por isto a minha mãe procurou uma escola de surdos onde eu pudesse aprender a língua oral.

Na maior parte de minha infância estudei em uma escola para surdos¹ onde usavam o método verbotonal², uma metodologia oralista³, que foi implantada na época.

Conseqüentemente, aprendi a falar, mas não sabia me comunicar adequadamente, só ficava repetindo as palavras, igual a um papagaio, sem entender seus significados, tudo muito mecânico e sem emoções.

¹ As duas terminologias, a ‘escola para surdos’ e a ‘escola de surdos’, são diferentes os conceitos discutidos em GES/ Grupos Estudos Surdos de UFSC, as diferenças seriam assim: a primeira nega a identidade cultural dos surdos procurando fazer com que os alunos surdos procurem imitar os sujeitos ouvintes e na segunda se identificam com identidade lingüística e valorizam a cultura de surdos. A parte desta teoria construída por mim foi contribuída para uma colega surda, mestra defendida em 2006.

² O Método Verbotal de reabilitação para pessoas surdas foi desenvolvido na Croácia em 1950 pelo Professor Peter Guberina, um lingüista que aperfeiçoou e fez treinamentos na percepção da fala, no qual através deste estimula-se à criança surda a oralizar e a sentir os fonemas através do movimento corporal. Dentro deste método usa-se o Centro Suvag que é o uso de aparelhagens de ampliação sonora onde através de treinamento auditivo se faz facilitação da compreensão sonora

³ Tem muitos métodos diferentes na educação com os surdos, ‘o oralismo’ é um dos recursos que usa o treinamento de fala, leitura labial, e outros, este recurso é usada dentro das metodologias orais, entre eles, o ‘verbotonal’, ‘oral modelo’ ‘materno reflexivo’, ‘perdoncini’ e entre outros.

Idéias minhas, que afloravam cada vez mais em maior número diante da vida ao meu redor, ficavam sufocadas em algumas dezenas de palavras aprendidas e repetidas, tudo muito frio. Eu estava expandindo o meu mundo e necessitava de uma língua em que pudesse me identificar e isto era reprimido pelos professores que deveriam me encorajar.

Com a minha linguagem limitada eu não compreendia o que acontecia ao meu redor no dia-a-dia, mas eu era muito curiosa e queria saber o ‘porque’ de tudo e não recebia respostas e reprimia tudo dentro de mim e ficava muito agitada e ansiosa. Assim compara Sacks sobre uma menina surda:

Ela estava longe de ser estúpida; mas como nasceu surda, seu vocabulário, adquirido devagar e com a maior dificuldade, ainda era pequeno demais para lhe permitir a leitura por diversão ou prazer. Em conseqüência, quase não havia meios pelos quais pudesse absorver as informações diversas e temporariamente inúteis que as outras crianças inconscientemente adquirem através da conversa ou da leitura ao acaso. Quase tudo o que ela sabia lhe fora ensinado ou tivera de aprender. E isto é uma diferença fundamental entre as crianças que ouvem e as que nascem surdas (...) (1990, p.28).

Na minha inclusão em escola de ouvintes⁴ tenho poucas lembranças, somente me recordo de algumas situações e de poucas pessoas que realmente me valorizaram e também que me magoaram, por exemplo: havia uma freira professora, na primeira série do curso primário, sabendo da minha dificuldade com relação à língua portuguesa, dava atividades para o resto da turma, sentava-me no seu colo e pacientemente me ensinava através de gestos e desenhos os símbolos da escrita, aprendi muita coisa e por isto não me esqueço da solidariedade dela por mim.

Nestas escolas de ouvintes, seguiam informações de ‘tratamento’ para comigo orientada pelos especialistas da escola oralista para surdos, mandavam que eu sentasse na frente pra fazer leitura labial⁵, que eu detestava, porque perdia a visão global de sala e, ao mesmo tempo, neste local eles me cobravam mais.

Geralmente para estas escolas, a única forma dos surdos terem acesso aos conteúdos é por meio de leitura labial, mas para ter uma boa leitura labial é necessário saber os conceitos

⁴ ouvinte: palavra usada pelo povo surdo para designar aqueles sujeitos que não são surdos.

⁵ Essa técnica de leitura labial: “ler” a posição dos lábios e captar os movimentos dos lábios de alguém está falando e é só útil quando o interlocutor formula as palavras de frente com clareza e devagar. Além disso, a meu ver a maioria de surdos só conseguem ler 20% da mensagem através da leitura labial, perdendo a maioria das informações. Geralmente os surdos ‘deduzem’ as mensagens de leitura labial através do contexto dito.

das palavras e a maioria dos surdos tem conhecimento de uma linguagem oral muito limitada. Eu, por exemplo, procurava ler os lábios, mas após uns 10 minutos os meus olhos começavam a arder, cansavam e eu desistia de prestar atenção nas aulas e ficava ‘olhando-para-a-parede’⁶. Acho que se tivesse ‘diploma’ para o total das horas ‘olhando-para-parede’, eu bateria recorde por toda a minha vida escolar ‘inclusiva’.

Compara-se na mesma circunstância a surda Patrícia Pinto ao fazer a universidade, nesse fragmento extraído de um jornal: “(...) ela afirma enfrentar a angústia de não conseguir acompanhar só pela leitura labial as aulas dos professores e debates. Sente-se restrita aos livros.” (TAKAHASHI, 1999, p.19).

Enfrentei muitas dificuldades na escola de ouvintes, reprovei várias vezes e sentia muita vergonha por ser a aluna ‘mais velha’ da sala, como se eu fosse uma imbecil e tivesse dificuldade de aprendizagem; com este complexo de inferioridade e de baixa auto-estima, me tornei uma adolescente rebelde e revoltada.

Como diz Botelho (2002), os surdos geralmente são estereotipados pela sociedade como agressivos e desconfiados, porque eles temem muita opressão, há muito antagonismo e mantêm uma atitude de reserva em relação aos ouvintes. Pois os surdos sentem-se em uma posição inferior perante aos ouvintes por não saberem ler e escrever, também por eles terem contato permanentemente com um discurso ouvintista.

O ‘ouvintismo’ segundo Skliar: “(...) é um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte” (1998a, p. 15) e as práticas ouvintistas, segundo Camillo podem ser

(...) conjunto de estratégias e ações que podem ser tanto físicas, visíveis ao corpo do surdo, como as próteses auditivas, por exemplo, quanto subjetivas, como às formas de disciplinar o surdo, as normas, os costumes, jeitos e trejeitos ouvintes sujeitando esses sujeitos ao ouvintismo, às práticas de normalização que imprimem um jeito de “ser surdo ouvintizado” (2008, p. 23-24).

Apenas muitos anos depois compreendi que, o maior problema não era a dificuldade de aprendizagem e sim da diferença lingüística e cultural. Também a forma como o surdo

⁶ ‘olhar-para-parede’, termo utilizado por mim para ilustrar quando a criança surda, estando excluída das informações sem compreender as aulas e atividades expostas, está alheia passeando seus olhares para todos lugares, tais como para fisionômias das pessoas presentes, para o ambiente local, objetos e até através das janelas.

aprende o português é diferente dos ouvintes, devendo ser adaptada com a realidade cultural deles.

Na universidade, ao cursar o curso de pedagogia, também enfrentei dificuldades; os professores não tinham conhecimentos de como lidar com uma pessoa surda e também não tinham intérprete disponível. Havia também muitos debates, trocas de experiências pessoais entre alunos e professores e eu perdia tudo isto ‘olhando-para-parede’, ia às aulas somente para não levar falta. Fiquei frustrada neste aspecto porque nestes debates de aulas, de psicologia, por exemplo, eu aprenderia melhor como lidar com ‘aluno-problema’ e outras coisas que não têm nos livros. Comparando, assim como diz a mãe de uma surda, no livro da autora Botelho: “(...) mesmo estudando pelos livros (...), chegava na prova, caía coisa que eu não tinha visto com ela. Era muito mais o que os professores falavam. Aí ela ficava frustadíssima, ela tinha estudado feito uma doida, ia mal, sem ter culpa” (2002, p.18).

A minha mãe me fez ter um hábito que é um verdadeiro tesouro para uma pessoa surda: a leitura. Consegui ir adiante na escola de ouvintes, graças aos livros que foram verdadeiros professores para mim, além de ter também apoio de uma ou outra colega.

Eu superei tudo porque tive uma mãe⁷ que me deixava em liberdade de se expressar fora de escola, por gestos⁸ e/ou apontação⁹.

Eu era revoltada com a minha condição de surdez, não aceitava a surdez achando que era castigo de Deus e me isolava, isto ocorria porque a escola oralista não me permitia ter identidade surda, procurando fazer com que eu aprendesse e fosse igual às pessoas ouvintes - minha mãe ficou preocupada com a minha revolta e isolamento e ao se informar a respeito do povo surdo descobriu a existência de uma associação de surdos e me levou lá quando eu tinha 15 anos.

Ao ter contato com a comunidade surda, o meu mundo abriu as portas e eu pude explorar e expandir para fora tudo o que estava insuportavelmente sufocado dentro de mim.

⁷ minha mãe nunca aprendeu a língua de sinais porque não era permitida na época.

⁸ Gestos: uso de pantomímica, dramatizações em expressões corporal e facial e também sinais inventadas pela criança.

⁹ é o uso de dedo para indicar objetos e pessoas.

Comecei a trabalhar em escolas para surdos e ingressei na equipe pedagógica da Secretaria de Educação do Paraná/Departamento de Educação Especial, desenvolvendo projetos de capacitação de professores surdos e ouvintes, fazendo docência em cursos de formação de instrutores surdos¹⁰ de Libras¹¹, para que se possa atender a grande demanda de profissionais e instituições que vem se interessando por uma proposta bilíngüe¹² de ensino.

Das atividades que desenvolvo, posso destacar: docência em cursos de formação inicial e continuada de Libras para professores, alunos surdos e a comunidade envolvida no processo educacional dos surdos; supervisão e orientação aos instrutores surdos no seu trabalho nas escolas de surdos; palestras para comunidade em geral, desenvolvendo temáticas relativas à área, participação em congressos, seminários, cursos e eventos na área da surdez como palestrante ou cursista e elaboração de materiais didáticos e publicações na área de surdez como apostilas, cartilhas, dicionários, etc.

Além disso, faço trabalhos voluntários em associação de surdos de Curitiba¹³ e na FENEIS¹⁴, órgãos sem fins lucrativos, que atuam na defesa dos direitos dos sujeitos surdos.

¹⁰ O papel fundamental para o instrutor de língua de sinais é o ensino de língua de sinais com gramática própria, com sintaxe, semântica e morfologia como qualquer outra língua. Na época dávamos o título de 'instrutor' devido que as maiorias tinham cursos de capacitação de ensino de língua de sinais e não tinham formação acadêmica reconhecida pela lei. Hoje com curso de licenciatura de Letras/Libras em muitas universidades já esta mudando esta visão.

¹¹ LIBRAS é uma sigla que foi votada e aprovada pela Feneis para denominar a Língua Brasileira de Sinais no ano de 1993, foi oficializada federalmente pela lei nº10.436 pelo presidente de república, Fernando Cardoso, em 24 de abril de 2002. Antes os lingüistas Brito e Felipe utilizavam a sigla LSBC e atualmente usam a LIBRAS. Tem outros pesquisadores, tais como a lingüista Ronice Muller de Quadros e o pesquisador ator surdo Nelson Pimenta utilizam a LSB em suas publicações por esta sigla seguir os padrões internacionais de denominações de língua de sinais.

¹² A proposta bilíngüe, como explica Quadros, o fato de serem pressupostas duas línguas no processo educacional dos sujeitos surdos, a Língua Brasileira de Sinais e a Língua Portuguesa, está inserido num processo educacional. Bilingüismo para surdos atravessa a fronteira lingüística e inclui o desenvolvimento da pessoa surda dentro da escola e fora dela dentro de uma perspectiva sócio-antropológica.
<http://penta.ufrgs.br/edu/telelab/edusurdos/language.htm> acessado: 10/10/2004

¹³ Cada cidade, geralmente possui uma associação de surdos, cujo objetivo principal é, reunir o povo surdo em nível local, por meio de contatos sociais, lingüísticos, culturais e esportivos.

¹⁴ A FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos é entidade filantrópica, de cunho civil e sem fins lucrativos, trabalha para representar o povo surdo e as comunidades surdas, tendo caráter educacional, assistencial e sociocultural. Além da matriz, a mesma possui 9 escritórios regionais e representa as 150 entidades filiadas. É filiada à World Federation of the Deaf (WFD). A participação da Feneis numa entidade como essa propicia o constante intercâmbio com surdos do mundo todo, conhecendo a luta de cada um e formando uma rede em prol do direito universal à cidadania.

Formei-me em Pedagogia e fiz Especialização na área de surdez. Em virtude de minhas atividades profissionais e meu interesse em uma maior qualificação, fiquei ciente de uma seleção para mestrado com seleção em língua de sinais na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Então, me submeti à seleção e fui aprovada na área de Educação, na Linha de Pesquisa Educação e Processos Inclusivos, com uma bolsa de estudos pela CAPES¹⁵. Posteriormente, tive o *upgrade* para doutorado com louvor na avaliação, pela Banca de Qualificação da Dissertação. O tema de minha tese é ‘Surdos: vestígios culturais não registrados na história’. Com esta pesquisa eu documentei aspectos históricos, lingüísticos e culturais relacionados aos povos surdos não sistematizados em publicações registradas, e nos últimos meses fui recompensada com uma bolsa de estudos custeada pelo CNPq¹⁶ que contribuiu com veemência pra dar continuidade com ótima qualidade a minha pesquisa.

Na UFSC tive oportunidade de encontrar colegas e professores usuários de língua de sinais, de assistir aulas com intérprete de língua de sinais/português e participar juntamente no grupo GES – Grupo Estudos Surdos, onde se desenvolvem pesquisas na área dos Estudos Surdos. Alguns pesquisadores, tais como Carlos Skliar, Ronice Quadros, Gladis Perlin, Lodenir Karnnop e outros chamam de Estudos Surdos as teorias pesquisadas no ‘Ser Surdo’, representação como sujeitos lingüísticos e culturais diferentes, pertencimento ao povo surdo. Os Estudos Surdos foram iniciados na Universidade Federal do Rio Grande do Sul com a chegada do professor visitante Carlos Skliar no ano de 1996.

Grupo de Estudos Surdos foi iniciado pela prof^a Dra. Ronice Quadros na UFSC e atualmente está em vias de solicitação com os atuais pesquisadores surdos e ouvintes. Este grupo tem um trabalho voltado para os surdos, envolvendo ensino, pesquisa e extensão com alunos em graduação, mestrandos, doutorandos e a comunidade em geral.

¹⁵ CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior que tem o objetivo principal de subsidiar o MEC na formulação das políticas de pós-graduação, coordenando e estimulando, mediante a concessão de bolsas de estudos, auxílios, apoios, estabelecendo, ainda, critérios para o reconhecimento pelo Ministério da Educação dos cursos de mestrado e doutorado novos e em funcionamento no Brasil. (fonte: <http://www.capes.gov.br/> acessado em 03/04/2008)

¹⁶ CNPq: O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) é uma agência do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) destinada ao fomento da pesquisa científica e tecnológica e à formação de recursos humanos para a pesquisa no país. (...) O CNPq oferece várias modalidades de bolsas aos alunos do ensino médio, graduação, pós-graduação, recém-doutores e pesquisadores já experientes. (fonte: <http://www.cnpq.br/cnpq/index.htm>, acessado em 03/04/2008)

Durante a trajetória de meu curso de doutorado na UFSC, para escrever a minha tese tenho pesquisado e trazido às experiências narradas e escritas do povo surdo e também minhas próprias como ‘ser surda’; vislumbrando os muitos caminhos históricos que o povo surdo tem percorrido ao construir suas identidades e de reconhecimento de suas diferenças culturais.

A fim de aprofundar a minha investigação, tenho tido contato com muitas leituras e teorias que o GES da UFSC tem me disponibilizado. Os campos de Estudos Culturais têm me aproximado mais das idéias dos Estudos Surdos.

Os discursos sobre a cultura e identidade surda recebem ênfase nos debates na teoria dos Estudos Culturais e associando-os a sua importância para com a história de surdos. À medida que fui avançando nas leituras das teorias no campo dos Estudos Culturais, me deparei com as novas formas de pensar, e isso me permitiu modificar e ampliar minhas reflexões.

Com finalidade de situar a leitura desta tese no intuito de aportar as diferentes discussões e reflexões, baseando-se em fundamentos históricos de surdos que ampliam novos olhares acerca de representações dos surdos e do povo surdo, a tese foi organizada da seguinte forma, sendo dividida em seis capítulos:

O capítulo 1, – **“Estudos Culturais: buscar a história do povo surdo”** propõe ponderação sobre a parte teórica que norteia os discursos desenvolvidos durante a pesquisa realizada no doutorado e também provoca reflexões acerca dos Estudos Surdos em relações à construção de identidades surdas. ‘Surdos como diferença ou deficiência?’ é um tópico em que são apresentados os diferentes contextos das representações relacionadas aos sujeitos surdos que marcaram a história, expõem os diferentes olhares dos profissionais da área de saúde, educacional e da sociedade, mostrando as representações imaginárias dos ‘colonizadores’ que trazem uma série de estereótipos ao povo surdo através das várias ocorrências históricas nos últimos séculos.

No capítulo 2, **“Diferentes ‘olhares’ na história”** é feita uma relação de diferentes contextos do povo surdo, assinalando as variedades das visões e diferentes interpretações da história de surdos que podem ser voltadas para as sensibilidades ou para as críticas, que nos remetem reflexões profundas. A maioria dos registros feitos na história dos surdos sempre acentua a concepção clínica da surdez, refletindo a visão do grupo hegemônico dos sujeitos

ouvintes e seus modelos oralistas, não se respeitando a visão cultural do sujeito surdo, que emerge dos seus movimentos e lutas.

O capítulo 3, “**Os acontecimentos históricos registrados**”, apresenta diversas teorias oficialmente narradas pelos vários autores, que vem compondo a história com a visão de que sujeitos ouvintes controlam o passado do surdo, o futuro do surdo e o presente do surdo. Também se proporciona uma visão geral de que através de relações de poder do colonizador ouvinte com os sujeitos surdos perpassou-se por muitos séculos, suportando massacres físicos, torturas, tormentos, além de terem sido cobaias nas mãos de muitos experimentos médicos.

No capítulo 4, **Metodologia** se descreve ensaios de teorias utilizadas nesta pesquisa de tese em torno do estudo da história da primeira escola de surdos em Curitiba. Demonstrando que o trabalho com as metodologias das análises narrativas podemos perceber como podem resultar as construções de uma história de surdos e com a ‘etnografia’ podemos coletar os dados bibliográficos e depoimentos informais para percebermos um povo surdo como um grupo cultural e lingüístico.

O capítulo cinco, “**Narrativas surdas: subjetividade e memórias ocultas**” perpetra as interpretações das narrativas produzidas pelos sujeitos surdos que foram entrevistados durante a pesquisa da tese no sentido de identificar as descrições sobre suas visões históricas diferenciadas, que permitam construir a história dos surdos na escola, no espaço colonial, ou como sujeitos surdos na diferença lingüística cultural.

O capítulo 6, **Reflexões finais** por fim, destina-se à síntese dos principais aspectos resultantes desta pesquisa em que almejamos oferecer alguns subsídios inovadores na visão dos povos surdos para a história.

Com base nessas perspectivas é que se situa essa pesquisa de tese, que resgata os discursos dos sujeitos surdos que foram silenciados e diluídos nos relatos registrados, demonstrando, ainda que tardiamente, que também foram e continuarão sendo atuantes em sua história.

Como mulher surda que também protagonizou muito dos momentos históricos que são resgatados neste trabalho, tanto como ‘surda’ quanto profissional da área, pretendi realizar uma pesquisa que retrate a história que os sujeitos surdos gostariam de ter contado, se tivessem tido oportunidade de fazer ecoar seu discurso, “minha voz” na “sua voz”!

CAPÍTULO 1

ESTUDOS CULTURAIS: BUSCAR A HISTÓRIA DO POVO SURDO

*“Não apenas o sujeito enraíza-se na história,
mas o próprio conceito de sujeito é uma invenção
historicamente determinada”*
Veiga-Neto

1.1. Estudos Culturais e Estudos Surdos

Dentro dos Estudos Culturais podemos perceber as lutas políticas de diversos grupos, procurando perceber os diferentes olhares de muitas manifestações culturais, principalmente aqueles que enfatizam resistências presentes nos povos surdos às práticas ouvintistas.

É por meio da cultura¹⁷ que um povo se constitui, integra e identifica as pessoas e lhe dá o carimbo de pertencimento, de identidade. Neste caso, a existência de uma cultura surda¹⁸ ajuda a construir as identidades das pessoas surdas dentro da sociedade. De acordo com a pesquisadora surda Perlin (1998), as identidades são múltiplas e multifacetadas, podendo ser definidas em várias categorias, sempre dependendo de suas vivências sociais; assim como vemos aqueles que nasceram ouvintes e ensurdeceram, aqueles que tiveram contato tardio com a comunidade surda, aqueles que continuam com uma identidade dividida entre os dois mundos e aqueles que se guiaram sempre pela experiência visual.

Os principais autores pesquisados para minha tese no campo dos Estudos Culturais foram: Hall (1997, 2004), Mattelart (2004), Silva (2000-b), Bhabha (2005) e outros; os mesmos apresentaram um prestimoso trabalho de pesquisa que constituem material de reflexão que nos permite entender a cultura, a identidade e as representações dos surdos.

Segundo Hall (1997), a preocupação com a cultura ocupa uma posição influente para com os significados das relações sociais e os problemas políticos; as formas como os diferentes grupos culturais e sociais são neles representados é a mais importante marca dos Estudos Culturais.

¹⁷ Na teorização introduzida pelos Estudos Culturais, a cultura é como campo de luta entre os diferentes grupos sociais em torno de significação (SILVA, 2000, p.32)

¹⁸ Para saber mais sobre cultura surda, ler: STROBEL, Karin. *“As imagens do outro sobre a cultura surda”*, Florianópolis, Editora UFSC: 2008.

Acho oportuno questionar agora: o que são, enfim, Estudos Culturais? Onde surgiu esse movimento? Do que trata esse campo?

A origem dos Estudos Culturais começa com a fundação do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos criado na Universidade de Birmingham, Inglaterra, em 1964, por um pequeno grupo de pesquisadores reunidos em torno da discussão sobre 'cultura'; os iniciantes deste centro foram Richard Hoggart, Stuart Hall e Richard Johnson. Grupos culturais antes silenciados nos mais diferentes espaços articulam-se e reivindicam discursos e representação de suas culturas, seus valores e suas lutas.

Durante muito tempo utilizaram referências claramente marxistas, nos anos 80 esse predomínio cede lugar ao pós-estruturalismo com vários autores, entre eles Michel Foucault, Jacques Derrida e outros.

Nos anos 90, essas referências passaram a incorporar as idéias e o estilo pós-moderno, com as pequenas narrativas, os questionamentos dos conhecimentos científicos, a discussão das identidades pós-modernas ou multifacetadas.

Os campos de estudos culturais passaram, ao longo desses quase quarenta anos de existência, por influências em diferentes áreas da Antropologia, da Sociologia, da Filosofia, da História, da Política e outros. Hall (apud ESCOSTEGUY) comenta que: "Estudos Culturais não configuram uma 'disciplina', mas uma área onde diferentes disciplinas interagem, visando ao estudo de aspectos culturais da sociedade" (2000, p.137).

Atualmente, os estudos culturais não estão mais limitados à Inglaterra, expandiram-se para os Estados Unidos, Austrália, Canadá, África, América Latina, Brasil e outras regiões.

Com os Estudos Culturais aproximamos os Estudos Surdos para compreender sobre as práticas culturais e sociais na constituição identitária de sujeitos surdos, e analisamos as atribuições de significados dessas práticas em seu cotidiano.

Refletindo dentro de contexto da história de surdos, seguimos Hall (2004, p.10) em sua obra 'A identidade cultural na pós-modernidade', em que cita três posições diferentes com relação à identidade:

- 1) A visão iluminista que tendia para a perfeição do ser humano. Na Roma Antiga, os romanos herdaram dos gregos o amor pela perfeição física, os recém nascidos que apresentavam imperfeições evidentes eram sacrificados; é possível que

do mesmo modo muitas crianças surdas não fugiram daquele destino bárbaro. Posteriormente não acreditavam que os surdos fossem capazes de receber educação, eram considerando ‘imperfeitos’, então os sujeitos surdos eram marginalizados e excluídos da sociedade, sem ter uma vida ativa.

2) A visão sociológica em que as identidades se moldam nas representações sociais. Nos séculos XIX e XX os sujeitos surdos eram representados num ‘olhar’ clínico predominante na sociedade hegemônica onde o ‘normal’ era ouvir e falar; então eram considerados como ‘doentes’ e ‘anormais’, muitas vezes eram isolados nas instituições como internatos e asilos e a sociedade fazia muitas caridades e assistencialismo para ajudar estes ‘enfermos’.

3) A pós-modernidade, quando as identidades são fragmentadas, os sujeitos surdos eram/são colocados nas escolas onde os professores ensinam os surdos com modelo de identidade de pessoas ouvintes não os permitindo-lhes construir a identidade surda, sendo representados como ‘deficientes’. Hoje, os sujeitos surdos querem ser representados como ‘diferença’ lingüística e cultural, assim como Hall (2004) afirma, está sendo discutida sobre a questão de identidade na teoria social, porque as velhas identidades estão em decadência, fazendo surgir novas identidades fragmentadas.

Quais conseqüências isto nos traz sobre as identidades de surdos? Que identidades são estas? Valho-me para esta reflexão de minhas narrativas anteriormente feitas para o memorial.¹⁹

Eu não percebia o que era ser surda até ter mais ou menos seis anos de idade, antes percebia que todos em casa conversavam comigo através de gestos, apontações e de articulações lentos dos lábios. No decorrer da vida diária não tinha motivos para pensar sobre as diferenças porque minha mãe comunicava desta mesma forma com os meus dois irmãos acho porque eles eram pequenos ainda. Até que de uma forma incidental aconteceu em que eu estava observando a mãe conversar falando rapidamente com minha irmã e eu não a entendia, minha irmã respondia falando e eu entendi que ela era igual como meus pais, como aos meus vizinhos, como as outras pessoas na rua e comecei a compreender que eu era diferente do resto de família e eu

¹⁹ Para compor a introdução a este tese coloquei um extenso memorial com minha própria narrativa. Como ficou grande demais o recortei e guardei para possíveis utilizações futuras. No texto estou utilizando as narrativas por conterem informações que acho que dão relevância ao que quero trazer para o texto da tese. Esta estratégia foi comentada e aceita pela banca de qualificação.

me senti sozinha contra o mundo porque eu não conseguia falar da mesma maneira que meus irmãos e pais. (STROBEL, 2004)

Associava a minha diferença com a maneira de comunicação e não com a falta de audição, me senti excluída de tudo, não tinha cumplicidade com alguém semelhante a mim e não tinha com quem me identificar.

Trago outro exemplo da autora surda Vilhalva, ela associava a diferença dela com a aparência física e por isto ficava confusa porque não se via diferente dos demais sujeitos:

(...) descobri que eu era diferente das demais crianças, isso aconteceu durante uma brincadeira de pau-a-pique, se é que existe essa brincadeira, todas crianças ficavam de um lado da outra e uma determinada pessoa gritava: 'já', e todos corriam e batiam em um local escolhido e voltavam correndo e para minha surpresa eu fiquei parada no mesmo lugar, levei um susto e pensei: - O que aconteceu? Por que eles correram e por que eu fiquei? Tudo isso passava de forma de um filme dentro de minha cabeça, senti em meu corpo algo estranho e comecei a procurar a diferença. Onde ela estava? Olhei para meu corpo dos pés a cabeça, procurava olhar as pessoas também dos pés a cabeça e nada encontrei de diferente. (...) (2001, p. 15)

Em muitas situações narradas pelo povo surdo, a maioria dos sujeitos surdos não acompanha os diálogos do dia-a-dia com seus parentes ouvintes durante as refeições, ou durante as programações na televisão e muitas vezes eles pedem aos parentes, pela pouca atenção, a explicação sobre tudo. O que encaixa bem também estes anseios destas crianças surdas é o que a autora surda Laboritt, explica:

Os adultos ouvintes que privam seus filhos da língua de sinais nunca compreenderão o que se passa na cabeça de uma criança surda. Há a solidão, e a resistência, a sede de se comunicar e algumas vezes, o ódio. A exclusão da família, da casa onde todos falam sem se preocupar com você. Porque é preciso sempre pedir, puxar alguém pela manga ou pelo vestido para saber, um pouco, um pouquinho, daquilo que se passa em sua volta. Caso contrário, a vida é um filme mudo, sem legendas. (1994 p.59)

Atualmente a questão das identidades surdas vem sendo debatida amplamente, a idéia de que os sujeitos surdos deviam ser forçadamente ajustados à sociedade ouvintista está em decadência e com isso vão surgindo as novas identidades. Essa afirmação de Hall sobre a chamada 'crise de identidade', "(...) é vista como parte de um processo mais amplo de

mudança” (...) (2004, p.7) pode ser comparada nas várias concepções históricas dos surdos, assim o fato ocorrido na minha vida, também escrito para o memorial:

Quando eu comecei a freqüentar a associação dos surdos, uma professora questionou a minha mãe “você vai fazer sua filha a desaprender a falar”, fico com nó na minha garganta quando penso muito nisto. Pois esta mesma professora tinha uma irmã surda que era muito reprimida sempre isolada em sua casa e com conflito de identidade e com uma fala difícil de compreender, acredita? Com estes tipos de pessoas eu aprendi um sentimento de que era preciso esconder de que sou surda, fingir e imitar os outros que ouvem e isto me fazia ficar mais confusa. (STROBEL, 2004)

Só quando eu tive acesso à língua de sinais na adolescência, depois de muito sofrimento e de negação da surdez, é que eu pude construir a minha identidade surda e com isto abriram-se as portas do ‘saber’ sobre o mundo e, só ai, comecei a compreender as coisas. Explicado por Perlin: “Identidades surdas de transição (...) no momento em que esses surdos conseguem contato com a comunidade surda, a situação muda e eles passam pela desouvintização da representação da identidade”. (1998, p.64)

A mudança estrutural nas sociedades modernas está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, fazendo com que nossas identidades pessoais mudem também.

A sociedade moderna sofre de mudança constante, rápida e permanente, que faz com que os sujeitos alterem o seu jeito de agir, sem o fim de rupturas e fragmentações internas em sua subjetividade, deslocam as identidades estáveis do passado que era vivido e conceptualizada de forma diferente, mas que na pós-modernidade libertam das bases tradicionais, permitindo que abram a possibilidade de criação de novas identidades.

Identidades são contraditórias, cruzam-se e também se deslocam mutuamente, atuam tanto na sociedade, quando no interior do ‘eu’, podem ser reconciliadas e representadas e tornando-se politizada, sofrem mudança de uma política de identidade do grupo dominante, para uma política de diferença, ou seja, de identidade cultural.

No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural, nós não somos apenas cidadãos legais de uma nação, também participamos da idéia da nação, tal como representação de sua cultura nacional tendo sentimento de identidade e de lealdade.

As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. (HALL, 2004, p.51)

A cultura nacional atua como fonte de significados culturais que enfoca a identificação e um sistema de representação majoritária, bem como complementa o Hall:

(...) as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação. Nós só sabemos o que significa ser “inglês” devido ao modo como a “inglesidade” (...) veio a ser representada – como um conjunto de significados – pela cultura nacional inglesa. (2004, p.48-49)

Não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional procura unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencente à mesma e grande família nacional e é também uma estrutura de domínio cultural. Porém, questiona Fernandes em sua tese de doutorado:

(...) De que tipo de identidade nacional, edificada em práticas discursivas, estaríamos então falando, se os surdos são comumente narrados como incapazes e a surdez é vista, invariavelmente, como ‘condição’ negativa? Como são constituídas as práticas discursivas em torno de suas identidades? (2003, p.29)

Quando nos referimos à identidade cultural do surdo, referimos-nos ao sentimento de pertencimento a uma cultura do povo surdo, aquela onde nos absorvemos no contato com o povo, então como ficaria a tão citada cultura nacional para os surdos?

O povo brasileiro cresce aprendendo a amar e respeitar a nação, cantam o hino, fazem rituais e costumes em memórias e tradições nacionais e transmitem narrativas de gerações antigas para atuais. E os povos surdos, que também são brasileiros, como ficam?

Como eles podem conhecer, entender e compartilhar a importância e os significados dessas memórias, do hino nacional, que é cantado com dignidade, emoção e de respeito pela pátria, já que isto é transmitido como cultura nacional, mas de brasileiros ouvintes? Como quebrar esta barreira imposta pela falta de comunicação e de produzir interculturalismo satisfatório entre povo brasileiro e povo surdo brasileiro? Segundo Fleuri:

(...) intercultural não se reduz a uma simples relação de conhecimento: trata-se da interação entre sujeitos. Isto significa uma relação de troca e de reciprocidade entre pessoas vivas, com rostos e nomes próprios, reconhecendo reciprocamente seus direitos e sua dignidade. Uma relação que vai além da dimensão individual dos sujeitos e envolve suas respectivas identidades culturais diferentes. (2001, p.118)

Muitas vezes o povo surdo é reservado porque a sociedade brasileira ainda vê sujeitos surdos como ‘deficientes’. Recentemente em um documentário de televisão americana, ‘Som e Fúria’, uma mãe de um surdo conversando com uma mulher surda, sobre a decisão dela em fazer implante coclear²⁰ no seu filho. A mulher surda pergunta à mãe do implantado: ‘(...) *você não aceita a surdez de seu filho?*’, a mãe respondeu: ‘*claro que aceito a surdez de meu filho, mas eu quero que ele tenha uma vida normal*’. Isto é muito corriqueiro na sociedade ouvinte, dizem que aceitam os surdos, que aceitam a língua de sinais e a cultura surda, mas ainda vêem surdos como ‘anormais’, pois acham que falta algo na vida dos surdos e isto dificulta que os mesmos construam as suas identidades surdas com sua diferença cultural, isto é porque para a sociedade, a falta de audição é ser ‘anormal’. Refletiremos mais a respeito na secção a seguir, Representação social: surdos como diferença ou deficiência?

Voltando a identidade cultural nacional, o autor Wrigley nos traz uma reflexão interessante: “Surdez é um país sem um ‘lugar’ próprio. É uma cidadania sem uma origem geográfica” (1996, p.11). Mostro aqui o relato de uma surda na tese de Fernandes:

(...) A mãe adentra o quarto e depara-se com o olhar curioso e angustiado da filha surda, adulta, diante do mapa-múndi. Seus gestos atropelam-se na ânsia de receber uma resposta que a oriente: _ Mamãe, os japoneses moram aqui no Japão; aqui é a Alemanha, o país dos alemães; a Itália é o país dos italianos; onde fica o país dos surdos, mamãe? Qual é o meu país? (2003, p.26.)

Na história moderna, as culturas nacionais têm dominado a ‘modernidade’ e as identidades nacionais tendem a se sobrepôr a outras fontes mais particularistas, de identificação cultural.

Em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixadas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições, de diferentes tradições culturais e que

²⁰ Implante Coclear: é um aparelho que serve para recuperar a audição em casos de surdez profunda bilateral e se compõe de partes internas e partes externas; é feita uma cirurgia na parte interna com anestesia local, onde colocam o estimulador e receptor na cóclea. Na parte externa tem o microfone e um processador de fala.

são produtos desse complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado.

Poderia o surdo ter o próprio país, ou mundo? Segundo o Jornal New York Times, Dakota, Sul de EUA, o surdo Marvin T. Miller, prevê uma cidade construída tendo como a língua oficial a língua de sinais, assim como afirma: *“A sociedade não está fazendo um bom trabalho em nos integrar, meus filhos não têm modelos em suas vidas: prefeitos, gerentes de fábricas, trabalhadores do serviço postal, donos de negócios. Por isso, estamos criando um lugar para mostrar nossa cultura, nossa sociedade”*.

(...) Marvin Miller já conseguiu apoio de cerca de 100 famílias para fundar um vilarejo no Estado da Dakota do Sul que terá a linguagem dos sinais como principal idioma. (...) A cidade deve se chamar Laurent²¹ e abrigar cerca de 2,5 mil pessoas. "Os professores vão ensinar por meio de sinais, os debates na Câmara Municipal serão na linguagem de sinais e os funcionários de restaurantes terão de saber atender com sinais", diz o jornal.(2008)²²

O povo surdo não tem um país, mas metaforicamente, ele tem uma história, seu mundo diferente ao de ouvinte. Respeitando a língua de sinais e os seus valores culturais é uma porta aberta para o mundo dos surdos.

Muitos sujeitos estão cientes que existe ‘povo surdo’, ‘cultura surda’, no entanto não o conhecem ou não sabem o que são, como é a sua organização, cultura, tradições, regras e outros. Então de fato, para a sociedade, o ‘povo surdo’ é um ‘povo imaginário’, com sujeitos também ‘imaginários’, assim como questiona Benedict Anderson (Apud HALL):

As nações (...) não são apenas entidades políticas soberanas, mas “comunidades imaginadas”. (...), não apenas para seus povos, mas para as artes e culturas que produzem, onde um certo “sujeito imaginado” esta sempre em jogo. Onde começam e onde terminam suas fronteiras, quando regionalmente cada uma é cultural e historicamente tão próxima de seus vizinhos e tantos vivem a milhares de quilômetros de “casa”? (2003, p.26)

Continuando esta reflexão do ‘imaginário’, segundo o autor Barros: “(...) a história do imaginário é atravessada pelo conceito de ‘imagem’, que não se prende apenas ao de imagem visual, mas abarca também o âmbito das imagens e das imagens mentais” (2004, p.22).

²¹ Em homenagem a Laurent Clerc, um educador dos surdos francês da década 1800.

²² Fonte: http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2005/03/050321_pressreviewms.shtml, acessado em 13/05/2008.

Como vemos a reflexão acima, dentro de contexto de cultura nacional para o povo surdo, a imagem dos surdos como ‘deficientes’ está atada na imagem mental dos sujeitos ouvintes, pois sujeitos surdos são considerados ‘exóticos’, isto é, ‘diferentes’ para o povo ouvinte, que faz mexer com a cabeça, criando o ‘imaginário’, um tipo de autonegação da sociedade ouvinte que não está pronta para receber ou concordar com a cultura surda, pois ainda vêem o povo surdo como ‘incapazes’.

Ressalto que a identidade da cultura não é uma identidade natural, geneticamente adquirida, ela é construída assim como diz o Hall, “Uma cultura nacional é um discurso - um modo de construir sentidos que influenciam e organizam tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (HALL, 2004, p.50).

Perlin (1998) vê a identidade surda em construção, em movimento, em constante transformação. Explica que, para representar a identidade surda, há necessidade de afastar-se da visão clínica para uma visão de alteridade cultural. Os surdos procuram seus iguais, sentem satisfação em estar juntos, com eles formam um grupo e tem sensação de pertencimento.

A autora narra o exemplo de uma surda de 25 anos que demonstra esta necessidade de pertencer e se identificar: “aquilo no momento do meu encontro com os outros surdos era o igual que eu queria, tinha a comunicação que eu queria, aquilo que identificava eles identificava a mim também, e fazia ser eu mesma, igual” (PERLIN, 1998, p.54)

Para ilustrar esta reflexão, Laboritt (1994) apresenta um depoimento de sua vivência como surda:

A criança surda tem necessidade de identificação com os adultos (surdos), uma necessidade crucial. É preciso convencer todos os pais de crianças surdas a colocá-las em contato, o mais rápido possível, com adultos surdos, desde o nascimento. É preciso que os dois mundos se entrelacem, aquele do barulho e o outro, do silêncio. O desenvolvimento psicológico da criança surda se fará mais rapidamente e bem melhor. Ela construirá longe daquela solidão angustiante de ser a única no mundo, sem idéias construtivas e sem futuro. (1994, p.49)

O campo dos Estudos Culturais teve influência nas minhas reflexões sobre a história de surdos, utilizando conceitos fundamentais, tais como cultura, identidade e diferença, sem falar que atribuem um novo sentido ao conceito de representação e mostram como as lutas por imposição de significados, a política da diferença e da identidade é vivida em toda a sua

intensidade, bem como a negociação de espaço, a busca de posições de poder como nas narrativas que fiz para o memorial:

Lembro uma vez de uma ocasião de quando eu tinha sete anos, em um dia muito quente e eu tinha uma vontade incrível de tomar coca-cola. Pedia a minha mãe apontando com o dedo indicador para a garrafa vazia, ela me respondeu: "você quer coca-cola? Então lhe dou dinheiro e você atravessa a rua e vai comprar lá em armazém em frente" eu gritava e implorava... "Não", pois tinha vergonha porque falava errado e queria que minha mãe fosse comprar para mim. No fundo do coração de minha mãe doía, mas ela sabia que era para o meu bem. Eu fui ao armazém e eu falei com voz tremida: "coca-cola", então o homem me deu a cola que acabei levando. A minha mãe perguntou: "é isto que você quer tomar?" com a minha resposta negativa ela me fez voltar acompanhando-me junto e com isto me senti mais segura e com passos firmes entrei no armazém e reclamei ao homem que não queria cola e sim coca-cola, o homem então, trocou a cola por coca-cola... E assim pensei: "puxa, não precisei de minha mãe pra isto!", foi um fato que me marcou e me fez refletir muito porque foi daí que aprendi a ter minha própria independência. (STROBEL, 2004)

1.2. Representação social: surdo como diferença ou deficiência?

Nesta seção, analiso as representações de surdo produzidas na história dos surdos, estabeleço relações entre as representações produzidas pelo discurso ouvintista e pelo discurso do povo surdo, tal como se percebem e como percebem as pessoas a sua volta. A representação social, segundo autores Oliveira e Werba (apud BORNE) é:

(...) buscar as informações de como determinados grupos se constituem, como expressam sua identidade, quais suas representações sobre diferentes aspectos, principalmente os relacionados às suas particularidades, no caso de surdos, possibilita a descrição demonstrando uma realidade e conseqüentemente uma melhor compreensão de suas concepções formadas a partir de sua história existencial e social. (2000, p.01)

Á medida que aprofundamos as nossas reflexões a respeito do povo surdo, verificamos o quão as representações imaginárias têm os povos ouvintes acerca de sujeitos surdos. O povo ouvinte por falta de conhecimentos nomeia erroneamente os sujeitos surdos, muitas vezes vêm-nos com inferioridade. A sociedade não conhece nada sobre o povo surdo e, na maioria das vezes, fica com receio e apreensiva, sem saber como se relacionar com os sujeitos surdos, ou tratam-nos de forma paternal, como "coitadinhos", ou lidam como se tivéssemos "uma doença contagiosa", ou de forma preconceituosa e outros estereótipos causados pela falta de conhecimento, complemento no que a autora surda cita:

Os surdos geralmente ficam incomodados quando a língua de sinais chama a atenção dos outros ao seu redor. Estendem os olhares não só como curiosos, mas também como de desprezo. A principal causa desse comportamento originou-se em razão da geração passada dos surdos daqui ser mantida na opinião que a língua de sinais é inferior à língua oral. (...) algumas vezes me esforço e devolvo o olhar dos outros com um sorriso. Eles não têm culpa. Talvez não tenham recebido as informações necessárias (...) (STRNADOVA, 2000, p.81).

Na trajetória histórica dos surdos, fazem-se referências a atendimentos sobre como as representações dos surdos seguem um padrão por parte dos educadores, médicos, fonoaudiólogos, entre outros, que atuam com os sujeitos surdos, como diz Perlin, em sua tese de doutorado:

(...) discurso constituído tem sua historicidade, teve seus inícios diretamente com os profissionais que trabalharam diretamente com os surdos. Os profissionais se apresentaram em campos distintos: escola e clínica. As representações para os surdos na escola e na clínica foram produzidos em articulações discursivas que os representam, nomeiam, definem, limitam, explicam, normalizam e mesmo alteram sua identidade. (2003, pg. 38)

Os surdos sempre foram, historicamente, estereotipados como seres inferiores, pois afinal, faltava-lhes a propriedade essencial para a sociedade que é a linguagem oral e auditiva.

Reforça Muller:

As narrativas baseadas em tais representações são informadas pelo discurso medicalizado da deficiência que se opõe, criando/legitimando, a uma norma ouvinte. Essa invenção tem base em uma forma iluminista de conhecer o outro que essencializa e naturaliza as representações mascarando a questão política da diferença (2002, p.15).

Nos registros da história dos surdos revela-se que a sociedade sempre se preocupou em ‘cuidar’ do sujeito surdo, desde os séculos passados até os dias atuais; com esta representação paternalista o sujeito surdo era identificado na sociedade como um ser que necessita de cuidados.

Eu não devo aceitar, eu sou ‘normal’. Isso é o que todos pensam. Ninguém é normal em detrimento do outro que é deficiente, quem disse que o padrão é o que estamos vivendo hoje? Nos primórdios da Humanidade todos falavam por gestos e urro, depois se desenvolveu a fala até os dias de hoje. Quem sabe o amanhã? E se todos os seres humanos começarem (por uma falha genética da raça) a perder sua audição por milhares de anos e enfim todos forem surdos e nascer um ou outro ouvinte. Então o deficiente seria o ouvinte (JÚNIOR, 2005).

Assim, na Antiguidade, os sujeitos surdos eram estereotipados como ‘anormais’, com algum tipo de atraso de inteligência, devido à ausência de pesquisas científicas desenvolvidos na área educacional. Para a sociedade, o ‘normal’ era que: é preciso falar e ouvir para ser aceito, então os sujeitos surdos eram excluídos da vida social e educacional; não havia escolas para os sujeitos surdos e existiam muitas leis que não acreditavam na capacidade de surdos:

(...) ao final da data antiga, falávamos em textos jurídicos de opinião sigilosa, também equiparando entre surdos e dementes, nada disso nos devia nos assombrar, por isso muitas legislações que não estavam em vigência, apresentavam os mesmos erros conceituais. (QUIRÓS, 1966, p.154)

Faço menção a um exemplo, de uma surda que depois que passou o vestibular no curso de pedagogia, batalhou para conseguir um intérprete de língua de sinais para um melhor acompanhamento das aulas e o Reitor da Universidade negou como expõe um trecho de jornal: “(...) Ele afirma que a presença de uma pessoa estranha no curso distrairia a atenção dos demais alunos (...) Ele não percebe, mas estamos ensinando essa menina a conviver em um mundo normal (...)” (SILVA, 2000, p.3)

Uma vez eu fui dar aula para um grupo de profissionais em uma cidade do nordeste do Brasil; e uma psicóloga que trabalhava muitos anos com os surdos e sabe a língua de sinais me fez a pergunta: – Por que você não faz uma operação para ouvir? E respondi com outra pergunta: – Para que? Ela me respondeu: – Para você ter uma vida normal! Fiquei refletindo: uma psicóloga que trabalha com os surdos há muito tempo me via como ‘anormal’, o que tenho de anormal? Será que ouvir é normal e não ouvir é anormal? Como uma psicóloga bilíngüe pode trabalhar com os surdos se os estereotipa de ‘anormais’? (STROBEL, 2008, p.81)

Com a evolução dos estudos da medicina sobre a surdez, as ciências da vida começaram a categorizar os sujeitos surdos, segundo suas representações, em graus de surdez (os surdos leves de um lado, e os profundos em outro extremo); desse modo, os surdos passaram a ser considerados ‘doentes’ e ‘deficientes’. O fato de os sujeitos surdos terem dificuldade para ouvir e falar é que reforçou esta representação (STROBEL, 2006).

Então, se um sujeito surdo se sobressai e excepcionalmente aprendeu a falar e a ler os lábios, isto faz muita diferença na representação social, de fato, quanto mais insistem em colocar “máscaras” nas suas identidades e quanto mais manifestações de que para os surdos é importante falar para serem aceitos na sociedade, mais eles ficam nas próprias sombras, com medos, angústias e ansiedades. As opressões das práticas ouvintistas são comuns na história passada e presente para o povo surdo. (STROBEL, 2007, p.27)

Essa representação para a surdez e da língua vem acompanhada das variações de conceitos das terminologias marcadas socialmente, o deficiente auditivo, a surdez, o surdo. Como diz Sasaki (2008), qual terminologia adequada chamará esta pessoa? Como nos referiremos a ela? De surda? De pessoa surda? De deficiente auditiva? De pessoa com deficiência auditiva? De portadora de deficiência auditiva? De pessoa portadora de deficiência auditiva? De portadora de surdez? De pessoa portadora de surdez? Tem tantas terminologias que até perturba a sociedade que embasam as informações acerca de surdos em várias teorias diferentes.

O interessante é que nos Estados Unidos as terminologias de nacionalidades, povos e línguas sempre levam em letra maiúscula. Por exemplo, já que os negros americanos têm um dialeto e cultura própria, eles escrevem '*Black*' e não '*black*' para referir-se a eles. Os brancos não têm uma cultura específica e, portanto '*white*' é escrito com minúscula.

Segundo os surdos lingüistas americanos Padden e Humphries (2000), o povo surdo americano optou por '*Deaf*'. '*Deaf*' com letra maiúscula representa a comunidade usuária da '*ASL*'²³ e uma cultura diferente, porém as pessoas que apenas têm "problemas de audição", como idosos ou ouvintes que subitamente perdem a capacidade de ouvir, não são '*Deaf*', mas sim '*deaf*'. O uso da palavra '*deaf*' com letra minúscula trata das pessoas que não ouvem, seja qual for a sua identidade cultural.

Os órgãos públicos, as universidades e outros deveriam se informar, pesquisar e se atualizar sobre as representações de forma mais adequadas, principalmente na mídia. Ramos explana que:

(...) as comunidades de surdos de todo o mundo passaram a ser comunidades culturais (...) "falantes" de uma língua própria. Assim, mesmo quando não vocaliza, um surdo pode perfeitamente "falar" em sua Língua de Sinais, não cabendo a denominação SURDO-MUDO. Por outro lado, a mudez é um tipo de patologia causado por questões ligadas às cordas vocais, à língua, à laringe ou ainda em função de problemas psicológicos ou neurológicos. A surdez não está absolutamente vinculada à mudez (...) Dizer que alguém que fala com dificuldades é MUDO é preconceituoso, não acham? (2005)

Tomando este comentário de uma discussão entre um grupo de surdos brasileiros: a terminologia 'surdo-mudo' provavelmente é a mais antiga denominação dada aos sujeitos

²³ ASL: American Sign Language

surdos em toda a história até hoje. Ainda hoje, alguns surdos ao invés de rejeitar a terminologia ‘surdo-mudo’, vendo como insulto, vêm abraçando esta terminologia, utilizando-o liberalmente para provocar, "sou mudo e daí! Não falo bem, e daí! Qual o problema!?" assumindo com orgulho. Para isto precisa de uma pesquisa mais aprofundada a respeito desta terminologia para futuras reflexões.

Para o povo surdo, a terminologia ‘Deficiente Auditivo’ é rejeitada porque define o surdo segundo sua capacidade ou ausência de ouvir e não a presença de uma cultura lingüística diferente.

Esta visão incapacita o sujeito surdo, não respeitando a sua língua de sinais e sua cultura, porque a falta de audição tem um impacto enorme para a comunidade ouvinte, que dá o estereótipo aos surdos de ‘deficientes’ pois a fala e audição desempenham o papel de destaque na vida ‘normal’ daquela sociedade. Repito que, de acordo com Skliar, a prática ouvintista se traduz por: *“(…), é nesse olhar-se, e nesse narrar-se que acontecem as percepções do ser deficiente, do não ser ouvinte; percepções que legitimam as práticas terapêuticas habituais”* (1998, p.15).

Deficiente Auditivo - D.A., este termo ‘deficiente’ geralmente é utilizado na área da saúde, em que nos classificam em graus de surdez e da perda sensorial de audição. Já os sujeitos que convivem com a comunidade surda usam o termo ‘surdo’, pois entendem que esta denominação engloba uma diferença cultural.

Aqueles dentro das comunidades dos surdos diferenciam entre a simples incapacidade de ouvir e sua auto-identificação como surdos. O grau de perda auditiva importa relativamente pouco. O que é importante, e o que é considerado como evidência básica para pertencer ao grupo dentro da comunidade maior é o uso de uma linguagem de sinais (WRIGLEY, 1996, p.13).

As clínicas e algumas escolas para surdos ainda hoje usam o estereótipo de ‘deficiente auditivo’, para algumas delas os sujeitos surdos com dificuldade de fala representam o fracasso dos próprios sujeitos surdos e não dos profissionais especialistas, pois não querem se responsabilizar pelo baixo rendimento de aprendizagem deles e conspiram aos pais de surdos e a sociedade leiga pra atribuir o estereótipo de surdos em ‘deficientes’. Veja um trecho de depoimento de uma fonoaudióloga que evidencia uma visão puramente clínica:

Esta "briga" entre SURDOS e D.A, ao meu ver é puro preconceito, pois os dois possuem sim a deficiência, ou seja existe um déficit auditivo, seja ele totalmente surdo ou parcialmente. Quanto a participar da comunidade surda ou ouvinte, isto é extremamente pessoal, pois na escola em que trabalho tem pessoas (crianças, adultos, idosos) que não se deram bem na comunidade surda, por que apresentavam resíduos consideráveis de audição, ouviam, precisavam ser estimulados, colocar AASI²⁴ se comunicar e outros que não possuíam resíduos auditivos. Agora, por que tentar oralizar um paciente que não tem nenhum resíduo auditivo?? E por que não usufruir de resíduos de audição para quem o possui e se dá bem com este resíduo? O que realmente interessa é que TODOS, independente de terem ou não resíduos auditivos, possam trabalhar, estudar, crescer, serem independentes e não começarmos agora com esta DIVISÃO de comunidade surda ou comunidade oralizada! Todos têm alguma deficiência, todos (...) se você quiser saber minha real opinião, acho muito pior Surdo do que D.A.(...) Eu quis dizer que acho a expressão ser surdo, mais forte, mas agressiva do que D.A! (ORKUT, 2006)

Segundo Skliar (1997) o uso do termo Surdo ou deficiente auditivo aponta, também e principalmente, para uma diferença de concepção da surdez:

A concepção clínico-patológica concebe a surdez como uma deficiência a ser curada através de recursos como: treinamento de fala e audição, adaptação precoce de aparelhos de amplificação sonora individuais, intervenções cirúrgicas como o Implante Coclear etc. Nesse sentido, o encaminhamento é o trabalho fonoaudiológico e a escola comum, com o objetivo de “integrar” a pessoa surda no mundo dos ouvintes através da “normatização” da fala.

E a concepção sócio-antropológica concebe a surdez como uma diferença a ser respeitada e não uma deficiência a ser eliminada. O respeito à surdez significa considerar a pessoa surda como pertencente a uma comunidade minoritária com direito à língua e cultura própria.

O fato é que, assim como vimos na secção anterior, não existe uma identidade surda exclusiva, ela é mutável e construída por papéis sociais diferentes, assim como pode ser além de surdo, rico, professor, alemão, católico e homossexual e também pelas línguas que constrói sua subjetividade, assim como língua de sinais e língua portuguesa.

A comunidade ouvinte estereotipa os sujeitos surdos de ‘deficientes’ que representa como falta de algo, não a presença de algo, porque para eles o silêncio é igual ao vácuo, pois a articulação e fala é privilegiada na sociedade enquanto a língua de sinais já não o é.

²⁴ AASI é aparelho de amplificação sonora individual, que aumenta os sons, possibilitando que o sujeito com surdez consiga escutar, este aparelho auditivo, tem vários tipos de fabricações e de diferentes modelos, o mais tradicional é o colocado atrás da orelha com molde da orelha interna.

A comunidade ouvinte da área da saúde ao estereotipar os sujeitos surdos como ‘deficientes’, faz com que os sujeitos surdos acreditem nas suas limitações que originalmente não tem, fazendo com que se conformem e se acomodem, e isto prejudica o desenvolvimento de suas potencialidades e nas construções de suas identidades culturais. Assim, reforça Sternberg: “Uma vez que as crianças são rotuladas (...) é acionado um conjunto de complexo de mecanismos que torna provável o rótulo se tornarem uma profecia auto-realizável, quer ela seja ou não originalmente correta” (2000, p.18).

Hoje têm muitos sujeitos surdos que acreditam neste estereótipo negativo, se acomodam e têm conflitos de identidades como conseqüências de muitos anos de opressões ouvintistas não respeitando suas identidades como diferença cultural ou pior ainda, em vez de se acomodarem, se revoltam contra prática de ouvintismo, recusando-se a aprenderem a falar e agir como mandam, isto atribue aos sujeitos ouvintistas o pretexto para proibir a aquisição da língua de sinais alegando que isto pode provocar os sujeitos surdos ‘preguiça’ para falar.

José: A identidade surda é aceitar ser surdo. Se a pessoa não aceita ser surda, só, não tem identidade própria. É... ele fica revoltado. Não aceita. Ele tem vergonha de ser surdo. Eu não... Eu não tenho vergonha de ser surdo. Eu exponho o meu problema, o que foi que causou. Então, eu exponho minha identidade de surdo, entendeu? Agora, tem surdo que tem vergonha, daí ele esconde a identidade dele.(SANTANA e BERGAMO, 2005, p.569-570)

Não podemos esquecer que, historicamente, os surdos sempre foram vistos como inferiores aos ouvintes, como deficientes que precisavam se adequar e caminhar para a "normalidade" e para isto precisavam se oralizar. Isto marcou por muitos anos a comunidade surda, que é uma minoria lingüística e que tem sim uma língua própria não oral! O surdo que tem vergonha de usar a língua de sinais não se reconhece como surdo e sim como um deficiente, ou seja, não conseguiu se libertar da visão de surdez que a sociedade atribuiu.

A maioria das pessoas da sociedade ou ignoram essas características e necessidades dos surdos ou ainda dá representação ao sujeito surdo com moldes do modelo clínico, ou seja, deficientes. Nesta concepção, os ‘deficientes’ precisam se adaptar a uma sociedade que não foi pensada para eles.

De acordo com Woodward, “a representação inclui as práticas de significação simbólica dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentidos à nossa experiência e àquilo que somos” (2005, p.17)

A representação está associada à identidade pessoal de cada sujeito, assim como afirma Silva: “(...) a representação concentra-se em sua expressão material como “significante”: um texto, uma pintura, um filme, uma fotografia. (...) as conexões entre identidade cultural e representação, com base no pressuposto de que não existe identidade fora da representação.” (2000-a, p.97)

A aceitação do termo surdo como mais apropriado (...) representa, também uma tentativa de minimizar o processo de estigmatização dessas pessoas, (...) através do qual a audiência reduz o indivíduo ao atributo gerador do descrédito social. A expressão surdo, como vem sendo empregada, tem favorecido identificar a pessoa como diferente, sendo esta diferença particularizada por ser decisiva para o desempenho. (DORZIAT, 2002, p.2).

Silva afirma que a identidade e a diferença estão estreitamente conectadas aos sistemas de significação, no qual é um significado cultural e socialmente atribuído. A identidade e a diferença estão estreitamente condicionadas de representação que dá poder de definir e determiná-las: “(...) é por isto que a representação ocupa um lugar tão central na teorização contemporânea sobre identidade e nos movimentos sociais à identidade” (2005, p.91)

As pessoas surdas, que estão politicamente atuando para terem seus direitos de cidadania e lingüísticos respeitados, fazem uma distinção entre ‘ser Surdo’ e ser ‘deficiente auditivo’. A palavra ‘deficiente’, que não foi escolhida por elas para se denominarem, estigmatiza a pessoa porque a mostra sempre pelo que ela não tem, em relação às outras e, não, o que ela pode ter de diferente e, por isso, acrescentar às outras pessoas (FELIPE, 2001, p.38)

Nos campos de investigação dos Estudos Culturais e dos Estudos Surdos vêm mostrando os estudos referentes aos sujeitos surdos, muitos deles feitos pelos próprios sujeitos surdos, atualmente a terminologia ‘surdo’ é a mais aceita sendo repelida a terminologia ‘deficiente auditivo’.

Trata-se de respeito pela expressão cultural surda com suas subjetividades, identidades, políticas, histórias, línguas, pedagogia e outros, sendo assim, o povo surdo se auto-identifica como ‘surdo’, que formam um grupo com as específicas características lingüísticas, cognitivas e culturais, sendo considerados como diferença. Reflete Perlin e Miranda “(...) ser surdo, a diferença que vai desde o ser líder ativo nos movimentos e embates

que envolvem uma determinada função ativa, até daqueles outros que iniciam contatos nos contornos de fronteiras²⁵” (2003, p.217)

A falta de compreensão da cultura surda tem sido problema na história dos surdos, nos quais sofreram negligências e perseguições historicistas²⁶, mas isto já está mudando e os sujeitos surdos não temem mais a prática ouvintista e lutam pela valorização de sua representação como diferença cultural! Menciono um fragmento da dissertação do pesquisador surdo Miranda:

Sou surdo! O meu jeito de ser já marca a diferença! Neste ponto devia começar a dissertação. Ser surdo, viver nas diferentes comunidades dos surdos, conhecer a cultura, a língua, a história e a representação que atua simbolicamente distinguindo a nós surdos e à comunidade surda é uma marcação para sustentar o tema em questão. A idéia de comunidade surda contestada e continuamente sendo reconstituída, particularmente diante da diferença defendida por poucos surdos e ouvintes de extrema esquerda, se apresenta mais como uma ameaça à representação do outro surdo (2001, p.8)

Antes, os sujeitos surdos eram considerados deficientes e a surdez era uma patologia incurável, agora, eles passaram a ser “diferentes”. São os sujeitos surdos que têm que dizer o que é melhor para eles, eles precisam respirar sua própria surdez sim, como os ouvintes respiram suas “ouvintez”. Assim sendo, como afirma uma surda:

O encontro Surdo com Surdo nós dá uma grande alegria, pois se percebe que possui mesma língua, mesma modalidade visual-espacial reconhecendo as diferentes identidades culturais que encontramos nas escolas de Surdos, associações, igrejas ,shoppings mas também encontramos Surdos vindos de famílias que não permitiram que usasse Língua de Sinais fazendo com que não constituísse uma identidade Surda e eles próprios não aceitassem a condição de Ser Surdo dificultando suas relações com os demais , mas quando eles começam a freqüentar mais esses encontros eles se fortalecem e acabam trazendo suas famílias aos encontros nas associações, igrejas e essas famílias também mudam o conceito da Cultura Surda e acabam aceitando e melhorando seu convívio. (RITA DE CASSIA MAESTRI, 2007)

²⁵ “Entendemos as identidades essenciais, ou ainda um essencialismo estratégico de que fala Bhabha como constantes do centro de um disco elástico em torno do qual existem as fronteiras, nesse sentido “contornos de fronteiras”. Andar na fronteira equivale ao hibridismo. (PERLIN e MIRANDA, 2003, p.224)

²⁶ Historicismo: doutrina segundo a qual cada período da história tem crenças e valores únicos; devendo cada fenômeno ser entendido através do seu contexto histórico; valorização excessiva da história. (http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx). acessado 20/07/2005. Nos Estudos Surdos, segundo PERLIN, a definição do Historicismo é a história concebida na visão do ouvintismo.

Concluindo assim, a representação 'surdo' tem procurado abrir o espaço igualitário para o povo surdo procurando respeitar suas identidades e sua legitimação como grupo lingüístico cultural diferencial.

Os povos surdos estão cada vez mais motivados pela valorização de suas 'diferenças' e assim respiram com mais orgulho e riqueza da suas condições culturais!

CAPÍTULO 2

DIFERENTES ‘OLHARES’ NA HISTÓRIA DE SURDOS

*O momento surdo x surdo é fascinante. Pode acontecer de várias formas.
O meu se deu aos 9 anos, em Curitiba na escola Epheta,
foi realmente de muita emoção, pois achava que era a única surda,
esse encontro foi fundamental para que eu pudesse ver o outro “eu” como surda,
com uma língua e identidade própria.
(IRENE STOCK)*

2.1. Os discursos diferenciados das histórias de surdos

Assim como percebemos ao ler o capítulo anterior, a identidade pessoal e representação são argumentos importantes da história de surdos, pois se refere tanto ao mundo interno do sujeito surdo quanto ao seu comportamento no mundo externo.

Esse processo se vincula a história pessoal de cada sujeito surdo, tanto em seus aspectos que é tido como ‘deficiente’ ou como na ‘diferença’ cultural.

Como os fatos presentes dão prosseguimento dos fatos passados, é possível verificar certa continuidade, certas semelhanças, rupturas e diferenças entre o que passou e o que acontece atualmente.

O sujeito surdo ao conhecer e a vivenciar a história de surdos desenvolve a sua identidade pessoal, do ‘eu’, começa a ter uma visão mais sistematizada acerca sua diferença e do povo surdo em que vive, através de suas descobertas e discussões, enxerga o mundo, discute, descreve e escreve o que vê, o que sente em relação ao seu ser surdo. Ele exterioriza a sua subjetividade e desenvolve sua auto-estima.

A história do povo surdo mostra que por muitos séculos de existência, a pedagogia, as políticas e muitos outros aspectos próprios do povo surdo têm sido elaborados sempre sob o ponto de vista dos ouvintes e não dos surdos que, quase sempre, são ignorados, desvalorizados enquanto sujeitos e profissionais que podem contribuir a partir de suas capacidades essenciais e de sua diferença: do ser surdo, assim como afirma Sá “ (...) denúncia de que minorias surdas tem sido excluídas do direito de ter sua cidadania plenamente desenvolvida e sua diferença amplamente considerada.” (2002, p.7|)

A maioria dos registros históricos foi escrita através de relatos, depoimentos, fatos vivenciados, avanços tecnológicos e observações de familiares e profissionais ouvintes. Assim reflete Wrigley:

Pintar psichistórias de grandes homens lutando para obter um lugar na história das civilizações dos que ouvem tem pouco ou nada a ver com representar as circunstâncias históricas das pessoas Surdas vivendo à margem daquelas sociedades que ouvem. (1996, p.38)

A presença do povo surdo é tão antiga quanto à humanidade. Sempre existiram surdos. O que acontece, porém, é que nos diferentes momentos históricos nem sempre eles foram respeitados em suas diferenças ou mesmo reconhecidos como seres humanos.

A existência dos surdos da antiguidade deve ter sido muito difícil devido às injustiças sofridas, porém o quase silêncio sobre o que se diz a respeito sobre eles é na verdade um sentido revelador. A forma parcial dos escritos de diferentes autores mostra-nos a superficialidade da história dos surdos registrada. Arriscaram em escrever algumas pesquisas, mas prudentemente se limitaram às análises nas quais os sujeitos surdos eram vistos como seres ‘deficientes’, conforme a definição de ‘ouvintismo’, assim como pronuncia Perlin (2004, p.80) “As narrativas surdas constantes à luz do dia estão cheias de exclusão, de opressão, de estereótipos”.

A história de surdos registrada segue várias trajetórias, nas quais citarei alguns olhares diferenciados que são por um lado o ‘Historicismo’, a história hegemônica, que é a história na visão da influência preponderante e superioridade do colonizador, e por outro lado, a ‘História Cultural’, a história na visão cultural dos colonizados, isto é, dos povos surdos, que infelizmente tem poucos registros. Reflete à autora Nídia de Sá a respeito destes dois ‘olhares’ da história de surdos: “ há uma luta pela prevalência sobre os poderes e os saberes que operam nas sociedades humanas. O palco desta luta é a sociedade como um todo. O pano de fundo é a opressão social e cultural (...)” (2002, p.1) e por último há outro olhar: “A História Surda camuflada” que seria o historicismo e a história cultural mistas.

Muitas vezes ficamos surpresos pela exposição aberta das épocas passadas onde a reflexão abundante é livre das ditaduras de metodologias, mas ao mesmo tempo, diversos métodos de educação de surdos estavam em gestação, adoravam confrontar quando os espaços se desafiavam uns aos outros, mas o coração fala tanto quanto a razão e a preocupação

de compreensão sobre surdez, encontram assim uma humanidade sensível as suas próprias contradições e trabalhando ativamente para integrá-las.

Neste sentido, por muitos anos o sujeito surdo esteve associado à deficiência mental. O despreparo dos profissionais ao atendimento aos surdos e a visão apenas clínica discriminou e marginalizou os surdos como sujeitos totalmente incapazes. No entanto, os surdos organizam-se e integram-se como sujeitos reais com potenciais pertencentes a uma comunidade lingüística onde a falta de audição não desempenha nenhum papel significativo (SKLIAR, 1998).

É por meio dos movimentos que os sujeitos surdos atuam politicamente para terem seus direitos lingüísticos e de cidadania reconhecidos, resistindo ao ouvintismo, tendo como fator principal de aglutinação à língua de sinais, pois se os surdos têm acesso a ela o mais precocemente possível terão uma integração bastante satisfatória à comunidade ouvinte (QUADROS, 1997).

Mesmo então, é ainda uma luta pelo poder entre grupos diversos no interior dos grupos étnicos sobre o que está sendo dito e quem diz o que, e quem está representando quem. Afinal, o que é uma comunidade? O que é uma comunidade negra? O que é uma comunidade de latinos? Tenho dificuldade em pensar nessas coisas todas como categorias monolíticas e fixas. (BHABHA, 2005, p.22)

Em vista de já estar presente, nesta virada de século, uma pedagogia que respeita a diferença, envolvendo grupos culturais como índios, negros, mulheres e tantos outros, o povo surdo vem fazendo uma caminhada no sentido de inscrever seus anseios e suas especificidades no quadro das políticas sociais e educacionais.

Categoria constitutiva da sua cultura é uma reafirmadora das diferenças entre classes, uma reprodutora de estereótipos e de oportunidades e objeto de investimentos diferenciados tanto no poder público como de mercado (MINAYO, 1999, p.222)

É admirável refletir que estas visões diferentes da história de surdos foram baseadas na maneira com que o povo surdo entende a história!

2.2. Historicismo: ocultando sinais de opressões

O historicismo busca fazer da história o grande princípio explicativo da conduta, dos valores e de todos os elementos sociais que marcam o desenvolvimento ou o progresso da história humana, demonstrando que os registros históricos ocorrem de acordo com a força dominadora, assim como explica Bhabha:

As grandes narrativas do historicismo do século dezanove, em que se baseiam suas pretensões ao universalismo – o evolucionismo, o utilitarismo, o evangelismo – também, foram, em outro espaço/tempo textual e territorial, as tecnologias da governança colonial e imperialista. É o “racionalismo” dessas ideologias do progresso que vai sendo crescentemente erodido no encontro com a contingência da diferença cultural. (2005, p.270)

Nas relações entre colonizadores²⁷ e colonizados é comum verificarmos o estabelecimento de tensões e conflitos relacionados à imposição de aspectos culturais do colonizador como é o caso de sua cultura, ou seja, de sua religião, de suas crenças, seus rituais e, sobretudo, de sua língua. Barros define o historicismo:

O ponto de partida do Historicismo é uma visão específica e particular da história (e não universalizante), considerando os fatos históricos como únicos e não-repetíveis. Contra uma história universal, válida para todos os povos, o historicismo propõe histórias nacionais e particulares. Seu interesse mais específico é a História Política, e uma de suas contribuições foi o aprimoramento da crítica interna dos documentos históricos. (...) (2005, p.207)

Então cada período da história tem crenças e valores únicos, devendo cada fenômeno ser entendido através do seu contexto histórico; no caso da história de surdos é a valorização excessiva da história do colonizador, assim como as narrativas dos colonizadores, isto é, dos ouvintes, que tiveram contato ao povo surdo se baseiam nas suas ambições às suas idéias de lideranças.

Em síntese, a história dos surdos, contada pelos não-surdos, é mais ou menos assim: primeiramente os surdos foram ‘descobertos’ pelos ouvintes, depois eles foram isolados da sociedade para serem ‘educados’ e afinal conseguirem ser como os ouvintes; quando não mais se pôde isolá-los,

²⁷ Segundo Bhabha (...) colocar a questão colonial significa ter em conta a questão problemática da diferença cultural e racial. Para ele, posicionar-se contra essa diferença significa colocar na prática a autoridade, através de estratégias discursivas e físicas, o poder discriminatório. Aqui uso a palavra colonialismo para significar o que o ouvintismo tem dentro dessa prática. (Perlin, 1998, p.67)

porque eles começaram a formar grupos que se fortaleciam, tentou-se dispersá-los, para que não criassem guetos. (SÁ, 2004, p.3)

A história, em suas várias ramificações, já se incumbiu de nos mostrar o nosso passado, a nossa evolução, mas a história da humanidade é geralmente a história do colonizador, por isto, muito pouco ficamos sabendo sobre a história cultural daqueles que são deixados a margem também da sociedade, mas que têm seus discursos excluídos, apagados, desviados pelos relatos registrados dos colonizadores.

O ponto de partida do historicismo é uma visão específica e particular da história dos surdos narrados pelos sujeitos ouvintes, considerando os fatos históricos como únicos e não-repetíveis, contra uma história cultural, válida para os povos surdos. Seu interesse mais específico é a História Política.

Então sob o olhar historicista, o interesse mais específico de desvendar os episódios em que os muitos sujeitos ‘salvaram’, ‘auxiliaram’ e ‘amparam’ o povo surdo da isolamento, do silêncio, demonstrando que este período da história tem maior credibilidade e valores únicos, devendo cada acontecimento ser entendido através do seu contexto histórico; no caso da história de surdos é valorização excessiva da história do colonizador. Frase igual na página 44.

Nos Estudos Surdos, o historicismo de surdos é definido como história de surdos na concepção ouvintista, há uma série de relatos realizados por sujeitos surdos que sofreram, como alunos ou espectadores, com as conseqüências do ouvintismo, que são passadas de geração em geração e que não estão registrados, o que nos mostraria o outro lado da história e nos ajudaria a entender a gênese dos povos surdos que atualmente estão se consolidando e sendo organizados em comunidades surdas, como por exemplo, as associações e federações.

A forma de como esta história de surdos é representada permite verificar que certos fatos e ações são norteados por algumas ‘verdades’ parciais que foram construídas a partir de conhecimentos equivocados de épocas anteriores, isto se deve, talvez, à atitude de negação da realidade, possivelmente pela ignorância destes conhecimentos, assim como diz Foucault (2005): as medidas rígidas contra os criminosos aparecem historicamente como se fossem corretamente, motivo de ‘orgulho’ e não de ‘vergonha’.

O eixo propulsor do historicismo tem sido a vontade do colonizador sobre o colonizado, no caso do surdo, a caridade e a visão negativa da surdez sem perspectiva de uma participação com sua diferença cultural mais efetiva, pois as narrativas sobre esta realidade do surdo foram realizadas de forma estigmatizada e preconceituosa “em que se afirma a existência de uma relação direta entre as deficiências auditivas e certos problemas emocionais, sociais, lingüísticos e intelectuais, que são inerentes à surdez e comuns a todas as crianças, jovens e adultos surdos do mundo inteiro” (SKLIAR, 1997, p.115), com isto gerando dificuldades referentes à prática da subjetividade e identidade.

Uma possível alusão à prática dos colonizadores está visível sob o aspecto clínico e mesmo sob o aspecto pedagógico, “definem-se os surdos como lingüisticamente pobres, intelectualmente primitivos e concretos, socialmente isolados e psicologicamente imaturos e agressivos” (SKLIAR, 1997, p.115).

Lane nos adverte que havia paternalismo e racismo em relação aos surdos por especialistas considerando-os como inferiores culturais e psicologicamente (1992, p.54).

Ele exemplifica a prática do poder do colonizador que entrega aos especialistas a criança surda saudável, mas que se torna uma criança ‘deficiente’ ao ser avaliada, pois agora é estereotipada com um modelo de enfermidade baseado no grau de surdez²⁸ e, a partir daí os especialistas preocupam-se não em educá-la, mas sim em oferecer tratamento clínico-terapêutico para a cura desta enfermidade. Assim como afirma Skliar:

É em virtude dessa sub-teorização, conseqüência de uma tradição histórica de controle do sujeito deficiente por experts e aficionados da medicina, que a população em geral não vislumbra a conexão possível entre a alteridade deficiente e seu status que, do mesmo modo em que muitos estão compreendendo hoje, por exemplo, as relações entre raça e gênero, e as estruturas contemporâneas de poder e conhecimento. (1999, p.17)

Durante longo tempo houve muitas discussões polêmicas a respeito do uso da língua de sinais, do oralismo, de diferentes métodos de ensino, de progressos tecnológicos relacionados à audiologia e outros, e geralmente os surdos estão excluídos destas discussões a respeito dos caminhos e possibilidades para sua vida afetiva, social e escolar.

Pela barreira de comunicação, muitos surdos deixaram de participar em reuniões políticas e outros pra darem suas opiniões e apreciações, e isto fez com que o ‘ouvintismo’

²⁸ Na área de saúde classificam-se os surdos através de exames de audiometria. Os graus de surdez mais conhecidos são: Leve/ Moderada/ Severa / Profunda.

fique mais potente, e os ouvintes - mesmo com boas intenções sem querer prejudicar os sujeitos surdos, porém sem ter conhecimentos sobre cultura surda - sempre decidiram pelos sujeitos surdos ao longo da história com ponto de vista deles sobre a educação, social e outros.

O historicismo é uma história que se proclama radical, destacando não somente sua importância enquanto saber e reflexão autoritária, mas também impõe a sua posição central para uma compreensão do homem e da sua realidade acerca das antigas representações diferenciadas e crenças, sendo próprio o eixo do conhecimento, mesmo sendo tradicional.

Sobre a representação historicista do sujeito surdo, cito uma ocasião ocorrida quando eu tinha nove anos: estava em um corredor escuro e isolado da escola para surdos, conversando com minha melhor amiga surda, a Anne²⁹, que era interna da mesma escola. Entre nós duas tínhamos sinais-jargão³⁰, assim como Sacks descreve em seu livro *Vendo Vozes*:

A escola desenvolveu sua linguagem peculiar ou jargão, embora não seja verbal. (...) Todas as comunicações deveriam ser orais. Nosso sinal-jargão estava proibido, é claro. (...) Mas essas regras não podiam ser impostas sem a presença da equipe. O que descrevi não é como falávamos, mas sim como falávamos entre nós, quando nenhuma pessoa ouvinte se achava presente. Nessas ocasiões, nosso comportamento e nossa conversa eram muito diferentes. Relaxávamos as inibições, não usávamos máscaras (1990 p. 29)

Usávamos sinais próprios surgidos entre nós alunas surdas da escola, já que não tínhamos vínculo de identificação com surdos adultos a quem poderíamos basear a língua de sinais padrão. Estávamos conversando muito animadamente sobre um assunto específico de nosso interesse, bem soltas e felizes. Enquanto isto vinha vindo uma professora da escola e nos repreendeu dizendo que parecíamos duas ‘macacas’, que era muito feia a nossa comunicação com as mãos. Ela nos mandou colocarmos as mãos para trás e falarmos com voz uma para outra, uma coisa impossível de fazer. Anne e eu nos olhamos envergonhadas e constrangidas, sentimos a nossa comunicação muito limitada para conversarmos sobre assuntos de nosso interesse e nos calamos.

²⁹ é o nome fictício.

³⁰ Segundo McCleary, “(...) Em geral, um jargão é marcado por muitas palavras “diferentes”, palavras que só são entendidas pelo grupo de pessoas que são especialistas naquela atividade. (...) (2007, p.45)

Era muito comum na época a prática escolar de uma aprendizagem de tipo passivo e receptivo, o controle, o disciplinamento – chamando os surdos de macacos por usarem língua de sinais - a correção e a punição aos sujeitos surdos que não correspondiam às práticas tradicionais ouvintistas, este tipo de aprendizagem, a língua de sinais e a compreensão desempenhava um papel muito reduzido, pois o mais importante era saber ‘falar’, fazendo com que os surdos sejam próximos de modelo ouvinte: de serem ‘normais’, segundo eles, mesmo que seja de forma mecânica³¹, assim como afirma Kant (apud LOPES):

A selvageria consiste na independência de qualquer lei. A disciplina submete o homem às leis da humanidade e começa a fazê-lo sentir a força das próprias leis. Mas, isso deve acontecer bem cedo. Assim, as crianças são mandadas cedo à escola, não para que aí aprendam alguma coisa, mas para que aí se acostumem a ficar sentadas tranquilamente e a obedecer pontualmente aquilo que lhes é mandado, a fim de que no futuro elas não sigam de fato e imediatamente cada um de seus caprichos (2004, p.34).

Senti-me humilhada com a comparação que a professora fez de nós com o ‘macaco’, um animal feio e peludo³². Fiquei refletindo sobre o porque da escolha de um animal como o macaco? Porque não um leão ou um gato ou outro?

Seria por causa da divulgação na época sobre o sucesso de uma pesquisa feita sobre a comunicação com os macacos?

Durante as décadas de 1970 e 1980, o casal Allen e Beatrix Gardner, da Universidade de Nevada, nos EUA, fizeram uma pesquisa com um chimpanzé fêmea, chamada Washoe, que aprendeu, desde criança, a se comunicar com as mãos usando a língua de sinais. Isto mostrou que é possível os macacos aprenderem a língua de sinais, mas, claro, hoje já está comprovado que esta forma de comunicação dos macacos têm suas limitações e nem se compara com a linguagem humana.

Cito Anne na sua experiência de quando saiu da escola interna e sentiu uma dor profunda ao ser comparada com um animal:

(...) quando sai da Escola, não estava preparada para enfrentar outras pessoas do outro mundo e na cidade em que fui morar, meu pai e meu

³¹ Quando digo aqui que sujeitos surdos aprendem a oralização de forma ‘mecânica’, estou explicando que os sujeitos surdos repetem as palavras na oralização através de imitação e não de forma espontânea, geralmente sem compreender os contextos e os significados reais das palavras emitidas.

³² As crianças surdas viam a comparação de macaco através de aparência e não de forma de comunicação.

cunhado tinha um bar e um dia nesse bar, um homem que era muito amigo e conhecido de minha família chegou a dizer: “*surdos não são gentes*”, eu entendi o que ele tinha falado e minha irmã confirmou, fiquei com raiva desse homem e fui ao balcão e falei para ele que surdos são gente sim, e eu o que sou? “Me vê como animal ?” ele se assustou, porque não esperava que iria contra ele e me pediu desculpas. Mas depois disso, dentro de mim, senti uma dor! (Anne, 2005) a frase em vermelho está copiada certa do livro?

A partir daí eu me reprimi na minha liberdade de comunicação, acreditando que se levantar um dedo seria igual a um macaco peludo, grande e feio. Imagina este tipo de pensamento em uma criança surda de nove anos? Na época era corriqueira esta situação, pois hoje encontramos muitos relatos semelhantes nos surdos adultos e idosos.

De acordo com Sanchez, se o aluno surdo insistia no uso da língua de sinais, o “infrator” surdo era colocado de castigo em um canto da sala sendo chacoteado como macaco em frente aos seus colegas, de modo que os desencorajarem a cometer o mesmo crime: usar a língua de sinais. Os alunos surdos eram forçados, freqüentemente, a manter os braços cruzados, havia o hábito de amarrar-lhes as mãos para impedir que sinalizassem, esta humilhação era igual a ser comparado a macacos. (1990). Cito exemplo de outra surda:

(...) o que mais marcou na minha vida na escola foi quando a professora disse para mim que fazer os sinais é muito feio, que eu era igualzinho a um macaco, disse que eu sou parecida com o macaco e me obrigava a não fazer os sinais, (...)a professora falava para a minha mãe que eu não devia fazer sinais, minha mãe obedecia e me obrigava a falar, eu sofria porque queria muito de fazer os sinais com os amigos surdos.(...) Uma vez a professora bateu nas minhas mãos, mandava eu falar certo e brigava comigo por falar errado, ela reclamava comigo dizendo que eu não sabia falar direito, dizia que é muito feios os sinais que eu fazia, eu ficava muito decepcionada porque eu não sabia o que falar e eu sofri muito com isto. (Luiza³³, 2005)

Ocorria que alguns professores achavam que era sensato e direito punir as crianças surdas por usarem a língua de sinais, era muito comum isto acontecer. Na época, houve muitos relatos de surdos que sofreram estas punições, os professores batiam ou amarravam suas mãos. Para que os leitores tenham uma idéia da humilhação de que estes sujeitos surdos experimentaram, é só comparar isto no bater na boca dos sujeitos que ouvem, fazendo com que eles sejam proibidos de falar.

³³ Nome fictício

Muitos surdos se sentiram mortificados e chocados com estas punições e há sujeitos surdos que ficaram com traumas.

(...) o uso do castigo físico faz parte de um sistema de controle de uma sociedade investida do sentido da ordem e da lei. A vigilância enreda a todos, e não apenas as crianças. As instituições do século 18, ligadas por uma espécie de 'rede' de crenças, valores e hábitos, geraram um sistema de vigilância, controle e punição desde a família, até prisão, passando pela escola ou serviço militar. A educação tradicional era autoritária porque podia impor todo o seu saber e poder para "torcer o pepino desde pequeno". Era um sistema educativo que acreditava ser preciso formar um cidadão "disciplinado" para ser "dócil" a nova ordem moderna. (LIMA, 2004, p.1)

Isto era terrível! Acontecia com a maioria das crianças surdas na época, porque era uma prática de correção corriqueira, e esta comparação de surdos com os macacos demonstrava relações de poder lingüístico entre os sujeitos ouvintes com os sujeitos surdos, chega-se assim, como descreve Fanon (apud BHABHA),

(...) tal mito do Homem e da Sociedade é fundamental minado na situação colonial.(...) A vida cotidiana exhibe uma "constelação de delírio" que medeia as relações sociais normais de seus sujeitos: "O preto escravizado por sua inferioridade, o branco escravizado por sua superioridade, ambos se comportam de acordo com uma orientação neurótica. (2003, p.74)

Uma escola de surdos de uma cidade no interior do Paraná nesta época, colocava quadros de macacos orelhudos e feios em todas as salas de aulas para intimidar as crianças surdas, quando elas se comunicavam em língua de sinais os professores ligeiramente apontavam para o quadro comparando-as e elas ficavam assustadas com a imagem e se emudeciam. Sanches (1990) explica que essa estratégia foi utilizada por professores oralistas que colocavam a gravura de um macaco; se houvesse a teimosia em usar a língua de sinais, o aluno surdo rebelde era colocado ao lado da gravura perante seus colegas surdos. Outro relato de surdo:

Nós estávamos animadamente fazendo língua de sinais um com os outros em sala de aula, e daí apareceu a nossa professora que falou que iria fazer uma surpresa para todos nós, deu um pacote de presente para cada um de nós, ao abrímos alegremente, decepçionamos quanto vimos que era uma banana, a professora explicou que fazíamos sinais feio iguais como macaco e por isto este presente era nossa recompensa, esta insinuação deixou nos envergonhados (Leonardo³⁴, 2005).

³⁴ Nome fictício

É evidente como isto afetava emocionalmente muitos sujeitos surdos reprimindo-os de sua língua de sinais e sendo comparados a um animal, hoje, muitas destas crianças surdas, já adultas, estão em conflitos de identidades e com traumas de comunicação e revolta contra o oralismo.

E com isto criaram-se muitos mitos acerca da língua de sinais, por exemplo, hoje muitos especialistas alegam que os sujeitos surdos são revoltados e não querem aprender a falar ou que são ‘preguiçosos’ pra falar por culpa da língua de sinais, no entanto, têm muitas pesquisas científicas em muitos países, tais como Estados Unidos, Brasil e outros, que comprovam que a língua de sinais não prejudica a fala dos surdos. O que geralmente faz com que o sujeito surdo se recuse a aprender a falar são os traumas pela imposição do oralismo em forma excessivamente ouvintista. Menciono Foucault

(...) o infrator torna-se inimigo comum. Até mesmo pior que um inimigo, é um traidor, pois transfere seus golpes dentro de uma sociedade. Um “monstro”. Sobre ele, como não teria a sociedade um direito absoluto? Como deixaria ela de pedir sua supressão pura e simples? E se é verdade que o princípio dos castigos deve estar subscrito no pacto, não é necessário, logicamente, que cada cidadão aceite a pena extrema para aqueles dentre eles que os atacam como organização? (2004, p. 76)

Hoje estas provocações sobre o ‘macaco’ foram invertidas, estes mesmos ex-alunos surdos dizem que quando um professor ou diretor de escola de surdos não sabe e não usa a língua de sinais: ‘os macacos sabem língua de sinais’, insinuando com provocação de que os macacos, seres inferiores, sabem mais que os professores ou diretores. Cito outro exemplo:

(...) Vejo uma moça sinalizando para seu cachorro; o animal, obediente, vira-se, estende a pata. Esse cachorro exhibe uma faixa branca de pano em cada lado: ‘compreendo sinal melhor do que Spilman’, a presidente do conselho de administração de Gallaudet ocupa o cargo há sete anos e durante este período não aprendeu quase nada de sinal.³⁵ (SACKS, 1990, p.151)

³⁵ Nos Estados Unidos, em Washington, houve uma famosa greve na Universidade Gallaudet, em 9 de março de 1988. Gallaudet é a única Universidade de Ciências Humanas do mundo que é direcionada para surdos. Em 130 anos de existência nunca houve um diretor surdo, a administração da universidade elegeu uma nova Reitora, a Spilman, que nada sabia de língua de sinais e por este motivo os surdos estudantes se revoltaram e fizeram a greve que durou uma semana. No fim, foi atingido o objetivo que queriam: nomearam um surdo chamado King Jordan que exerceu até 2006 o cargo de reitor. Foi um fato importante que marcou a história, porque foi uma conquista de uma tensa batalha feita pelo povo surdo americano na qual tiveram uma vitória emocionante!

Esta questão da visão ouvintista e diferença cultural sobrepõem às lutas de dois lados: historicismo e história cultural, a disputa de poder entre ambos leva muitas vezes os sujeitos surdos a responderem ironicamente aos sujeitos ouvintistas, fazendo com que os alunos surdos procurem se libertar das opressões de práticas ouvintistas, procurando direcionar a visão para seus valores culturais, assim como disse Fanon (apud BHABHA):

Em sua busca desesperada e vã por uma dialética da libertação, (...) explora a extremidade desses modos de pensamento: seu hegelianismo devolve a esperança à história; sua evocação existencialista do “Eu” restaura a presença do marginalizado; sua moldura psicanalítica ilumina a loucura do racismo, o prazer da dor, a fantasia agonística do poder. (2005, 71)

Hoje em dia ainda ensinam os surdos a fingir ser ‘ouvinte’, mostrar surdez menos aparente vivendo discretamente com a surdez ignorada. Se a surdez é moderada ou leve³⁶, há esperança de ser salvo. E os sujeitos surdos com surdez profunda terão mais dificuldade para falar, “(...) a ironia disso é que eu sou surda profunda, e tenho um domínio da fala, escrita e leitura de língua portuguesa compreensível, entretanto, estas ‘classificações’ e ‘separações’ dos sujeitos surdos através de graus de surdez não é adequada, cada criança surda aprende e constrói uma identidade diferente uma da outra”. (STROBEL, 2004)

E assim, para estas escolas ouvintistas, os surdos são classificados de acordo com o grau de surdez, fazendo-os passar por exaustivos exames e terapias com audiometrias³⁷, usos de próteses auditivas³⁸ e não com suas identidades lingüísticas e culturais.

Foucault destaca um novo tipo de poder: o ‘poder disciplinar’, que “combina, através da prática do exame, as técnicas da hierarquia que vigia e as da sanção que normaliza” (1997, p.154)

Com o exame, cada indivíduo surdo na escola passa a ser um caso que deve ser conhecido e desdobrado dentro dos limites das pedagogias corretivas. Sendo um instrumento disciplinar, o exame toma os indivíduos como seus objetos, objetificando-os. Transformando cada indivíduo em um caso, cada um deles se torna parte de um mecanismo estratégico que pode ser quantificado, numerado, descrito. Ao tecer classificações através do exame,

³⁶ Conforme análises clínicas de exames de audiometria determinam no indivíduo os graus de surdez, que podem ser leve, moderada, severa e profunda.

³⁷ Audiometria: exame da audição realizado por meio de instrumentos e avaliação da capacidade para apreender os diferentes sons da fala e de classificação de surdez em vários graus.

³⁸ Próteses auditivas são aparelhos para surdez que ampliam a percepção auditiva, existem vários tipos e modelos de várias fabricações, também conhecida como AASI.

obtêm-se subsídios para que os processos de normalização, exclusão e inclusão ocorram no interior da própria escola (LOPES, 2004, p.46)

Era muito comum esta cena na escola de surdos, uma criança surda sentada de frente para o professor com os olhos atentos a qualquer movimento dos lábios, ansiosa e preocupada sem entender; o professor muitas vezes fazia exercícios fonoarticulatórios exaustivos na tentativa ansiosa de realizar com perfeição o seu trabalho e punia a criança surda flagrada em qualquer tentativa de uso da língua de sinais, ela era como marionete do professor, um verdadeiro estresse e perda de motivação para a aprendizagem real e participação ativa.

Por quase um século, as línguas de sinais foram perseguidas nas mesmas instituições que supostamente deveriam propagá-las. Mas os códigos não chegaram a ser eliminados, mas simplesmente conduzidos ao mundo marginal, onde sobreviveram graças às contraculturas estabelecidas pelas crianças nas escolas, clandestinas, rebeldes e cruéis. (RÉE, 2005, p2)

Hoje muitos sujeitos surdos adultos e idosos ainda me contam como passaram maior parte de suas infância diante de espelhos³⁹ e de aparelhagens tentando frustradamente a entender e aprender sem sucesso as formas corretas de articulação da fala; esta escola proibia o uso da língua de sinais com o objetivo de transformar os surdos em imitação de pessoas ouvintes, certamente, tem surdos que chegam a falar bem ou mal, mas isto se trata apenas de uma técnica incompleta para muitos deles.

Em uma ocasião na minha infância, uma professora, na segunda série da escola de ouvintes, ela me fez ler com voz alta em frente da classe, todos riram e caçoaram da minha “voz diferente”, e a professora, ignorando a minha mágoa me mandava ler “mais alto” e “mais baixo”. E por causa disto eu demorei muito para me liberar do trauma de “ler” publicamente. (STROBEL, 2001)

Antigamente, quando as professoras faziam curso de magistério, aprendiam que era preciso ter disciplina para manter a ordem na escola e que a palmatória resolvia tudo. Isso ocorria não só com os professores, mas também com funcionários que trabalhavam na escola. Segue um relato testemunhado por um sujeito surdo sobre a ocorrência em um internato escola do interior do Paraná:

Quando alguém fazia xixi na cama ou no chão. (...) puxavam a cabeça de surdo e colocava-a no chão para limpar com boca o xixi, (...) também as

³⁹ No treinamento de certas habilidades orais como a leitura labial e a articulação utilizam a visualização do ‘paciente’ surdo com o especialista em frente de espelho.

comidas, se alguém não comia comida, então, guardavam o mesmo prato para comer a noite, entendeu? Era insuportável lá, eu também não comia algumas comidas, era horrível, então, eu dava o meu prato de comida para alguém às escondidas, ele comia tudo para mim e eu ficava tranquilo... (...) que horror era, minha colega surda tinha um irmão surdo que estudava lá, hoje ele tem problema de cabeça e ficou meio bobo (Horácio⁴⁰, 2005)

Na escola para os Surdos de Boston, EUA, desativada em 1994, ex-alunos surdos acusam freiras da referida escola, mais dois padres e um instrutor de educação física, de abusos psicológicos e físicos cometidos durante mais de trinta anos.

Estes profissionais que trabalhavam com a educação de surdos aproveitavam o poder de autoridade em cima de alunos surdos, davam punições a quem tentasse usar a língua de sinais para se comunicar, também eram sexualmente molestados, fisicamente abusados e mentalmente atormentados.

Alguns ex-alunos tinham as mãos atadas atrás das costas por um par de horas., (...) dizem que as freiras mergulhavam suas cabeças nas privadas dos banheiros. Outros acusam as religiosas de terem lavado suas bocas com sabão. Há quem afirme ter sido espancado, trancado em pequenos armários e obrigado a ficar em cômodos escuros. (...) James Sullivan disse que, em 1960, aos 12 anos, uma freira esbofeteou seu rosto e jogou sua cabeça contra uma vidraça, que se quebrou. A freira também o teria obrigado a baixar a calça diante de colegas, o agredido com um pedaço de pau e puxado seu cabelo. (...) Sullivan era freqüentemente violado sexualmente no alojamento por outros alunos. Violet Guerin, outra ex-aluna, disse que, quando tinha 7 ou 8 anos, uma freira a violentava sexualmente com os dedos. Ela contou ainda que era mantida em quartos escuros por longos períodos e tinha a cabeça mergulhada na privada até desmaiar. Paul Larocque relatou que uma freira mexia em seus órgãos genitais quando ele tinha cerca de 7 anos. (CORREIO DA MANHÃ, 2005)

Na época os alunos surdos tentaram se queixar com seus pais, mas como em muitos casos, as reclamações eram desacreditadas, ignoradas ou não entendiam o que eles ‘diziam’ e levavam a mais punições, depois de muitos anos de silêncios e ao se tornarem adultos entraram com processo acusando os abusos entre 1944 e 1977.

Efetivamente o ato de infração das regras exigidas nas escolas de surdos lança o ouvintismo contra todo o povo surdo que se revoltou,

⁴⁰ Nome fictício.

(...)lança o indivíduo contra todo o corpo social; a sociedade tem direito de se levantar em peso contra ele, para puni-lo. Luta desigual: de um lado todas as forças, todo o poder, todos os direito. E tem mesmo que ser assim, pois aí esta representada a defesa de cada um. (FOUCAULT, 2005, p.76)

A humanidade tem toda a história de surdos para comprovar como os caminhos dos sujeitos surdos foram repletos de obstáculos, riscos e limitações. Os preconceitos, estigmas e estereótipos têm raízes historicistas e culturais.

O povo surdo já sofreu terríveis injustiças, é claro que não podem ser esquecidas, mas não significa que devem ser usadas como pretextos para ressentimentos.

Se o povo surdo percebe que as práticas ouvintistas e/ou de colonização são as manchas na sua história, que é herdada da geração surda antiga até hoje, então pode compreender que também têm ouvintes ‘não-ouvintistas’ e/ou ‘não-colonizadores’

Os dias de hoje estão mudando, há muitos sujeitos ‘não-ouvintistas’ e/ou ‘não-colonizadores’, os mesmos estão mais conscientes e respeitando os direitos dos sujeitos surdos.

Respeitar os espaços conquistados pelos sujeitos surdos enquanto estão em produção cultural, por exemplo: tem muitos sujeitos ouvintes que querem ‘competir’ com os surdos e assim fazem com que o povo surdo suspeite dos mesmos, devido à longa história de opressão, de lutas de relações de poderes para conquistarem seus espaços. Tem muitos ouvintes que aproveitam dos espaços conquistados pelos surdos para ensinar a língua de sinais e outras coisas, alegando que tem direitos iguais... Mas onde estão os direitos de igualdade enquanto na sociedade os sujeitos ouvintes geralmente são preferidos a dos surdos? Isto acontece nas maiorias de empresas, nas universidades, nas instituições ou até mesmo em igrejas, que preferem profissionais ouvintes para não ter de contratar intérpretes para os profissionais surdos. Também pela barreira de comunicação é mais fácil contratar um ouvinte, sabendo que para sujeitos surdos é mais difícil conseguir contatos via telefone, por exemplo. No futuro, quando a sociedade tiver uma representação sem estereótipos e mais positiva em nível de igualdade entre os surdos e ouvintes, se olharem o povo surdo como diferença cultural, e não como deficiente, daí não teria esta ‘guerra cultural’ entre eles. (STROBEL, 2008, p. 111-112)

Veja abaixo um trecho de um e-mail do grupo de discussão de ‘yahoo’ em que uma ouvinte ‘não-colonizador’ escreveu defendendo ao povo surdo no ensino de língua de sinais:

(...) serei sempre a favor de o surdo ensinar a LIBRAS. Sou filha, irmã, sobrinha, prima e tia de surdos, além de atuar como intérprete. Passei minha vida toda vendo as lutas pelo reconhecimento e acho que essa é a hora da comunidade surda gozar dos direitos que tanto lutaram. Inclusive de lecionar a língua. Nós ouvintes temos zilhões de outras oportunidade de profissões,

mas como a remuneração para lecionar LIBRAS é maior esquecemos de toda a história que passamos para chegar até aqui só por benefícios próprios. Acho que é por isso que o mundo tá de cabeça pra baixo. Cada um pensando em si e esquecendo dos princípios éticos (...) (Rosane Lucas⁴¹, 2008).

Tem muitos sujeitos ouvintes que não usam práticas ouvintistas e/ou de colonização aos surdos e respeitam a cultura de povos surdos, dentre eles são os pesquisadores, professores, intérpretes de língua de sinais, família, amigos e outros, assim como Laborit mostra uma das situações comuns ocorridas no historicismo:

Alguns professores conhecem a LSF (língua francesa dos sinais) e a praticam às escondidas, naquela época alguns até mesmo tomaram minha defesa, discretamente. Essa situação injusta me oprime o coração. É preciso que os educadores, os instrutores, os professores que desejam se responsabilizar possam fazer isso abertamente. Eles estão na origem da construção e do equilíbrio psicológico, afetivo, nervoso das crianças surdas. (1994, p.82)

Agora que estamos na fase do ‘despertar cultural surda’⁴² - após dois séculos da fase do ‘isolamento cultural surda’ do povo surdo em consequência da proibição de língua de sinais a partir do congresso de Milão – o povo surdo está conquistando várias propostas políticas públicas ajustadas às suas necessidades lingüísticas culturais na sociedade atual.

Os sujeitos ‘não-ouvintistas’ e/ou ‘não-colonizadores’ são encorajados a verem o mundo de surdos através dos seus olhos como uma cultura diferente. Os motivos para os sujeitos ouvintes decidirem conhecer e promover a cultura surda é que com isto eles podem fortalecer a imagem da marca surda na vida social, aumentar a credibilidade com a relação ao povo surdo e também podem exaltar o relacionamento com a comunidade surda.

Entretanto, estas posturas historicistas fortaleceram a resistência dos surdos às práticas ouvintistas, fazendo com que fosse transmitida fortemente a cultura surda, assim como diz

⁴¹ Agradeço a Rosane Lucas pela contribuição de sua narrativa como exemplo para este tese.

⁴² Nos textos da disciplina História de Educação dos Surdos do curso de letras/libras licenciatura da UFSC ilustra que na história dos surdos dividimos em 3 fases: 1. ***Revelação cultural***: Nesta fase os povos surdos não tinham problemas com a educação. A maioria dos sujeitos surdos dominava a arte da escrita e há evidência de que antes do congresso de Milão havia muitos escritores surdos, artistas surdos, professores surdos e outros sujeitos surdos bem-sucedidos. 2. ***Isolamento cultural***: ocorre uma fase de isolamento da comunidade surda em consequência do congresso de Milão de 1880 que proíbe o acesso da língua de sinais na educação dos surdos, nesta fase as comunidades surdas resistem à imposição da língua oral. 3. ***O despertar cultural***: a partir dos anos 60 inicia uma nova fase para o re-nascimento na aceitação da língua de sinais e cultura surda após de muitos anos de opressão ouvintista para com os povos surdos. (STROBEL, 2008b, p.13)

Bhabha: “vendo a legitimidade de gerações passadas como provedoras de autonomia cultural” (2005, p. 209)

Sá afirma que:“(…) *a pedagogia tradicional para surdos, que ainda hoje se arrasta, não considerou sua diferença, língua, sua cultura e suas identidades; por supervalorizar a voz, lhes negou a vez*” (2002, p.7)

2.3. Surdos: construindo a história cultural

O que seria a história cultural? Os acontecimentos históricos registrados e mais conhecidos no Brasil são relativos aos fatos, como por exemplo, o descobrimento do Brasil com as chegadas dos portugueses ou a abolição da escravatura. Estes registros são de fácil acesso em vários livros didáticos em escolas, no entanto, só se encontram versões oficiais dos colonizadores portugueses.

Existem muitas outras versões importantes omitidas, no entanto, o que pensavam os índios brasileiros e os escravos negros nesses momentos históricos no Brasil? São poucos os documentos que trazem a ‘voz’ desses dois grupos.

Acontece o mesmo com o povo surdo, é incompreensível o silêncio a respeito deles, então para registrar a história cultural sentimos a necessidade de estudar as crenças culturais e lingüísticas dos povos surdos para podermos compreender as comunidades surdas existentes hoje. Define o autor Barros, a História Cultural:

(...) ela abre-se a estudos os mais variados como a ‘cultura popular’, a ‘cultura letrada’, as ‘representações’, as práticas discursivas partilhadas por diversos grupos sociais, os sistemas educativos, a mediação cultural através de intelectuais, ou a quaisquer outros campos temáticos atravessados pela polissêmica noção de ‘cultura’. (2004, p.55)

A História Cultural é uma nova interpretação de fontes e literárias em deferência ao povo surdo dando lugar à sua cultura, valores, hábitos, leis, língua de sinais e não mais a valorização excessiva da história registrada sob as visões do colonizador:

Trata-se, antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo. A cultura é ainda uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentam de forma

cifrada, portanto, já um significado e uma apreciação valorativa. (PESAVENTO, 2005, contra-capas)

A História Cultural dos surdos reflete os movimentos mundiais de surdos procurando não ter uma tendência em priorizar apenas os fatos vivenciados pelos educadores ouvintes, que se tornaram uma história das instituições escolares e das metodologias ouvintistas de ensino. Mas sim, procurar retratar os padrões culturais do povo surdo através de relatos, depoimentos, fatos vivenciados e de observações, misturando-se em um emaranhado de acontecimentos e ações, levadas a cabo por associações, federações, escolas e movimentos de surdos que são desconhecidas pela grande maioria das pessoas.

O interessante é que, segundo Lane, no século passado, quase metade dos professores eram surdos, não existiam audiologistas, terapeutas de reabilitação ou psicólogos educacionais. Os sujeitos surdos não eram avaliados segundo os métodos ou pelo grau de sua surdez, pelo contrário, eram descritos em termos culturais, atualmente, ao consultar o povo surdo, encontramos casos semelhantes. (1992)

Existem muitas variações de estudos sobre a cultura, de tradicionais até atuais, o conceito da cultura é transmitida e interiorizada em diferentes aspectos, assim como Moles (apud RICOU e NUNES) afirma: “cultura, termo tão carregado de valores diversos que o seu papel varia notavelmente de um autor para outro e do qual se enumeraram mais de 250 definições”.(1967). Explica Perlin o conceito de cultura:

Os diferentes conceitos de cultura estão aí para se compreenderem as diferentes posições de cultura. Há conceitos unitários de cultura; conceitos de alta cultura e baixa cultura; conceitos referentes a múltiplas culturas. Há algumas posições mais radicais diante das culturas, por exemplo, de grupos que compartilham da afirmação de uma cultura universal onde legitimam a dominação das outras culturas. (...) Na temporalidade pós-moderna, perdemos o “conforto” de pensar a cultura como algo global, único em conceitos de diferentes culturas ou múltiplas culturas. O que significa a cultura no espaço pós-moderno presente, na temporalidade em que vivemos? O conceito pós-moderno coloca o problema como sempre: diferenças culturais, múltiplas culturas. O conceito de cultura igualmente muda e mesmo pode oscilar, sendo entendido dentro de novas tramas epistemológicas. Entramos, portanto, na presença de diferenças culturais, diferentes culturas, cada uma com sua emergência, sua história, seus usos, suas particularidades. (2004, p.74-75)

Haverá, de fato, uma ‘Cultura Surda’? O que seria uma cultura surda? Ela existe? Como uma cultura surda está inserida no povo surdo?

(...) tarefa do estudo da cultura surda é descobrir quem os surdos pensam que são. Do ponto de vista dos surdos, quem se qualifica como uma pessoa surda e quem não o faz? Quais são as ‘categorias distintas de pessoas’ que a cultura surda impõe ao mundo? Se o mundo visto através dos olhos do surdo não é habitado por pessoas sem rosto e sem qualidades, quem são os ‘alguéns’, positivamente caracterizados e apropriadamente identificados? (WILCOX, 2005, p.83)

Os sujeitos surdos vêem o mundo de maneira diferente em alguns aspectos, porque suas vidas são diferentes por terem mais experiência visual e por estarem longe da experiência auditiva.

Em publicação anterior, no livro “As imagens do outro sobre a cultura surda”, citamos:

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das ‘almas’ das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as idéias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo. (STROBEL, 2008, p.22)

A cultura retrata a vida que os surdos levam, suas conversas diárias, as lições que ensinam entre si, suas artes, seus desempenhos e seus mitos compartilhados, seu jeito de mudar o mundo, de entendê-lo e de viver nele.

Para compreender melhor, cito um exemplo que se pode comparar com a cultura surda, os autores Freeman, Carbin E Boese, exemplificam na posição de um outro grupo totalmente diferente na sociedade, o de soldados. Eles têm uma perspectiva de vida na sociedade diferente dos civis, eles apreciam conversar sobre os assuntos em comum, sobre bombas, armas, pára-queda, etc. É óbvio que de diversas maneiras, eles são mais ou menos parte da cultura de seu país. Podem ter muito em comum com os soldados de outros países e juntos sentirem mal compreendidos ou poucos apreciados pelos civis, e ao mesmo tempo, sentem orgulho na prática de atividades desconhecidas para muita gente. (1999)

Assim, como afirma a pesquisadora surda, que as atitudes fazem com que os surdos se identifiquem ao mundo visual próprio deles:

É o caso de ser surdo homem, de ser surda mulher, deixando evidências de identidade, o predomínio da ordem, como por exemplo, o jeito de usar sinais, o jeito de ensinar e de transmitir cultura, a nostalgia por algo que é dos surdos, o carinho para com os achados surdos do passado, o jeito de discutir a política, a pedagogia, etc. (PERLIN, 2004,p.77)

Assim como ocorrem com as diferentes culturas, a cultura surda é o padrão de comportamento por sujeitos surdos compartilhadas: a experiência trocada com os seus semelhantes, quer seja na escola, nas associações de surdos ou encontros informais, com isto origina a identificação como pertencente a um povo distinto caracterizado por compartilhar língua de sinais, valores culturais⁴³, hábitos e modos de socialização, assim como reflete Hall (2004), é a representação que atua simbolicamente para classificar o mundo e nossas relações no seu interior. Novamente descreve a pesquisadora surda:

(...) As identidades surdas são construídas dentro das representações possíveis da cultura surda, elas moldam-se de acordo com o maior ou menor receptividade cultural assumida pelo sujeito. E dentro dessa receptividade cultural, também surge aquela luta política ou consciência oposicional pela qual o individuo representa a si mesmo, se defende da homogeneização, dos aspectos que o tornam corpo menos habitável, da sensação de invalidez, de inclusão entre os deficientes, de menosvalia social. (PERLIN, 2004, p.77-78)

Dentro do povo surdo, os sujeitos surdos não se distinguem uns dos outros de acordo com suas surdez, e sim o mais importante para eles é o pertencimento ao povo surdo usando a língua de sinais e a cultura surda, que ajudam a definir as suas identidades de pessoas surdas. Portanto, ser surdo de nascença é muito respeitável na comunidade surda:

A partir de uma visão dos Surdos, o ato politizado de alegar uma surdez “nativa” – ou seja, uma surdez de nascença – está ligado à identidade positiva de não estar “contaminado” pelo mundo dos que ouvem e suas limitações epistemológicas do som seqüencial. A “pureza” do conhecimento dos Surdos, a verdadeira Surdez, que vem da expulsão desta distração é na cultura dos Surdos uma marca de distinção. Seria melhor ainda se os familiares e até mesmo seus pais fossem também Surdos. (WRIGLEY, 1996, p.15)

Mas como observamos, o povo surdo recebe o nascimento de cada criança surda como um presente valioso e não agem como os pais ouvintes que toleram exageradamente a desilusão inicial de gerarem seus filhos surdos.

⁴³ Valores culturais: respeito e preservação de língua de sinais e da cultura surda.

Quando o médico apresenta o diagnóstico da surdez, os pais ficam chocados, deprimem-se e culpam-se por terem gerado um filho dito ‘não normal’ e ficam frustrados porque vêem nele um sonho desfeito. Então, essas famílias alimentam esperanças de ‘cura’ dessa ‘deficiência’, ficam ansiosas e questionam será que o meu filho surdo um dia ouvirá? (STROBEL, 2008a, p.48)

Dentro da história cultural dos surdos podemos perceber vários artefatos culturais do povo surdo, que podem ser a experiência visual, lingüística, literatura surda, vida social, esportiva, artes, políticas e outros.⁴⁴ “(...) o conceito ‘artefatos’ não se refere apenas a materialismos culturais, mas àquilo que na cultura constitui produções do sujeito que tem seu próprio modo de ser, ver, entender e transformar o mundo”.(STROBEL, 2008a, p.35)

Para o sujeito surdo ter acesso às informações e conhecimentos para estabelecer sua identidade é essencial criar uma ligação com o povo surdo onde se usa a sua língua em comum: a língua de sinais.

A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal. (STROBEL, 2008a, p.42-43)

A língua de sinais vem assumindo um lugar cada vez mais relevante não só nas pesquisas, como também nas comunidades surdas. Embora se encontrem registros de que já no século XVIII se reconhecia a importância da língua de sinais, foi somente no século XX, nos anos 60, é que tiveram o início os primeiros estudos lingüísticos sobre ela.

Os sujeitos surdos que tem acesso à língua de sinais e à participação da comunidade surda tem maior segurança, auto-estima e identidade surda. Por isto, é importante que as crianças surdas convivam com pessoas surdas adultas em quem se identificam e tem acesso às informações e conhecimentos no seu cotidiano. Segundo Moura, Lodi e Harrison (apud LACERDA)

(...) a criança (no contato com modelos surdos adultos) não apenas terá assegurada a aquisição e desenvolvimento de linguagem, como (também) a integração de um autoconceito positivo. Ela terá a possibilidade de desenvolver sua identidade como uma representação de integridade, não como a de falta ou de deficiência (...) podendo se perceber como capaz e

⁴⁴ Para saber mais sobre os artefatos, ler: STROBEL, Karin. “As imagens do outro sobre a cultura surda”, editora UFSC, Florianópolis, 2008.

passível de vir a ser. Ela não terá de ir atrás de uma identidade que ela nunca consegue alcançar: a de ouvinte. (2000, p.68)

Mesmo que o historicismo tenha proibido por muitos anos os surdos a usarem a língua de sinais, ela sobreviveu graças à resistência contra a prática ouvintista; muitas crianças em escolas para surdos, quando sua língua era proibida, elas muitas vezes a praticavam às escondidas entre si, assim como relata autora surda durante a sua infância na escola de surdos:

Quando um dos professores se virava para escrever no quadro-negro, tínhamos hábito de trocar informações na língua de sinais, persuadidos de que ele não nos escutava, já que não nos via. Ora, no começo, ele se voltava todas às vezes, era estranho, não compreendíamos imediatamente por quê. Com o passar do tempo, dei-me conta de que, ao falar com as mãos, sem saber, emitíamos ruídos com a boca. Cuidamos então de não mais emitir nenhum som e, desde aquele dia, trocamos nossas lições o mais tranqüilamente possível (LABORITT, 1994 ,p.84).

É complicado para estas crianças surdas que não têm acesso as informações rotineiras pela barreira de comunicação, assim como o sueco lingüista surdo afirma: “Se os surdos têm contato com a língua de sinais desde cedo; assim a criança surda poderia sentir como as outras crianças, fazer perguntas e obter as respostas, ou seja, a curiosidade da criança surda será satisfeita muitas vezes e terá maior acesso às informações”. (WALLIS, ano 1990, p.16)

As crianças surdas quando tem envolvimento com a cultura surda, se sentem mais seguras e confiantes na caminhada de suas vidas, sendo respeitadas como sujeitos ‘diferentes’ e ingressariam melhor a visão intercultural, caso contrário, se isolam mesmo no meio da comunidade ouvinte:

Esta situação ocorre semelhantemente com muitos surdos devido à barreira de comunicação, em qualquer época na história de surdos, assim como o surdo Jean Massieu (1772-1845): “(...) As crianças de minha idade não brincavam comigo, desdenhavam-me, eu era como um cachorro. Passava maior parte de tempo sozinho, com um pião ou um taco e uma bola, ou andando em pernas de pau”.(SACKS, 1990, p.61)

E com Alice Cogswell (1805-1830): “Thomas Gallaudet observava algumas crianças brincarem em seu jardim. Ficou aturdido ao constatar que uma das crianças não participava da diversão. Descobriu que seu nome era Alice Cogswel, e ela era surda (...)” (SACKS, 1990, p.38)

Durante o recreio durante minha vida escolar (escola de ouvintes), no pátio de escola onde muitas crianças brincavam, eu ficava ao lado da pipoqueira, uma senhora mulata simples e sorridente; eu ficava quietinha, sozinha alheia de tudo e não tinha um ar muito contente, muitas vezes esta pipoqueira simpaticava comigo, me dava pipoca de graça e sorria. Fiquei muito triste quanto soube que ela morreu atropelada, perdera a única amiga da escola que, mesmo sem palavras, se comunicava comigo através de sorrisos e gestos amigáveis. (STROBEL, 2008, p.100)

Têm muitas organizações de surdos, como as associações⁴⁵ e federações, que promovem acontecimentos culturais, onde podem compartilhar e serem apreciadas uns com os outros, como festas, concurso de miss surda, competições esportivas, apresentações de teatro, contadores de piadas, etc. Estas organizações surgiram como uma forma de resistência contra a prática ouvintista, como se refere o Skliar:

(...) O surgimento das associações de surdos enquanto territórios livres do controle ouvinte sobre a deficiência, os patrimônios endogâmicos, a comunicação em língua de sinais nos banheiros das instituições, o humor surdo, etc., constituem apenas alguns dos muitos exemplos que denotam uma outra interpretação sobre a ideologia dominante (1998, p.17)

Quando surgiram as associações de surdos no século XVIII na Europa, o objetivo inicial era de natureza social por causa de padrão de vida baixa da época, como cita Widell “O propósito das associações era manter uns aos outros em caso de doença, morte e desemprego. Além disso, as associações se propunham a fornecer informações e incentivos através de conferências e entretenimentos relevantes” (1992, p.20-21), e a partir daí houve explosões das associações de surdos em todos os lugares até hoje.

Surgiram também as confederações e federações que promovem intercâmbio dos eventos esportivas, no Brasil tem a CBDS – Confederação Brasileira de Desportos de Surdos⁴⁶, que buscam adaptações culturais para surdos nas práticas esportivas.

⁴⁵ Associação de Surdos promove o entrosamento filosófico voltado à cultura e à língua de sinais como pauta central de sua existência. A comunidade surda brasileira se vê realmente unida porque dentro da Associação cada festividade funciona como oportunidade de trocas culturais riquíssimas e de união em torno de um mesmo foco. As comemorações da fundação das Associações são celebradas com muita energia e interesse pelos surdos, pois é ali que está centrado o pontapé inicial de toda a organização. (www.feneis.com.br, acessado em 10/07/2005)

⁴⁶ CBDS é uma instituição sem fins lucrativos, visando à integração da pessoa portadora de surdez através da prática dos esportes. Atuante em todo território brasileiro pelas disputas, nas mais diversas modalidades, envolvendo associados surdos, inclusive no exterior. Congregando Federações e Liga, as quais, por sua vez, tem sob supervisão as Associações que associam em seus quadros pessoas surdas. <http://www.surdos.com.br/cbds/> acessado: 13/03/2006.

A cultura surda também envolve o artefato arte surda, assim como as pinturas, esculturas, teatro, poesias e outros. Muitos artistas surdos em diferentes contextos como, por exemplo, os atores, os poetas em língua de sinais, pintores, mágicos, escultores, contadores de histórias e outros.

(...) tradição dos contadores de histórias que passam narrações e, mais importante, a tradição da arte de contar histórias em si mesma para gerações mais jovens. Esta auto-educação dentro dessas instituições tem sido pouco estudada, mas ela sugere caminhos importantes de regeneração culturais previamente ignorados. (WRIGLEY, 1996, p.25)

Acrescentado por Lane:

(...) a capacidade para contar histórias é cedo desenvolvida nas escolas de bairro para crianças surdas, onde os mais jovens contam em ASL. As histórias dos desenhos animados, filmes de cowboy, de guerra e os outros modos estranhos dos professores ouvintes (..) Como se pode esperar, os membros desta cultura tem regras bastante distintas para chamar a atenção, para mudança de emissor, para um discurso cuidado, para atribuição de nomes e outras atitudes relacionadas com a linguagem. (1992, p.31)

Muitos sujeitos surdos têm talentos para a arte de expressão corporal e ela deve ser incentivada pela escola, família e povo surdo.

Por isto, é importante que as famílias proporcionem aos seus filhos surdos o apreciar da companhia do povo surdo, a fim deles obterem bons conhecimentos da língua de sinais e da cultura, assim como afirma Schein (apud FREEMAN, 1999, p.222) “Enquanto as crianças surdas vão amadurecendo, elas não encontram modelos satisfatórios dentro de sua família”.

Se a família negar-lhes esta participação das crianças ao povo surdo, poderá fazer com que as crianças acreditem que é ruim ser surdo, e isto prejudica o desenvolvimento sadio de identidade das mesmas, assim como menciona o autor americano Freman:

(...) você poderá, portanto, vir a conhecer pessoas surdas envergonhadas da surdez, de usar língua de sinais ou de seu mau inglês. Essa baixa auto-estima pode ser resultado de esforços enganosos de pais e escolas para fazer de uma pessoa surda uma cópia fiel de uma pessoa ouvinte. (1999, p.225)

A cultura surda, como já expliquei até aqui, compreende a língua de sinais, as idéias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo, inclusive o artefato material que podem ser os dispositivos eletrônicos não auditivos, o telefone para surdos – um pouco maior que o telefone convencional, na parte de cima tem um encaixe de fone e embaixo dele tem um visor onde aparece escrito digitado e mais abaixo tem as teclas para digitar -, campainha com sinal luminoso, relógio com despertador vibratório e entre outros. Estes são adaptados à necessidade dos surdos, pois faz uso principalmente do canal visual.

Atualmente o povo surdo está utilizando muitas adaptações visuais utilizadas pela comunidade ouvinte, tais como fax, internet, mensagens pelos celulares, ‘closed-caption’: legenda de televisão e outros. Esta aumentando os programas de televisão com intérpretes de língua de sinais.

Infelizmente, muitos lugares não têm estas adaptações à tecnologia que responde às necessidade culturais dos surdos, tipo como o alarme de emergência, como consequência disto, cito exemplo de uma notícia ocorrida na Rússia:

Um incêndio matou 28 pessoas, a maioria delas crianças surdas-mudas, em um internato no sul da Rússia. Autoridades dizem que outras mais de cem pessoas foram feridas no incêndio, que começou nas primeiras horas da manhã desta quinta-feira, enquanto as crianças ainda estavam dormindo. (...)A operação de resgate foi especialmente difícil porque as crianças surdas tiveram de ser acordadas uma a uma, pois elas não ouviam alarmes. Os serviços de emergência foram avisados 20 minutos depois do início do incêndio, pois os funcionários do internato tentaram apagar o fogo sozinhos. Cinco equipes de bombeiros foram enviadas ao local. As crianças mortas tinham entre 8 e 14 anos (agência de notícia russa ITAR-Tass 11/04/2003).

Os ouvintes mal informados sobre a cultura surda podem interpretar erroneamente alguns comportamentos diferentes de surdos, que para eles seriam falta de educação e vice-versa, por exemplo, para os sujeitos surdos, quando uma pessoa desvia olhar durante a conversa, se ofendem, pois é um sinal de desinteresse, quando tem dois sujeitos conversando em língua de sinais um distante de outro e alguém parar ou passar frente deles bloqueando-os do campo visual e isto é considerado como falta de educação grave, assim igualmente para sujeitos ouvintes é falta de educação interromper uma conversa entre eles, em uma festa de surdos na associação de surdos, por exemplo, quando alguém sai sem se despedir ou sem um aviso, é uma afronta e os surdos tem costume de acenar ou dão toques de leve para chamar alguém:

(...) o que se mostra evidente é que o comportamento do ouvinte parece ser bastante estranho para as pessoas Surdas. Na perspectiva do Surdo, os ouvintes não utilizam seus olhos e faces para se comunicarem. (...) ao invés e se comunicarem de uma maneira ‘normal’, os ouvintes movem suas bocas. Mais do que isso, nada parece sair de suas bocas – eles simplesmente continuam a movê-las. Ao invés de se comunicarem através do contato face-a-face com outras pessoas, eles parecem sentir um estranho prazer em mover suas bocas por longos períodos de tempo em frente a uma máquina. Por fim, os Surdos especulam que os ouvintes têm medo do toque. (...) Surdo oferece uma explicação razoável para essa afirmação (...) tal fato ocorre porque o ouvinte não utiliza suas mãos para se comunicar. (WILCOX, 2005, p.88-89)

E quando tem mudanças de horários ou de locais de ônibus ou aviões sendo anunciados pelo microfone e os surdos geralmente os perdem por não terem avisos escritos, quando perdem seu campo visual ficam desorientados e em apuros, por exemplo, em um restaurante onde a iluminação é só de velas os surdos têm dificuldades de se comunicarem por causa de pouca claridade, flores enormes em mesas de palestras dificulta também a visão global dos surdos.

De acordo com o Baker-Shenk (apud WILCOX, 2005) há modelos que mostra os quatro fatores fundamentais de definição da cultura surda, que podem ser:

- 1- **audiológico:** o sujeito com a surdez adquirida ou nascida já vai adquirindo a cultura surda pelo uso do canal visual, na comunidade surda não há distinção de graus de surdez que os diferenciam um de outro, simplesmente são sujeitos surdos pertencentes ao povo surdo e representação/identidade como sujeitos surdos.
- 2- **Social:** são acontecimentos culturais que o povo surdo participa na comunidade surda, tais como casamentos entre os surdos, festas, teatro e atividades nas associações de surdos, eventos esportivos e outros. Cita socióloga Widell “(...) muitos dos surdos havia se casado com mulheres surdas, que haviam conhecido na escola (...)” (1992, p.22).
- 3- **Política:** povos surdos lutando pelos seus direitos, pelo reconhecimento de sua língua, sua diferença, pedagogia do ser surdo, currículo próprio e outros.
- 4- **Lingüístico:** Língua de sinais com sua gramática, variações regionais e valores lingüísticos.

Em uma pesquisa de caráter histórico do ser surdo, deve-se romper com o comportamento corrompido da visão tradicional de procurar explicações na visão historicista, ignorando a visão histórica cultural dos surdos. Assim reflete o Hall, “A cultura popular tem sempre sua base em experiências, prazeres, memórias e tradições do povo. Ela tem ligações com as esperanças e aspirações locais, tragédias e cenários locais que são práticas e experiências cotidianas de pessoas comuns” (2003, p.340)

(...) em alguns centros urbanos, eles encontram seus pares surdos somente duas ou três vezes por semana e gastam a maior parte de seu tempo em um mundo ouvinte. Esse fato produz um padrão de comunidade em que o tempo em que permanecem é fragmentados; por outro lado, são extremamente próximos uns de outros, havendo a tendência entre os membros da comunidade surda de casarem entre si ou de residirem próximos uns aos outros. Essa característica social faz com que pessoas surdas mantenham suas vidas na comunidade surda, participando da associação de surdos, realizando atividades conjuntas, estudando em uma mesma escola, empreendendo lutas e reivindicações conjuntas. (KARNOPP, 2005, p.230-231)

Uma das maiores e orgulhosas conquistas feita pelo povo surdo é a comemoração de seu dia, o ‘dia do surdo’, esta data é comemorada em muitos países, na maioria em mês de setembro com variação de dias, aqui no Brasil comemoramos o dia do surdo no dia 26 de setembro, porque nesta data foi um marco histórico importante - foi fundada a primeira escola de surdos no Brasil⁴⁷. Nesta data o povo surdo comemora com muito orgulho tendo sua cidadania reconhecida sem precisar se esconder embaixo de braços de sujeitos ouvintistas, assim como reforça a Moura:

O dia do Surdo tem um significado simbólico muito importante. Ele representa o reconhecimento de todo um movimento que teve início há poucos anos no Brasil quando o Surdo passou a lutar pelo direito de ter sua língua e sua cultura reconhecidas como uma língua e uma cultura de um grupo minoritário e não de um grupo de ‘deficientes’ (2002, p.11)

O povo surdo vê nos movimentos uma possibilidade de caminhada política na luta de reconhecimento da língua de sinais e de suas identidades surdas contra as práticas ouvintistas, assim como diz a pesquisadora surda:

Para o movimento surdo, contam as instâncias que afirmam a busca do

⁴⁷ Foi fundada a primeira escola de surdos no Brasil, o atual INES- Instituto Nacional de Educação dos Surdos, em Rio de Janeiro no dia 26 de setembro de 1857 pelo prof. Francês surdo Eduardo Huet. No capítulo IV dessa dissertação tem mais detalhes sobre o assunto.

direito do indivíduo surdo ser diferente nas questões sociais, políticas e econômicas que envolvem o mundo do trabalho, da saúde, da educação, do bem-estar social (PERLIN, 1998, p 71)

Vilhalva, pedagoga surda conclui:

(...) esta verdade sublime o Surdo encontra quando entra para o mundo totalmente visual - espacial da Comunidade Surda interagindo com a Cultura Surda, Artes Surdas, Identidade Surda, Língua de Sinais dos Surdos Urbanos e dos Índios Surdos, Pedagogia Surda em toda a sua complexidade e diferenças. (2004)

2.4. A história surda camuflada

Pode haver historicismo e história cultural que se misturam e usam o jogo de ‘camuflagem’ que aqui indica como ‘espaço’ diante dos olhos como incompleto, como fragmento, máscara, escudo e/ou fingimento.

Esta visão do ‘espaço camuflado’ sugere que muitas vezes os sujeitos dizem que acreditam em um ideal, assim como um sujeito que diz que está ajudando, colaborando e é favorável à muitas coisas, mas tirando a sua ‘máscara’, vê-se que se preocupa apenas em seu benefício próprio, e então passa a ser uma representação neo-ouvintista⁴⁸, que pronunciam algumas coisas para encobrir outras, mas de quando em quando se contradizem, representam mal e desmontam esta espécie de camuflagem que usam para se proteger e se comunicar ou para se esconder e se mostrar. Na realidade, eles se omitem como são: gente que se esconde por trás de uma ‘máscara’ usando um ‘espaço disfarçado’, isto é, o palco preparado por eles.

O uso desta ‘máscara’ pode ser consciente ou não, pode estar banhado de dúvidas e/ou dificuldades de aceitação e pode até lutar contra ela. Acreditando que esta intenção é sincera, acham mais fácil ignorar do que ter que conviver com as verdades, que por vezes podem ser dolorosas, ou têm medo de se expressar num grupo que luta contra as práticas ouvintistas e não querer ‘enxergar’ o outro lado da história. Mas deve ter sido visto abertamente de outro modo, de outro ângulo e/ou algo escapou ao alcance dos seus olhos e não perceberam.

Estes sujeitos camuflados podem ser até piores do que sujeitos ouvintistas - estes são mais abertos e expõem claramente o que querem-, enquanto os ‘camuflados’ usam uma

⁴⁸ Neo-ouvintista: pessoas ouvintistas que usam máscaras de aceitação cultural de surdos.

‘máscara’ de gentileza e o povo surdo e as comunidades surdas muitas vezes os identificam e confiam neles sem perceberem as conseqüências que podem ocorrer depois.

Citarei alguns exemplos: a música não faz parte de cultura surda, no entanto, os sujeitos surdos podem e tem o direito de percebê-la como conhecimento, como troca intercultural. Muitas escolas para surdos reconhecem o povo surdo como grupo cultural e lingüístico, mas as apresentações de danças, corais, balés são próprias da cultura ouvinte que continuam ocupando o centro da preocupação das escolas. Melodias e ritmos sonoros harmoniosos não foram criados pela cultura surda e sim pelos grupos ouvintes. Assim, ela se insere na cultura ouvintista.

É porque os sujeitos ouvintes não conhecem ou não compreendem realmente a cultura surda ou não aceitam a cultura surda? Ou pronunciam que acolhem a língua de sinais e usam máscaras que esconde o ouvintismo?

Na maioria de casos, mesmo em corais de língua de sinais - onde muitos sujeitos surdos nem entendiam a música que produziam - os seus passos, danças ou sinais são manipuladas por pessoas ouvintes, pois eram realmente músicas que são apreciadas e emocionavam aos ouvidos do público ouvinte, por exemplo, quando as crianças surdas dançam no palco, elas direcionam os olhares para a professora ouvinte que demonstra os passos, avisando o início e o término da música.

Quando surgiu a Comunicação Total⁴⁹, na década de anos 60, trouxe o reconhecimento e valorização da língua de sinais que foi excluída por mais de 100 anos na educação dos surdos. Então surgiram, em muitas escolas, os corais de língua de sinais, que não condiz com a expressão da arte surda. Os sujeitos surdos eram como marionetes imitando os sinais e movimentos com um maestro ouvinte, assim como exemplifica Arriens “sinalizando músicas de cultura ouvinte que nem eles mesmos ‘escutavam’, ficando totalmente presos ao maestro ouvinte, com os olhos fixos, apenas imitando e nem podendo olhar o público a que se dirigiam”. (2003,p23).

Estes casos acima são sujeitos camuflados de ouvintistas, pois querem agradar às platéias ouvintes e não absorvem as realidades culturais dos povos surdos. Podem até usar

⁴⁹ Comunicação Total: filosofia de trabalho com os surdos onde utilizavam de todos os recursos disponíveis para estabelecer um contato efetivo com a pessoa surda, dentre eles como o oral, treinamento auditivo, desenhos, escrita e usavam muito também o bimodalismo, isto é, português sinalizado.

estas máscaras camufladas inconscientemente, porque acreditam que estão realmente ajudando os sujeitos surdos com estas visões paternalistas e de cultura ouvinte, mas não enxergam que estão agindo erroneamente.

Têm escolas que usam língua de sinais como mediação com o oral e não como a produção cultural lingüística, treinam o oralismo como sendo a primeira língua, usando os métodos tradicionais, esforçando para adquirir os equipamentos tecnológicos que possibilitem mostrar a capacidade do surdo aproximar-se a um modelo ouvinte e dizem que faziam trabalho bilíngüe com os surdos, mas a prática não é feita corretamente.

É um bilingüismo ‘imaginário’. Então porque dizem que é o bilingüismo? Afirmam que a Libras é a primeira língua dos sujeitos surdos, mas pregam teorias totalmente diferentes da afirmação.

É porque a ‘educação bilíngüe’ está na moda?

Ou porque está dentro das políticas públicas adequada aos povos surdos?

Ou porque, com isto, podem obter mais verbas para escola?

Ou com isto a escola terá melhor aceitação pela sociedade atual?

Mas na realidade é uma ‘máscara’ que cobre uma visão ignorante sobre o trabalho bilíngüe ideal aos surdos. Como reflete o Wrigley:

(...) ter uma criança surda que usa os sinais é moda nos círculos de elite politicamente corretos de hoje. Embora este seja nominalmente o melhor do que ser escondido no quarto dos fundos ou fingir que é um empregado, como acontecia nas gerações anteriores por qual medida qualitativa a vida melhorou para a criança? (1996, p.28)

Segundo muitos relatos de sujeitos surdos, em uma das escolas, hoje já fechada, onde a diretora e as coordenadoras eram ouvintistas autênticas, usava a representação dos surdos como sujeitos ‘deficientes’, a diretora dizia muitas vezes com deboche ‘*esses* surdos’, ‘*esses bandos* de surdos’, como se os sujeitos surdos fossem seres inferiores que não tinham capacidade de captação e isto angustiou por dentro os sujeitos surdos nestes anos todos que trabalharam lá, porque estavam com as mãos ‘amarradas’ e boca ‘amordaçada’, como diz Hall “(...) sentimentos contraditórios e não resolvidos que acompanham essa difícil entrada (...), que são aspectos-chaves da ‘formação inconsciente do sujeito’ e que deixam o sujeito ‘dividido’” (2004, p.38), eles tinham sentimento de divisão entre optar por ‘gritar’ pelos

direitos culturais do povo surdo ou subjugar ao poder ouvintista pela segurança de terem seu pão no seu dia-a-dia, um emprego garantido.

Esta mesma diretora almejava professores ouvintes ensinando língua de sinais dentro da instituição, mesmo tendo sujeitos surdos instrutores capacitados e bons em suas mãos, ela não acreditava na capacidade deles em ensinar, isto mostra que ela abusava de seu poder dentro da instituição que em vez de acreditar em sujeitos surdos, tratam-nos como seres inferiores e sem maturidade.

Estes diretores ou coordenadores aproveitam de suas posições de poder dentro de instituição e assim se identificam no direito de exigir, assim como diz Foucault,

É por ter posto a justiça em concorrência com um excesso de procedimentos de urgência (...) ou com medidas administrativas, que ele paralisa a justiça regular, que a torna às vezes indulgente e incerta, mas às vezes precipitada e severa (2005, p.68)

Refletindo, vemos que hoje em dia ainda existem muitas práticas ouvintistas e escolas usando métodos ultrapassados, não se preocupando em atualizar, participando de congressos e cursos, ou ainda iniciam dizendo serem a favor da língua de sinais e aos poucos, sem ninguém perceber vão diminuindo-a, assim como afirma FELIPE: “Aceita-se programas bilíngües transitório, que iniciando com a libras, gradualmente substituirá essa língua pela língua portuguesa” (2004).

Será que, infelizmente, hoje o historicismo ainda não mudou?

Atualmente ainda há muitas escolas que se dizem bilíngües, mas na verdade é ‘bilingüismo imaginário’, pois no fundo ainda vêem os surdos como ‘deficientes’ ou usam língua de sinais como recurso, ou como apoio para o aprendizado de fala.

Em outra escola, inicialmente era oralista e depois de muitos anos optou por um trabalho bilingüismo, na ocasião em que a coordenadora fez projetos bilíngües na escola, ela saiu e as pessoas que lá permaneceram eram neo-ouvintistas.

Para esta escola geralmente as crianças surdas têm acesso a libras apenas por meia hora, três vezes por semana.

Isto é verdadeiro trabalho bilíngüe ou não?

É importante para os pesquisadores na área de educação e lingüística levarem a uma profunda reflexão sobre o que é na verdade o trabalho bilíngüe para os surdos.

O que bilingüismo pode contribuir aos sujeitos surdos?

O que permite aos surdos este trabalho bilíngüe?

Como os sujeitos surdos encontram sua identidade neste espaço bilíngüe mascarado?

Têm eles possibilidade de construir suas identidades dentro dessas relações de poderes?

Estas reflexões são importantes para o povo surdo, porque envolve os seres humanos que ‘gritam’ que querem ser reconhecidos por eles mesmos e não como os ‘clones’ de outros.

Outro exemplo que cito abaixo:

Em escola para surdos, certa ocasião, veio uma renomada doutora importante de Bauru-SP para fazer uma palestra sobre o Implante Coclear, explicando sobre a importância dele e que tem havido muitos ‘casos’ de crianças implantadas que alcançaram bons resultados com a evolução da tecnologia. E depois no final de palestra, a doutora nos olhou (estávamos nós dois surdos sentados com intérprete sinalizando para nós) e fez o comentário: ‘os surdos são contra o Implante Coclear porque tem medo que diminua os surdos e assim a comunidade surda extinguirá’. (STROBEL, 2004)

Eu olhei surpresa. Porque ela disse isto? Nós surdos contra implante coclear por medo de extinção das comunidades surdas? Claro que não!

Na realidade, nós o povo surdo, não nos preocupamos com a extinção dos surdos nas comunidades surdas, da tal maneira que esta doutora falou tão ‘friamente’; para ela e os outros especialistas da área de saúde as crianças surdas com implante coclear são ‘casos’, para nós estas crianças surdas são sujeitos que tem um nome, identidade, subjetividade, família, amigos e são seres humanos.

Nós, os povos surdos, não nos preocupam com o dito Implante Coclear e sim com os sujeitos surdos que são submetidos a esta cirurgia, que os mantém em malhas de poder ouvicêntricos, isto é, que está centralizada numa concepção do “ser ouvinte”, porque não tem garantia que dará certo em 100% dos casos.

Nós sabemos que há ‘casos’ que dão certo, nos quais as empresas de Implante Coclear mostram e investem com orgulho para divulgação e nós paraberizamos pelo milagre

realizado, mas e o resto dos outros sujeitos surdos? E aqueles ‘casos’ que não deram certo? Devemos ignorá-los?

(...) os surdos são capazes de ouvir através de implante coclear? Não. Não mesmo, desculpe, mas não (pela terceira vez disse não). Por qual motivo? Eu conheço pessoas (diversas) que têm implante coclear (que é caro e dá dinheiro para a classe médica) e não conseguem se adaptar. Elas ouvem o mesmo que ouviriam se tivessem colocado aquele aparelho auditivo que fica pelo lado de fora da orelha. Com uma grande vantagem, que é quando você está com dor de cabeça você tira o aparelho que está já incomodando. O implante coclear, além de ser passível de erro (deformação facial) não pode ser retirado sem lesões permanentes e por meio de uma cirurgia na cabeça. (...). Absurdo que a classe médica faça dos surdos seus objetos de experiências e escolham a dedo casos que deram certo (raros) para poder angariar mais verbas para suas pesquisas (seus salários). Absurdo. (JUNIOR, 2004)

Houve casos de surdos que foram implantados quando eram crianças e depois de adultos se revoltaram, porque não tem liberdade para praticar esportes e não podem ter aproximação direta a monitores de televisão, computadores e forno de microondas quando os mesmos encontram-se em funcionamento, uma vez que a radiação eletromagnética presente nestes equipamentos pode ser capaz de alterar a função do circuito eletrônico do Implante Coclear e ocasionar alteração na qualidade do som e falha no envio da estimulação.

Ai tem o relato de um surdo que foi implantado na infância e que depois de adulto tirou o aparelho externo:

(...) para mim foi ruim, porque com aparelho eu devia tomar muito cuidado, por exemplo, ficar quieto, andar normal, não podia brincar, eu era garoto muito agitado e queria ser livre e solto e às vezes ficava com dor de cabeça porque meu cérebro não tava acostumado com som acústico. Agora estou super ótimo sem aparelho externo, eu nasci surdo e cresci surdo! Mas a culpa não foi de minha família. Foi do médico que disse que era a melhor solução. Agora estou com somente um imã e um chipizinho dentro de meu crânio. Eu nem pretendo tirá-los porque se fizer vou ter de recomeçar tudo de novo como no passado. No começo me incomodava, agora já me acostumei, mas tem algumas coisas que não posso fazer, por exemplo durante jogo de futsal tenho que evitar dar cabeçada ! (CELSO⁵⁰, 2005)

Em uma ocasião, eu e as crianças surdas da escola, fomos a um parquinho para comemorar o dia das crianças, uma professora afastou uma criança de quatro anos de muitas brincadeiras, a criança chorava muito e queria participar. Eu perguntei à fonoaudióloga o porquê do afastamento e ela me disse que a criança tinha um implante coclear, por isto não

⁵⁰ Nome fictício

podia brincar na piscina de bolinhas, etc, porque as bolinhas quando batem umas nas outras formam um campo magnético que pode prejudicar o funcionamento de implante. Eu fiquei triste, porque esta criança não podia brincar normalmente como as outras crianças. O povo surdo pensa assim, como afirma a autora surda:

Qual é a reação dos surdos do mundo todo em relação ao implante coclear? Basicamente, não condenam esse milagre tecnológico e desejam sucesso às pessoas que querem muito ouvir alguma coisa. Mas apontam dois pontos fracos muito importantes: o atual nível técnico é relativamente insuficiente e as operações são feitas em crianças pequenas. Na opinião deles, o implante representa intervenção muito séria e arriscada na vida de uma pessoa e cada um deveria ser capaz de decidir por si, em função da ética. As crianças pequenas não são capazes de tomar decisões sozinhas. Os adultos, mesmo tendo as melhores intenções, decidem por elas e isso os surdos adultos criticam. Não consideram a surdez como a maior infelicidade do mundo. (STRNADOVÁ, 2000, p.29)

É evidente que um implante coclear não é igual a um aparelho auditivo, é muito mais responsabilidade e mais complexo que um simples aparelho auditivo, pois com o aparelho, se incomodar ou se o surdo sentir dor de cabeça, pode tirá-lo.

Aparelho auditivo o sujeito pode retirar para dormir, pode retirar e entrar na água (piscina, praia, entre outras coisas boas da vida que envolve a água), pode tirar quando não querem que as outras pessoas percebam que ele é surdo, pode tirar quando está com labirintite ou com dor de cabeça ou ainda com enxaqueca. Muita diferença do implante coclear que, como o nome já diz, não pode ser retirado, está implantado, ou seja, o sujeito não pode curtir uma praia, não pode sair na chuva, não pode, não pode, não pode (...) (JUNIOR, 2004)

Os governos gastam altas verbas para custear as crianças surdas nas cirurgias de implante coclear, porém não dão verbas para a compra de telefones para surdos, que são muito importantes pra a comunidade surda, como cita Lane:

(...) este mercado é controlado por ouvintes. Diz-se estar orientado para os interesses dos surdos, mas os lucros vão quase exclusivamente para os ouvintes. (...) os audistas têm um forte incentivo para acreditar que as crianças e adultos tem, de fato, necessidade de aparelhos auditivos, terapias da fala, reabilitação e, igualmente, de administradores ouvintes para tratarem dos seus assuntos e ensinarem as crianças surdas. (1992, p.57)

Os médicos e fonoaudiólogos pegam alguns ‘casos’ de crianças e adultos que deram certo com implantes cocleares e divulgam no palco à platéia, mas escondem por trás da cortina aqueles ‘casos’ que não deram certo.

Eu me lembro de quando eu era pequena, as professoras, da escola oralista onde eu estudava, me escolhiam junto com algumas crianças surdas que falavam melhor e nos levavam para apresentar em entrevistas na televisão ou jornal para divulgar a importância do oralismo, escondendo o resto da maioria de crianças surdas que tinham dificuldade na emissão oral no seu canto da escola. (STROBEL, 2004)

Estes especialistas da área da saúde são neo-ouvintistas, usando um ‘espaço camuflado’ para se promoverem e terem sucessos. Esta visão ouvintistas disfarçada ainda hoje é muito praticada, como cita o Wrigley: “Se o médico da família ou pediatra local no início oferece esperança de um conserto para o corpo danificado. É uma esperança nunca abandonada, e uma esperança que será cuidadosamente alimentada por aqueles que teriam lucro com a surdez” (1996, p.24)

As famílias alimentam esperanças de ‘cura’ da ‘deficiência’, ficam ansiosos e questionam se será que com implante coclear meu filho surdo ouvirá?

Será que, com implante, ele falará igual à criança ouvinte?

Será que, com implante, meu filho terá uma vida ‘normal’?

Será que, se nós optarmos em não fazer implante coclear o nosso filho no futuro vai rebelar e ser contra nós?

Como vemos, têm muitos ‘serás’, não existem certezas neste caso, o que sabemos é que geralmente a família desta criança surda não procurará comunidade surda, como explica Lane no caso da criança surda:

Apesar da criança surda que foi sujeita ao implante não se mover facilmente no mundo ouvinte, é pouco provável que o faça na comunidade dos surdos, é pouco provável que aprenda fluentemente a American Sign Language⁵¹ (...), criando os seus próprios valores fundamentais existentes naquela comunidade. A criança surda corre então o risco de se desenvolver sem qualquer tipo de comunicação concreta, seja ela falada ou gestual. Conseqüentemente esta criança poderá desenvolver problemas de identidade, de adaptação emocional e até mesmo de saúde mental. (1992, p.21)

Apresentou casos de que muitas famílias ouvintes que foram pedir opiniões ao povo surdo e optaram depois em fazer o implante coclear. O anseio de tornarem seus filhos surdos

⁵¹ Língua de Sinais Americana - ASL

‘normais’ falou mais alto, pois as famílias surdas no meio da comunidade surda sentiram-se ‘estrangeiros’ em um mundo diferente que não compreenderam e assustaram-se.

O que nós do povo surdo podemos fazer em relação a isto?

Sabemos que, embora hoje estas operações de IC estejam cada vez mais aperfeiçoadas diminuindo os erros, ainda existe o risco de um ou outro sujeito surdo não ter êxito, infelizmente! E isto é importante ser informado à sociedade.

Almejamos que o sujeito surdo tenha êxito na operação de IC, pois sabemos que SUS paga as cirurgias das crianças surdas, porém a maioria das famílias dessas crianças não sabe que depois das cirurgias elas têm de ter recursos financeiros para anos de treinamentos da fala e da audição e também para os consertos de peças que falham. É só o que podemos fazer atualmente, informar e torcer para que estes sujeitos surdos tenham êxito e que não tenham seqüelas e fracassos!

No entanto, uma pesquisa mais profunda sobre este assunto é importante e essencial. É um assunto polêmico porque o poder da área da saúde ainda é muito forte, pois eles procuram mostrar a representação dos sujeitos surdos como ‘deficientes’ que necessitam de ‘cura’ para acabar com esta ‘deficiência’.

Tem muitos sujeitos do povo surdo que estão felizes com sua identidade e não precisam se preocupar em agradar aos outros, cito exemplo de relato de uma surda:

O IC é uma polêmica ainda... Só no futuro pra ver se é bom ou não... E é uma opção. Realmente usamos óculos... Mas nunca enxergamos direito... Porque o oculista nunca acerta... Pelo menos pra mim! Também... O cara que perder o braço e colocar prótese... O braço e as mãos nunca mais voltarão a ser como antes eram, bem mais lento... E o próprio Rafael Lars preferiu não colocar prótese porque é muito artificial e dói muito (ele publicou na Revista Veja) então com o IC deve ser a mesma coisa... Artificial e o surdo nunca, mas nunca irá escutar tão bem como o ouvinte... Só ajuda, assim como o aparelho auditivo ajuda um pouco. Perfeito? Só Deus faz as coisas perfeitas... O homem só tenta imitá-lo e nunca vai conseguir... Por isso prefiro o natural... Assim como Deus me fez. O mais importante é ser feliz! (STOCK, 2006)

Quem convive na comunidade surda e tem contato com o povo surdo, vêem que tem muitos sujeitos surdos que anteriormente foram ‘educados’ em escolas ouvintistas sendo obrigadas a usarem aparelhos auditivos durante toda infância e depois os tiram quanto se tornam adultos livres. Isto é comprovado quando vemos pouquíssimos sujeitos adultos usando

aparelhos auditivos na comunidade surda, que valor educativo estes aparelhos tiveram para estes sujeitos surdos? Satisfazendo as vontades da comunidade ouvinte em curar a ‘deficiência’ dos sujeitos surdos, as empresas da área de saúde gastam enormes verbas para a compra de aparelhos auditivos para 90% das crianças surdas carentes em escolas, que depois continuamente os tiram.

Nós, o povo surdo, não somos contra o uso de aparelhos auditivos, mas tem de respeitar as crianças surdas quando não os querem ou quando queixam das ‘dores de cabeça’ não as obrigando a usarem.

Não há necessidade de agredir uns aos outros para defender suas idéias e sim o mais importante é respeitar as escolhas que cada sujeito faz em sua vida. Como o ser humano tem características diversificadas uns dos outros e nem sempre tem necessidades iguais, por isto cada necessidade pode atender as expectativas de cada um diferentemente, de uma forma geral, de um lado, existem raros casos em que para os sujeitos surdos somente a oralização deram certo e isto é respeitado, mas de outro lado, para aqueles que depois de passarem anos de oralização sem o uso de libras, que não deram certo, podem encontrar dificuldades de adaptação, na construção de sua identidade e outras situações.

Entretanto, tem uma arma ainda mais terrível: o silêncio⁵². É imaginável que muitos sujeitos surdos tenham escapado de sua isolamento; mas do ‘silêncio’ certamente não. Sujeitos surdos continuam lutando contra o sentimento de ser vencido pelo maior poder de si e com as próprias forças arrasta a resistência contra prática ouvintistas!

Têm alguns sujeitos surdos ‘oralizados’ que não participam da comunidade surda, pelo fato deles se aproximarem mais da identidade ouvinte por terem resíduos auditivos maiores que outros sujeitos surdos, ou pela opção de convivência somente nas comunidades ouvintes, no entanto é um grupo ‘minoritário’, como Lane assegura: “(...) este fato inclui algumas crianças capazes de ouvir alguma coisa. Mas nove em cada dez crianças surdas são, ou serão brevemente, membros da comunidade americana dos surdos.” (1992, p.35).

Vejamos na tabela abaixo de como são as representações dos sujeitos surdos em diferentes olhares na história (STROBEL, 2008b):

⁵² Eu digo aqui o ‘silêncio’ não no sentido de sem barulho e sim sem comunicação nenhuma, se refere às crianças surdas que não têm nenhuma língua por consequência de proibição de língua de sinais e não conseguiram desenvolver na aprendizagem na língua portuguesa oral e nem da escrita.

Historicismo	História camuflada	História Cultural
<p>⇒ Os surdos narrados como deficientes e patológicos</p> <p>⇒ Os surdos são categorizados em graus de surdez</p> <p>⇒ A educação deve ter um caráter clínico-terapêutico e de reabilitação</p> <p>⇒ A língua de sinais é prejudicial aos surdo.</p>	<p>⇒ Os surdos narrados como ‘coitadinhos’ que precisam de ajuda para se promover, se integrar</p> <p>⇒ Os surdos têm capacidade, mas são dependentes.</p> <p>⇒ A educação como caridade, os surdos ‘precisam’ de ajuda para apoio escolar, porque tem dificuldades de acompanhar.</p> <p>⇒ A língua de sinais é usada como apoio ou recurso.</p>	<p>⇒ Os surdos narrados como sujeitos com experiências visuais</p> <p>⇒ As identidades surdas são múltiplas e multifacetadas</p> <p>⇒ A educação de surdos deve ter consideração à diferença cultural</p> <p>⇒ A língua de sinais é a manifestação da diferença lingüística-cultural relativa aos surdos</p>

CAPITULO 3

OS ACONTECIMENTOS HISTÓRICOS REGISTRADOS

*“No corpo estão inscritas todas as regras,
todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica,
por ser ele o meio de contato primário do indivíduo com o ambiente que o cerca”.*
(J. DAOLIO – Da cultura do corpo.)

3.1. As construções das memórias

A história do povo surdo nos expõe que por muitos séculos de existência, várias políticas têm sido elaboradas sempre sob uma perspectiva dos sujeitos ouvintes e não dos sujeitos surdos que, quase sempre, são ignorados, desvalorizados enquanto cidadãos e profissionais que podem contribuir a partir de suas capacidades inerentes e de sua diferença: do ser surdo.

O que apresento aqui são algumas reflexões registradas por diferentes autores sobre analogia de poderes em relação ao corpo surdo e modos possíveis de abordar em sua subjetividade daqueles que considero ‘personagens’ de minha pesquisa: o ser surdo!

Um corpo surdo não é apenas um corpo, é muito mais que esqueletos, músculos e peles, é muito mais que vestuário e acessórios que o enfeitam, não são as expressões biológicas que o definem e sim as representações culturais que a ele se atribuem, relatar o corpo surdo é relatar, também, sua identidade, cultura, subjetividade e outros, assim faz referência Goellner:

(...) uma necessidade porque ao desnaturalizá-lo revela, sobretudo que o corpo é histórico. Isto é, mais do que um dado natural cuja materialidade nos presentifica no mundo, o corpo é uma construção sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, etc. (...) (2003, p.28)

Essa secção visa preferir sobre o desenvolvimento de subjetividade dos sujeitos surdos com as relações de poder que agridem ao corpo dos mesmos principalmente nas escolas, não somente na relação professor ouvinte X aluno surdo, mas, sobretudo discutindo o espaço em que os sujeitos surdos ocuparam e/ou ocupam na sua trajetória histórica.

Entre os vários autores pesquisados nesta viagem do tempo foram: MOURA (1997, 2000), PERELLO (1968), QUIRÓS (1966), SANCHEZ (1990), SKLIAR (1997), SOUZA (1998) e outros, eles apresentaram profundo trabalho de pesquisa nos aspectos históricos de

surdos, constituindo excelente material que nos permite refletir sobre o Historicismo, isto é, a História Hegemonia e a História Cultural dos povos surdos ao longo tempo.

No entanto, a inspiração para os registros que apresento no próximo capítulo 3.2. “História de vítimas surdas do holocausto” me veio à lembrança do autor Michel Foucault, mas também teve influência de outros autores que tratam da temática da relação de poder com o corpo, de tal modo, aqui estão presentes, além do já referido, Carlos Skliar, Jacques Lê Goff, Nicolas Truong, Silvana Vilodre Goellner, Alfredo Veiga-Neto, Jorge Larrosa e muitos outros mais, ainda que não explicitamente citados, mas, por certo, mostrando-se por entre as minhas palavras.

Aqui ilustro rapidamente a seguir a história do corpo surdo, cada sociedade, cada cultura tem influência sobre o corpo, dando representações a ele. Passam a existir, então, os ‘modelos’ de perfeição que são padrões de beleza, de sensualidade, de boa saúde, que oferecem representação ao corpo das pessoas para que possam construir as identidades como homens e mulheres aceitos pela sociedade, se os corpos desviarem desses ‘modelos’ de perfeição exigida serão rejeitados pela sociedade.

Veremos a seguir os acontecimentos históricos escritos por autores citados acima.

3.2. História de surdos: o imaginário do ‘outro’

A história dos surdos teve seu início caracterizado por dois ‘olhares’: o clínico e o religioso; com relação à visão clínica, os sujeitos surdos eram representados como deficientes relacionados a anormalidades nos ouvidos, nas cordas vocais e até mesmo no cérebro, despertando dedicação e empenho por parte de médicos nesta área de conhecimento, pois na época da evolução destes estudos a anatomia era importante para o papel da medicina, então passaram a pesquisar a fala dos sujeitos surdos assim como as suas probabilidades de aprendizagem. Quanto à visão religiosa, as atitudes de caridade e assistência aos sujeitos surdos faziam parte das regras e missões de origem religiosa, pois se mostram evidentes nos registros o empenho dos abades pioneiros, padres ou outros em se tornarem pioneiros e se responsabilizarem pelo cuidado e educação dos sujeitos surdos.

Moura comenta que esta visão religiosa já existia muito antes de se preocuparem com a educação de surdos, na Antiguidade, os sujeitos surdos eram considerados ignorantes e

excluídos da sociedade com explicações vindas de crenças místicas e religiosas. Os sujeitos surdos eram como obras do mal que deveriam ser evitados a todo custo. (1997)

Então, nesta época, era corriqueiro crer que a cura da surdez era atuada somente pelas mãos de Deus, pois segundo PERELLO e TORTOSA (1968), pela lei mosaica, a causa da surdez era atribuída à presença de demônios nos corpos dos sujeitos surdos pelo castigo divino ao pecado anterior. O interessante é que ainda hoje se crê nisto em algumas comunidades ouvintes, como menciona Lane:

(...) África Central, as mães afirmam que ao descobrirem que os seus filhos eram surdos, o seu primeiro pensamento era verificar se os seus antepassados tinham sido enterrados devidamente. Em muitas sociedades, as mães acham que a causa de surdez dos seus filhos é devida a agressões dos espíritos. (1992, p.27)

Segundo Sanchez (1990), as fontes mais antigas registradas sobre o povo surdo são algumas passagens de escrituras bíblicas em que se utilizava o vocabulário “Kophoi” para mencionar indistintamente os sujeitos surdos, e diversas são as referências existentes nas Bíblias cristãs e nas sagradas escrituras dos judeus com relação ao tratamento dispensado aos sujeitos ‘diferentes’, entre eles cito alguns:

Moisés disse ao Senhor: Ah Senhor! Eu não tenho o dom da palavra, nunca o tive, nem mesmo depois que falaste ao vosso servo; tenho a boca e a língua pesadas. O Senhor lhe disse: Quem deu uma boca ao homem? Quem o fez mudo ou surdo, o que vê ou o cego? Não sou eu o Senhor? Vai, pois, e eu serei na tua boca e te ensinarei o que hás de falar. (Êxodo, 4:10-12)

E trouxeram-lhe um surdo, que falava dificilmente: e rogaram-lhe que pusesse a mão sobre ele. E tirando-o à parte de entre multidão, meteu-lhe os dedos nos ouvidos; e, cuspindo, tocou-lhe na língua. E levantando os olhos ao céu, suspirou, e disse: Efatá; isto é, Abre-te. E logo se abriram os seus ouvidos, e a prisão da língua se desfez, e falava perfeitamente. E ordenou-lhes que a ninguém o dissessem; mas, quanto mais lho proibia, tanto mais o divulgavam. E admirando-se sobremaneira, diziam: Tudo faz bem: faz ouvir os surdos e falar os mudos. (Marcos, 7: 31-37)

O interessante é que no Evangelho acima observamos que o episódio é apresentado como milagre, porque somente com a intervenção divina é concebível que faça um surdo ouvir e falar, reforçando a crença anterior de que a cura da surdez somente era operada pelas mãos de Deus.

Nos escritos de Talmud⁵³ contém: “Não equiparem o surdo e o mudo à categoria dos idiotas e dos indivíduos sem responsabilidade moral, porque eles podem ser instruídos e feitos inteligentes” (PERELLO, 1968, p.3). Acrescentando segundo o Talmud judeu, os sujeitos ‘anormais’ seriam filhos de Deus e estariam sob sua proteção.

Para os países Egito e Pérsia, os surdos eram considerados como sujeitos privilegiados enviados dos deuses, porque pelo fato dos surdos não falarem e viverem em silêncio, eles achavam que os sujeitos surdos conversavam em segredo com os deuses numa espécie de meditação espiritual. Havia um possante sentimento de respeito, protegiam e ‘adoravam’ os surdos, todavia os sujeitos surdos eram mantidos acomodados sem serem instruídos e não tinham vida social.

Sanches (1990) registra que na antiguidade a surdez era relacionada à falta de fala e da audição, comenta que na época acreditavam que os sujeitos surdos não desenvolviam linguagem e que, sem linguagem, não podiam desenvolver pensamentos, assim sendo eles não poderiam aprender, pois não havia a instrução. Este argumento era usado tanto pelos gregos quanto pelos romanos, dentre ele o filósofo grego Aristóteles (384-322 a.C.).

Segundo Quirós (1966), Aristóteles, ao discutir a relação entre a audição e a linguagem, acreditava que a audição era a característica mais importante para a linguagem, pois representa o desenvolvimento do pensamento e isto assegurava que os sujeitos surdos não possuíam linguagem e tampouco pensamento porque não ouviam. Ele considerava o sujeito surdo como incompetente e incapaz.

Esta afirmação negativa influenciou a crença de que os sujeitos surdos eram ineducáveis, incapazes e estúpidos e com isto eles foram privados de educação e isolados da sociedade por quase dois mil anos.

Porém há outros registros que explicam que o Aristóteles não filosofou que os surdos eram incapazes e sim que houve erro de traduções e interpretações dos originais até os nossos registros atuais.

⁵³ O Talmud é um registro de discussões rabínicas sobre a lei e a ética judaica, assim como os costumes, lendas, histórias e etc., É uma fonte fundamental da legislação e do moral. O Talmud tem dois componentes, o Mishnah, que é a primeira compilação escrita da lei oral judaica, e o Gamara, uma análise do Mishnah (apesar de que os dois livros são usados geralmente conjuntamente). Talmud tem origem os primeiros escritos da Torah (biblia judaica) e é a base da lei e do código judaico. (fonte: <http://en.wikipedia.org/wiki/Talmud> acessado: 25/02/2006 traduzido do inglês por João A.L.Taborda)

Houve outras representações predominantes que se destacaram e tiveram influências na história, o filósofo grego Sócrates (470-399 a.C.) foi o primeiro a fazer reflexões sobre a língua de sinais no crátilo de Platão:

Se não tivéssemos voz nem língua, mas apesar disso desejássemos manifestar coisas uns para os outros não deveríamos, como as pessoas que são mudas, nos empenhar em indicar o significado pelas mãos, cabeça e outras partes do corpo? (SACKS, 1990, p31)

Moura (2000) expõe que os romanos impediam os sujeitos surdos de exercerem seus direitos legais, eles eram excluídos da vida social e educacional, não havia escolas para os mesmos e tinham muitas leis que não acreditavam na capacidade deles.

Havia uma variedade de leis que excluía os sujeitos surdos e também os protegiam, por exemplo, dentre estas leis cita Quirós o ‘Tratado Kiduschin ‘ (de Maimónides, Código de Religião IV – Mamzin, V.6), que estabelecia uma penalidade para a pessoa que fosse apanhada soprando ar nos ouvidos de alguém causando-lhe surdez. Do mesmo modo, alguém que dá qualquer golpe ou tapa no ouvido de seu pai provocando-lhe a surdez, poderá ser condenado à morte, pois ao ferí-lo, uma gota de sangue penetra no interior de seu ouvido. (1966, p.146)

Na Idade Média, a Igreja Cristã acreditava na inferioridade dos surdos, pois uma vez que os sujeitos surdos não falavam então não entenderiam os códigos e dogmas religiosos e não podiam confessar seus pecados, sendo assim não poderiam ter a chance da “salvação”, persistindo a idéia de que os surdos eram destituídos da condição de educação. Eram tratados como imbecis e suas curas continuavam com a ligação às interferências milagrosas.

(...) os surdos-mudos foram, por diversas legislações, impedidos de herdar, de casar e de possuir quaisquer propriedades, qualquer que fosse a forma de sua aquisição. Esse impedimento se dava apenas se o indivíduo não pudesse falar, o que demonstra que o problema era realmente relativo à expressão oral, e não ao discernimento ou à surdez propriamente dita. (BARBOZA e MELLO, 1995, p.45)

Mais ou menos um pouco depois dessa época, os pedagogos e filósofos apaixonados pela educação retomavam o debate sobre a integração social dos surdos, mas falavam de qual integração? E qual seria o preço que o povo surdo teria de pagar pela esta integração imposta por eles? Até hoje estas perguntas recebem respostas contraditórias.

Nos mostérios, os monges beneditinos usavam forçadamente o alfabeto manual para se comunicar devido ao obrigatório voto de silêncio feito entre eles, provavelmente estes foram os primeiros a utilizar o alfabeto manual, estranhamente esta prática não foi inicialmente usada para a comunicação com os sujeitos surdos.

Nos mostérios, os monges beneditinos associavam os surdos nas suas atividades produtivas e usavam os sujeitos surdos principalmente nos trabalhos manuais como única condição de sobrevivência. Isto levou a estereótipos sociais, que de apresentavam naquela época e até ainda hoje, segundo Skliar (1998), o estereótipo de que o sujeito surdo concentra-se com facilidade em suas atividades sem a distração do barulho, levando-o a uma representação de fabricante braçal de produtividade.

Segundo Radutzky (1992), o primeiro que afirmou que os surdos podem e devem receber instrução na história de surdos foi o médico italiano Girolano Cardano (1501-1576), sua principal contribuição foi referente à linguagem e a instrução com os surdos, o motivo de seu interesse era o fato de seu primeiro filho ser surdo. Ele se dedicou aos estudos dos ouvidos, da boca e do cérebro. Ele afirmou:

É necessário que quem é surdo aprenda a ler e a escrever, dado que pode fazê-lo, próprio como quem é cego. Certamente é uma coisa difícil, mas possível, mesmo para quem já nasceu surdo. Na realidade, nós temos a possibilidade de manifestar os nossos pensamentos seja com as palavras que com os gestos (BENDER apud RADUTZKY, 1992, p. 13)

O Girolano Cardano assinalava as diferenças das idades em que as crianças ficaram surdas e suas relações com o aprendizado alcançado por elas e concluiu que a surdez por si mesma não modificava a inteligência da criança e que a educação deveria ser dirigida para o ensino da leitura e da escrita. (Quirós, 1966)

Sanches (1990) e demais pesquisadores afirmam que os pioneiros da instrução de surdos, em século XVI, foram o Pedro Ponce de León (1520-1584) e Juan Pablo Bonet (1579-1629). Sacks relata que:

Esse período que agora parece uma espécie de época áurea na história dos surdos, testemunhou a rápida criação de escolas para surdos em todo o mundo civilizado; a saída dos surdos da negligência e da obscuridade; sua emancipação e cidadania; a rápida conquista de posições de eminência e responsabilidade - escritores, engenheiros, filósofos e intelectuais surdos, antes inconciliáveis, tornaram-se subitamente possíveis. (1989, p. 37)

O monge beneditino Pedro Ponce de Leon, na Espanha, inicialmente ensinava latim, grego e italiano e conceitos de física e astronomia aos dois irmãos surdos, Francisco e Pedro Velasco, membros de uma importante família de aristocratas espanhóis. Relatos de seus sucessores indicam que Pedro Ponce de Leon usava como metodologia o alfabeto manual usado por monges, a língua espanhola oral e escrita. Porém ele não publicou nada em sua vida e depois de sua morte a sua metodologia caiu no esquecimento porque a atitude na época era de conservar segredos sobre os métodos de educação de surdos.

Devido à fama alcançada e aos seus ensinamentos estarem voltados a filhos de nobres, Pedro de Leon ganhou prestígio nessa classe social. Nessa época, apenas os surdos filhos de nobres buscavam educação (principalmente o desenvolvimento da fala), pois, sem esta, não tinham direito à herança e aos títulos de família. Esse fato acarretou-lhe muito dinheiro que, somado aos empréstimos que realizava à custa de pequenas propriedades, fez com que contribuísse para o enriquecimento de sua Ordem. (LODI, 2005)

Na Espanha, Juan Pablo Bonet trabalhava no serviço secreto do rei Felipe IV, mas não se restringia somente a atividade militar, também se interessava por política, era muito culto e lia muitos livros.

O Juan Pablo Bonet iniciou a instrução com outro membro surdo da família Velasco, D. Luís, através de língua de sinais, treinamento da fala e do uso de alfabeto manual.

No ano 1620, na história da humanidade, o Juan Pablo Bonet publicou o primeiro livro sobre a educação de surdos em que se apresenta sobre o ensino precoce do alfabeto manual: “*Reduccion de las letras y arte para enseñar a hablar a los mudos*”, nesta publicação contém ilustrações de alfabeto manual utilizado por eles.

O fato de possuírem irmãos e parentes surdos entre famílias nobres, era talvez devido ao fato de que na época era comum haver inúmeros casamentos consangüíneos com o interesse de acrescentar o poder econômico e político, centralizando nas mãos deles, por isto somente sujeitos surdos destas famílias ricas tinham ingresso à instrução, como conclui Souza:

Até 1760 apenas surdos provenientes de famílias abastadas tinham acesso à educação. Cada tutor desenvolvia sua própria prática pedagógica e a guardava em absoluto segredo. Um segredo que, quando convertido em sucesso, conferia fama e muito dinheiro a quem o dominasse. Sucesso, por sua vez, que se traduzia em conseguir que o surdo escrevesse e lesse mais do que fazê-lo falar. (1998, p.130)

Segundo Soares (1999) a preocupação com o ensino da oralização, da leitura labial através do uso de espelhos e da escrita com os surdos está presente no trabalho do médico Johan Conrad Amman (1669-1724) que renunciou aos recursos da medicina passando a se dedicar na parte educacional com os surdos. Ele se preocupava em fazer o sujeito surdo conseguir associar o som das palavras aprendidas com a imagem escrita.

Os autores mencionam que na França o abade Charles Michel de L'Épée (1712-1789) conheceu duas irmãs gêmeas surdas, que se comunicavam em língua de sinais, a partir daí iniciou e manteve contato com os sujeitos surdos necessitados e humildes que vagavam pela cidade de Paris, procurando aprender a língua de sinais e começando a pesquisar a fundo sobre esta língua. Criou uma metodologia de ensino aos surdos com as combinações de língua de sinais e gramática francesa - este método foi apelidado de 'Sinais metódicos'.

O L'Épée instruiu os surdos em sua própria casa, onde vivia com seu irmão, ele transformou a sua casa em uma escola gratuita para surdos aberta tanto para os pobres quanto para ricos e foi agrupando até ter uns sessenta alunos surdos, com isto fundou a primeira escola pública para surdos 'Instituto para Jovens Surdos e Mudos de Paris' e treinou inúmeros professores para surdos.

Devemos recordar que a escola para surdos de abade de L'Épée foi a primeira a ser criada no mundo e por isto, talvez se viu obrigado a aceitar todos tipos de crianças para se realizar em um tipo de instrução rápida que permita a estes surdos transformarem-se em elementos úteis para trabalhos manuais na sociedade. (QUIRÓS, 1966, p.292)

L'Épée recebeu muitas críticas do seu trabalho pelos educadores oralistas, entre eles, o Thomas Braidwood (1715-1806) na Inglaterra e o Samuel Heinicke (1727-1790) na Alemanha, que iniciaram as bases da filosofia oralista, onde praticavam com os sujeitos surdos somente com a oralização, proibindo a língua de sinais.

Após a morte de L'Épée, o Roch-Ambroise Sicard (1742-1822) se tornou diretor da escola de L'Épée e deu a continuidade ao trabalho de 'sinais metódicos'.

Nos Estados Unidos, o Thomas Hopkins Gallaudet (1787-1851) parte à Europa para buscar métodos de ensino aos surdos. Depois de viajar em vários lugares Gallaudet chegou até a França, onde foi bem acolhido, e impressionou-se com o método de língua de sinais usado pelo Roch-Ambroise Sicard. Foi na França que conheceu o surdo Laurent Clerc, que era aluno do Instituto, descreve detalhadamente o episódio:

Gallaudet viajou para a Europa, em busca de um professor, alguém que pudesse fundar ou ajudar a fundar uma escola em Hartford. Foi primeiro à Inglaterra, visitou uma das escolas Braidwood, escolas ‘orais’ criadas no século anterior (...). Teve ali uma recepção fria: o método oral, informaram-no, era um ‘segredo’. Depois dessa experiência na Inglaterra, ele seguiu para Paris e ali encontrou Laurent Clerc, ensinando no Instituto de Surdos-Mudos. (SACKS, 1990, p.38)

O Laurent Clerc aceitou a oferta de Gallaudet para abrir a primeira escola para surdos nos Estados Unidos e como esta escola teve sucesso tiveram oportunidade de abrir outras escolas para surdos por todo o país, na época quase todos os professores de surdos eram fluentes em língua de sinais, Lane (1989) registra que nos Estados Unidos, anos depois, em 1869, havia 550 professores de surdos e que 41% dos professores de surdos eram surdos.

Em 1864, o Congresso dos Estados Unidos autorizou a primeira faculdade para surdos, localizada em Washington, denominada “Gallaudet University”, sendo o primeiro diretor o Edward Gallaudet, filho de Thomas Gallaudet.

Da mesma forma que na Europa, havia também nos Estados Unidos e em outros países a controvérsia entre as duas metodologias de trabalho com os surdos: o oralismo e a língua de sinais.

O adversário fervoroso de Gallaudet, o Alexander Graham Bell⁵⁴ (1847-1922), um defensor do oralismo puro, vinha de uma família com tradição no ensino e treinamento de audição e de fala com os alunos surdos, a sua mãe e sua esposa eram surdas, segundo Sacks elas tinham surdez negada⁵⁵ (1990).

O pai de Bell era conhecido no Canadá pelo seu trabalho como professor de surdos que treinava professores de uma escola de surdos nos Estados Unidos, como expõe:

O pai de Bell, autoridade indiscutível no campo dos problemas referentes à voz, à pronúncia e, sobretudo, às graves questões dos surdos-mudos, tivera a idéia de associar um desenho a todo som fonético para poder comunicar-se com os surdos-mudos e educá-los mais facilmente. Teria sido interessante construir um aparelho capaz de traçar automaticamente aqueles

⁵⁴ Bell ficou famoso pela invenção do telefone, seu aparelho gerou grande interesse público e recebeu um prêmio na época, embora inicialmente a intenção de inventar o telefone era para servir como apoio de treinamento auditivo dos sujeitos surdos.

⁵⁵ Surdez negada: designa aos sujeitos surdos que não aceitam a suas identidades surdas e mantêm ‘aparentemente se fingido’ de ouvintes.

sinais fonéticos, a partir do som recebido. Ele permitia que seus filhos assistissem às experiências que realizava nesse sentido.
(www.dicionariolibras.com.br, acessado: 11/04/2006)

Graças ao título de Doutorado em Medicina e à experiência acumulada pelo pai, o Alexander Graham Bell deu continuidade do trabalho desenvolvido por seu pai, ensinando o oralismo puro com os sujeitos surdos e treinando professores de surdos em muitas cidades dos Estados Unidos, pois, nessa época, antes da descoberta dos antibióticos, a surdez era muito comum como resultado de muitas doenças e falta de conhecimentos sobre prevenção à surdez.

Alexander Graham Bell escreveu muitos artigos criticando a cultura surda e a língua de sinais alegando que era inferior á língua oral e não propiciava o desenvolvimento intelectual dos sujeitos surdos.

Bell tomava partido da filosofia ‘Eugênia’⁵⁶ censurando casamentos entre casais de surdos, afirmando que se os surdos casassem e se reproduzissem, isto é, tendo mais filhos surdos, seria uma catástrofe para a sociedade. Bell escreveu que:

Isso não resultaria no aperfeiçoamento desejado, visto que mesmo que fossemos ao extremo de matar todos os indesejáveis, de forma a impedir a sua propagação... isto diminuiria a reprodução dos indesejáveis, sem aumentar a reprodução dos desejáveis. (LANE, 1992, p.192)

Bell escreveu com veemência negativamente contra a comunidade surda, no relacionamento de sujeitos surdos com outros membros surdos, como refere Wrigley:

(...) ao observar que elas ensinavam uma as outras a linguagem dos sinais e ganhavam um senso de comunidade com os outros surdos que durava além de seus anos na escola, ele concluiu que a assimilação e o desenvolvimento social nunca seriam conseguidos a menos que as crianças surdas fossem isoladas umas das outras. Bell pressionou incansavelmente para modificar as políticas de educação das instituições para surdos, de modo a impedir ‘a formação de uma variedade surda da raça humana’.(1996, p.27)

Eduard Huet (1822- 18??), francês surdo com conhecimentos da metodologia de ensino aos surdos, no ano de 1855 chega ao Brasil sob convite do imperador D.Pedro II⁵⁷ com a intenção de abrir uma escola para sujeitos surdos no Rio de Janeiro.

⁵⁶ Eugênia, ciência que estuda as condições mais propícias à reprodução e melhoramento da raça humana, a seguir na secção 3.2. teremos mais detalhes sobre o assunto.

No dia 26 de setembro de 1857 foi fundada a primeira escola para surdos no Rio de Janeiro, o ‘Imperial Instituto dos Surdos-Mudos’, depois de algumas alterações, hoje é denominado de ‘Instituto Nacional de Educação de Surdos’ – INES, como detalha Doria:

(...)quando a Lei nº 839, de 26 de setembro de 1857, denominou-o ‘Imperial Instituto de Surdos-Mudos’ (...), o artigo 19 do Decreto nº 6.892 de 19-03-1908, mandava considerar-se o dia 26 de setembro como a data de fundação do Instituto, o que foi ratificado pelos posteriores regulamentos, todos eles aprovados por decretos. Inclusive o Regimento de 1949, baixado pelo Decreto nº 26.974, de 28-7-49 e o atual, aprovado pelo Decreto nº 38.738, de 30-1-56, (publ. No D.º de 31-1-56), referindo à denominação de ‘Instituto Nacional de Surdos-Mudos’ (...) Tal instituição viu seu nome modificado recentemente pela Lei nº 3.198, de 6-7-57 (publ. No D.º de 8-7-57), para ‘Instituto Nacional de Educação de Surdos’ (...) (1958, p.171)

Diferentemente do ocorrido com o americano surdo Laurent Clerc, Moura (2000) faz menção que houve oposição das famílias brasileiras em confiar a educação de seus filhos surdos a um estrangeiro, e o fato de Huet ser surdo dificultou ainda mais a sua aceitação pois na época, no Brasil, os sujeitos surdos ainda não eram reconhecidos como cidadãos, como elucidada Rocha:

A novidade de um estabelecimento escolar para educandos surdos, numa organização social que sequer os reconhecia como cidadãos e com o agravante do responsável ser também uma pessoa surda, dificultou o aparecimento de alunos - candidatos (1997, p.5)

Em consequência disto, Huet começou o trabalho com pouquíssimos alunos. Na época, o Instituto era um asilo, onde só eram aceitos surdos do sexo masculino, eles vinham de todos os pontos do País e posteriormente foi crescendo o número de alunos, como afirma Mazzota: “Começando a lecionar para dois alunos no então Colégio Vassimon, Huet conseguiu, em outubro de 1856, ocupar todo o prédio da escola, dando origem ao Imperial Instituto dos Surdos Mudos” (2001, p.29)

Então Huet, cinco anos após a fundação do Instituto, por motivos particulares, retirou-se da direção do Instituto em 1861 e viajou para o México, e a partir do ano 1862 o Instituto passou por diversos diretores ouvintes.

⁵⁷ Deduz-se que o imperador D. Pedro II se interessou pela educação dos surdos devido ao seu genro, o Príncipe Luís Gastão de Orléans, (o Conde d’Eu), marido de sua segunda filha, princesa Isabel, ser parcialmente surdo, precisa de mais pesquisas aprofundadas a respeito para a confirmação desse fato

Foi no Instituto que os iniciadores da educação dos surdos de diversos estados buscaram a formação na área, e também lá que os ex-alunos surdos difundiram a mistura da LSF - língua de sinais francesa - com os sinais já usados pelo povo surdo brasileiro, originando a Língua Brasileira de Sinais, também chamada de LIBRAS.

O ano de 1880 foi uma ‘marca’ de toda a história dos surdos, que adicionou a força de muitos períodos de duelos polêmicos de opostos educacionais: a língua de sinais e o oralismo. Neste ano foi realizado um Congresso Internacional de Professores de Surdos, em Milão, Itália, para discutir e avaliar a importância dos três métodos rivais: língua de sinais, oralista e mista - língua de sinais e o oral.

Os temas propostos foram: vantagens e desvantagens do internato, tempo de instrução, número de alunos por classe, trabalhos mais apropriados aos surdos, enfermidades, medidas curativas e preventivas, etc. Apesar da variedade de temas, as discussões voltaram-se às questões do oralismo e da língua de sinais. (BORNE, 2002, p.51)

No dia 11 de setembro de 1880 houve uma votação e por 160 votos contra quatro, ganhou o método oral na educação dos surdos e a partir daí a língua de sinais foi proibida oficialmente alegando que a mesma destruía a habilidade da oralização dos sujeitos surdos.

(...) ficou decidido no Congresso Internacional de Professores Surdos, em Milão, que o método oral deveria receber o status de ser o único método de treinamento adequado para pessoas surdas. Ao mesmo tempo, o método de sinais foi rejeitado, porque alegava que ele destruía a capacidade de fala das crianças. O argumento para isso era que ‘todos sabem que as crianças são preguiçosas’, e por isso, sempre que possível, elas mudariam do difícil oral para a língua de sinais. (WIDELL, 1992, p. 26)

Este congresso foi organizado, patrocinado e conduzido por muitos especialistas ouvintistas, todos defensores do oralismo puro, num total de 164 delegados, 56 eram oralistas franceses e 66 eram oralistas italianos. Havia 74% de oralistas da França e da Itália. Alexander Graham Bell teve grande influência neste congresso.

Os países que resistiram à proibição da língua de sinais foram a Grã Bretanha e os Estados Unidos. Alguns sujeitos surdos, representantes do povo surdo, queriam participar do congresso, mas foram excluídos na votação e tiveram seus discursos negados.

Obviamente já perceberam que o ensejo do oralismo puro já era vitorioso por causa do número de presentes ouvintistas, demonstrando que o triunfo da causa do oralismo puro já tinha sido ganho mesmo antes do congresso iniciar.

(...) essa data ainda é lembrada como a mais sinistra de sua história: como se fosse mesmo o ‘11 de setembro’ deles quando desabaram as torres gêmeas da cultura e da língua de sinais, a do método misto e a do método manualista para educação dos surdos. Ali começou uma longa e amarga batalha para defender o direito de vida de língua de sinais. (RÉE, 2005, p2)

A partir daí, durante mais ou menos cem anos, os surdos ficaram subjugados às práticas ouvintistas tendo que abandonar sua língua de sinais, a cultura e a sua identidade surda, se submetendo a uma ‘etnocêntrica ouvintista’.

De acordo com Rocha (1984), ‘etnocentrismo’ é “uma visão do mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados (...) através dos nossos valores...”, partindo deste conceito, dentro do contexto da história dos surdos, podemos dizer que a ‘etnocêntrica ouvintista’ é a idéia dos sujeitos ouvintes que não aceitam os sujeitos surdos como diferença cultural e sim que eles têm que se moldar como um modelo ouvinte, isto é, os surdos devem imitar os ouvintes falando e ouvindo.

Refere Widell (1992) “oralismo se encontrava então bem adaptado à sociedade, mas como será que as atitudes ocultas nestes métodos de ensino se adaptam à cultura surda? Deveria a cultura surda se adaptar unilateralmente às exigências da sociedade?” (p.29)

A resposta pra o questionamento acima é não. Houve uma grave crise entre a cultura surda e a sociedade, pois ao percorrer a trajetória histórica do povo surdo e suas diferentes representações sociais vemos os domínios do ouvintismo relativos a qualquer situação relacionada à vida social e educacional dos sujeitos surdos.

Após o congresso de Milão em 1880, houve fracassos na educação dos surdos devido à predominância do oralismo puro na forma de ouvintismo.

Como uma criança surda poderá desenvolver uma língua se não houver uma identificação com o surdo adulto? Como o sujeito surdo poderá fazer uma identificação com relação à sua identidade surda se ele não conviver com outros surdos que façam o uso da língua de sinais? Quem foi que disse que é só o sujeito surdo utilizar-se da língua de sinais que, por um passe de mágica, passará a ter uma aprendizagem total? E a cultura, como fica?

As questões da cultura surda e a língua de sinais foram muito refletidas e valorizadas em meados de 1960. O lingüista Willian Stokoe publicou “*Language Structure: na Outline of the Visual Communication System of the American Deaf*” afirmando que a língua de sinais americana é uma língua com todas as características da língua oral. Esta publicação foi a origem de todas as pesquisas lingüísticas da língua de sinais que prosperaram nos Estados Unidos, na Europa e no Brasil.

Voltando ao Brasil, a lingüista brasileira Lucinda Ferreira Brito passou um mês em uma das aldeias dos índios Kaapor para estudos da língua de sinais desenvolvida entre eles na selva amazônica e publicou o seu primeiro livro: ‘Integração Social e Educação de Surdos’ narra sobre a LSKB – língua de Sinais Brasileira Kaapor e LSCB – Língua de Sinais Brasileira dos Centros Urbanos no ano de 1993.

Inicialmente, a autora Brito nomeava a língua de sinais como LSCB - Língua de Sinais Brasileira dos Centros Urbanos , A sigla LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais foi adotada a partir de uma votação feita para eleger um dos dois nomes: LSCB e LIBRAS, em uma reunião no mês de outubro de 1993 na sede da FENEIS- Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos - Rio de Janeiro.

Durante uma visita da autora surda Vilhalva à aldeia indígena brasileira, Aldeia Xavante de Mato Grosso, no ano de 1990, ela conheceu índios surdos “Fiquei maravilhada e liguei uma semelhança lingüística, vivenciei o campo de pesquisa e ensino da língua indígena e língua portuguesa e suas adaptações e vi quanto era semelhante com a língua de sinais em seu ensino e aprendizagem” (2001, p.33). Segundo o missionário e autor do livro Ensaio - Pedagogia Xavante, Bartolomeu Giaccaria, se o índio surdo é saudável, ele é aceito pelos xavantes, que se adaptam com a sua comunicação e isto demonstra que os grupos de índios não consideram a surdez como ‘doença:

(...) Quando a criança não anda e não se levanta, fica sempre engatinhando até um pouco grande, facilmente chega a doença e começa enfraquecê-la até morrer. Os pais gostam igualmente dessa criança, ainda que prevejam que não terá vida longa. Isso acontece porque os Xavantes não fazem discriminações entre os indivíduos da sociedade. A criança excepcional é tratada como todas as outras e não lhe dispensam cuidados especiais (...) (GIACCANA, 1999, p.27)

Historicamente tem um fato curioso em relação ao oralismo nas escolas para surdos, como aponta Sacks, é que “até os mais famosos desses pupilos surdos orais conheciam e usavam a linguagem dos sinais. Sua fala era em geral quase ininteligível e tendia a regredir assim que o treinamento intensivo fosse reduzido”. (1990, p.30)

Bem como vemos, não foi sempre esse oralismo puro dominante na história de surdos, pois antes do congresso de Milão de 1880, a língua de sinais e a cultura surda eram valorizadas e usadas livremente. Nesta época havia inúmeros escritores surdos, artistas surdos, professores surdos e outros.

Com a votação no Congresso de Milão, houve um ‘rombo’ que ocasionou a queda de Educação dos surdos, e agora os povos surdos estão criando forças e ânimo para levantar e lutar pelos seus direitos.

Entretanto, isto não significou o banimento dos métodos oralistas, que continuaram a ser utilizados até hoje, mas a língua de sinais, a cultura e a identidade surda ganharam mais potência e foram mais valorizadas.

3.3. História de vítimas surdas no ‘holocausto’

A retrospectiva através da história possibilita-nos uma reflexão de como o surdo foi tratado com muita atrocidade através dos tempos e de como foram geradas as ideologias que permearam as representações em relação aos surdos.

O despreparo, a ignorância dos profissionais ao atendimento dos surdos e a visão apenas clínica discriminaram e marginalizaram os surdos como pessoas totalmente incapazes (QUIRÓS, 1966).

‘Holocausto’, palavra chocante, porque usá-la? O holocausto, palavra conhecida como massacre dos judeus e de outras minorias efetuado nos campos de concentração alemães durante a Segunda Guerra Mundial, era um tipo de sacrifício entre os judeus e outros povos em que a vítima era totalmente queimada.

Então, assim como os judeus, durante muitos séculos os sujeitos surdos foram tratados com brutalidade, sendo sacrificados, eliminados e até passaram por torturas físicas, pois em certas épocas predominava a filosofia da Eugénia.

A filosofia Eugenia era a ciência que estudava as condições de favorecer a reprodução humana, o aperfeiçoamento e a melhoria da raça.

O matemático Francis J. Galton, obcecado pela teoria da engenharia social, dedicou sua carreira científica estimulando a seleção de casais na procriação dos ‘melhores’ da raça humana. Em 1883 no livro “*Inquiries into human faculty and its development*” criou-se essa nova ciência, a ‘Eugenia positiva’ que significa ‘bem-nascer’.

Na Alemanha, a filosofia da Eugenia inspirou defensores da superioridade racial pura através de segregação, esterilização, eutanásia e extermínio em massa dos indesejáveis, que originou a ‘Eugenia negativa’.

(...) a pseudociência da Eugenia nasceu na Inglaterra e se desenvolveu nos Estados Unidos, formando, dentro do berço liberal da democracia americana, as idéias e as práticas eugênicas que depois assustariam ao mundo praticado pela Alemanha Nazista. Auschwitz tem sua gênese bem mais distante e distinta de Berlim da década de 30, mas pode ser facilmente identificada em Cold Spring Harbor, EUA, no início do século XX. (PEDROSA, 2005)

Para a filosofia da ‘Eugênia negativa’, era preciso esterilizar os ditos ‘inferiores’ daquela parte da população tida como “socialmente incapaz”. Em julho de 1933, foi decretada a lei de esterilização obrigatória de diversas categorias de ‘defeituosos’ que eram mortos em câmaras de gás.

Um relatório de 1912 da seção de eugenia de Bell da Breeders Association cita o seu censo de pessoas cegas e surdas e faz a listagem das classes “socialmente inaptas”, nas quais se incluem os surdos, cuja reprodução devia, caso fosse possível, ser eliminada da raça humana (LANE, 1992, p.194)

Então nesta época foi usada a esterilização para evitar a reprodução desses ‘sujeitos imperfeitos’. Durante a segunda guerra mundial, a Alemanha Nazista implantou, através do Hitler, a eliminação de muitos sujeitos surdos nas clínicas eugênicas.

Voltando à antiguidade, segundo Mitterrand, a distinção dos surdos nem sempre foi feita dentre os deficientes físicos, sensoriais e mentais e nem mesmo aos pobres, eles geralmente eram assimilados aos marginais, excluídos da sociedade, como objetos de compaixão ou ainda um trabalho de esforço de conciliação cristã. (1989)

Como citado no capítulo anterior, vimos que a cura da surdez representava como milagre cristão, a frequência com que isto acontecia é menor em relação às outras deficiências e ou doenças, isto é, a cura milagrosa de um sujeito surdo é menos espetacular que o de um paraplégico, ou de um leproso, ou mesmo de um cego, pois poderiam provar na hora visualmente o acontecimento porque a transformação física era mais evidente, o que não ocorria com os surdos, por isto eram considerados marginais, assim como descreve o Radutzky:

(...) Infelizmente, os Romanos herdaram dos Gregos o amor pela perfeição física, por muitos anos os recém-nascidos que apresentavam evidentes imperfeições físicas eram mortos. Em Roma, eles eram colocados na base de uma estátua nas praças principais e então devorados pelos cães. Por estes motivos muitos historiadores pensaram que certamente nas crianças surdas não se aplica a este destino dado que, seguramente, mesmo hoje, é muito difícil fazer um diagnóstico precoce da surdez. (1992, p.11)

Em Roma não aceitavam os sujeitos surdos, porque achavam que eram sujeitos castigados ou enfeitiçados, então os abandonavam ou eliminavam fisicamente - jogando-os no rio Tíber. Só se salvavam aqueles que do rio conseguiam sobreviver ou aqueles cujos pais os escondiam, mas isto era muito raro - também os faziam de escravos obrigando-os a passar toda a vida dentro do moinho de trigo empurrando a manivela. (MAIRE, 1995)

Rômulo, o fundador de Roma, por volta de 753 a.C. decretou que todos os surdos recém-nascidos e crianças até os três anos de idade teriam de ser inseminadas, porque eram um peso e problema para o Estado. (RADUTZKY, 1992)

Foi apresentado no congresso em Roma, no ano de 1962, a descoberta arqueológica das escavações nas ruínas de Cartago Romano, um epitáfio - a inscrição num túmulo - o "Progenil maledetta" (Descendência maldita) que pronunciava a promessa de pais para com deus 'Amon' de quando tivessem a felicidade de terem filhos nascidos saudáveis sacrificariam o seu filho surdo. (SKLIAR, 1997)

Na Grécia, os sujeitos surdos eram considerados inválidos e muito incômodos para a sociedade, por isto eram condenados à morte – lançados abaixo do topo de rochedos de Taygète, nas águas de Barathere – e os sobreviventes viviam miseravelmente como escravos ou isolados.

Na antiga Gália, na ocasião da festa do Agárico, os gauleses tinham o costume de realizar, em grande escala, sacrifícios de animais e humanos em rituais religiosos e culturais, garantindo a prosperidade da descendência, do gado, da agricultura bem como o sucesso na guerra, em nome da comunidade, que atribuía virtudes à certas plantas, à verbena, à selagina, ao sâmol e, especialmente, ao agárico. Os sujeitos surdos eram sacrificados nos dolmens para o deus de guerra, Teutatis, deus celta; após a conquista romana foi identificado como deus Marte, pois existem representações dele associado aos guerreiros.

Durante a Idade Média, os sujeitos surdos eram freqüentemente apedrejados ou mortos em fogueiras.

Em Atenas os bebês surdos eram abandonados nas florestas para morrer, tais como os índios brasileiros abandonavam à sorte, os filhos com imperfeições incapazes de trabalhar e sobreviver nas selvas, isto tem mais a ver com a tradição cultural do povo do que com discriminação, e as imperfeições físicas são mais aparentes, por isto os surdos sobreviviam a esse cruel destino, Brito (1993) mostra a existência dos índios surdos na selva amazônica em uma das aldeias de Kaapor em sua pesquisa exposta na sua publicação 'Integração Social & Educação de Surdos'

Nas sociedades de cultura primitiva, os povos eram nômades, sobreviviam da caça e da pesca, e não tinham habitação fixa. Estavam sujeitos às intempéries e a animais selvagens. Estes fatores dificultavam a aceitação de pessoas deficientes pelos demais membros do grupo, pois, incapazes de irem em busca da caça e de sobreviver às adversidades, essas pessoas se mostravam dependentes da tribo. Por este motivo, eram abandonadas em ambientes agrestes e perigosos, o que inevitavelmente contribuía para sua morte (Wikipédia, 2006)

Tinham curiosos costumes culturais em relação às atitudes com os índios 'imperfeitos', de acordo com o coordenador geral do Centro de Referencia de FASTER⁵⁸, dentre muitos, nos traz alguns exemplos:

AJORE - Os índios Ajore vivem ainda hoje como nômades, em regiões pantanosas, entre os rios Otuquis e Paraguai, nos isolados confins da Bolívia e do Paraguai. São considerados como orgulhosos nativos do Gran Chaco. Devido ao nomadismo, todos os recém-nascidos com defeitos físicos - ou mesmo aqueles não-desejados - são enterrados junto com a placenta, ao nascer. Os velhos Ajore, ou aqueles que, devido às circunstâncias ficaram deficientes, são enterrados vivos, por solicitação

⁵⁸ Fonte: <http://www.crfaster.com.br/Atitudes.htm>, acessado: 15.04.2006

própria ou mesmo contra a sua vontade. Alguns consideram esse tipo de morte altamente desejável, pois a terra os protegerá contra tudo e contra todos. (SILVA, 2006)

SALVIA - Nas matas fechadas da Amazônia sempre viveram os índios Sálvia, hoje em extinção. Eles costumam dar a morte aos fisicamente defeituosos, por serem considerados como elementos claramente marcados por espíritos malignos (SILVA, 2006)

UITOTO - Segundo costume observado pelos integrantes dessa tribo do alto Amazonas, a sudeste da Colômbia e nas proximidades do Peru, o recém-nascido era sempre submerso num riacho próximo à aldeia por alguns segundos, a pretexto de sua limpeza. Mas isso era feito também para verificar sua hígidez e perfeição física. Caso a criança não fosse suficientemente saudável e bem constituída, melhor seria morrer naquela hora do que passar a vida toda de atribulações para si e para sua família, devido à fraqueza ou defeito físico. Nos casos de ocorrer alguma deformidade durante seu crescimento, o feiticeiro da tribo declarava abertamente que ela havia sido vítima de algum mau espírito, podendo causar malefícios para toda a aldeia. Acabava sendo eliminada. (SILVA, 2006)

Só mais tarde, quando a medicina evoluiu e fizeram estudos sobre a surdez, que começaram a categorizar os sujeitos surdos segundo suas representações em graus de surdez fazendo com que eles passassem a ser considerados ‘doentes’ e ‘deficientes’. O fato dos surdos terem dificuldade para falar é que reforçou esta visão clínica.

Desde os tempos antigos até hoje a anatomia da orelha e cordas vocais são disciplinas em constante estudo e durante a época do renascimento as descrições se aprofundaram graças à dissecação dos cadáveres.

Os médicos procuravam os nervos relacionados ao ouvido e a língua, porque na época estabeleciam a idéia de que era o defeito destes nervos da orelha que causavam a surdez e os da língua a mudez, como menciona Werner (apud SOARES) “Concepções errôneas sobre a origem da surdez, aceitas em anatomia desde a Antiguidade.” (1999, p.13)

Associavam surdez e mudez com a anatomia, medicina e remédios, enfim, uma visão clínica persistiu-se por muitos anos, cito abaixo alguns exemplos:

Ambrosio Paré (1510-1590) foi médico de Carlos IX da França e cirurgião de um célebre hospital de Paris. Em Sua obra “anatomie universel de corps humain” há um trecho curioso onde se diz que a mudez de um surdo-mudo se teve por causa da repercussão sobre os nervos da voz:

Isto ocorre porque os nervos de quinta conjugação comunicam com os de sexta, que são os nervos recorrentes (chamados de nervos da voz) e os que vêm de pequenas ramificações do pulmão que armazena o ar e isto que materializa a voz, e quem é privado no discurso parecem que os pacientes falam tendo a cabeça dentro de pote. (QUIRÓS, 1966, p.227)

Muitas pessoas e estudiosos procuravam desesperadamente a cura para a surdez. E, pior ainda, muitos sujeitos surdos foram cobaias sofrendo agonias em mãos de muitos médicos e estudiosos.

Um deles era Jean Marc Itard⁵⁹, médico de uma escola para crianças surdas em Paris, não acreditando que o surdo é um sujeito cultural, sob ponto de vista clínica, escreveu em 1835:

Os surdos acreditam que são iguais em todos os aspectos. Devemos ser generosos e não destruir essa ilusão. Mas, independentemente daquilo em que acreditam, a surdez é uma enfermidade e devemos curá-la, independentemente de perturbar ou não a pessoa que dela sofre! (LANE, 1992, p.191)

Este médico, para satisfazer os estudos, pesquisou e dissecou muitos defuntos de surdos, fez muitas experiências científicas provocando dores lacerantes aos sujeitos surdos, aplicou até eletricidade nas orelhas de alguns alunos surdos, pois Itard achava que havia analogia entre a paralisia do órgão auditivo e a paralisia de um membro.

O terrível foi que Dr. Itard colocou até sanguessugas para provocar sangramentos esperando que produzisse algum resultado, furou também os tímpanos de seis alunos surdos provocando a morte de um deles. Itard aperfeiçoou a sonda inserindo-a na trompa de eustáquio, que vai desde a garganta até o ouvido, extraindo posteriormente o excremento linfático em 120 alunos surdos e os resultados foram nulos. (LANE. 1992)

Tentou ainda também dieta diária de laxativos, ouvidos cobertos por uma liga embebida de agente borbulhante fazendo a pele do ouvido ficar em carne viva a fim de expelir

⁵⁹ Este médico ficou famoso pelo caso do menino selvagem, o Victor de Aveyron. No verão do ano de 1798, numa floresta na França, uma criança selvagem foi encontrada pelos caçadores e levada a Paris para ser observada pelo Itard que considerou possível recuperar o atraso provocado pelo seu isolamento total na floresta. Itard se tornou tutor de Victor, iniciou a tarefa de desenvolver os seus sentidos intelectuais e afetivos, no entanto, não obteve muitos progressos com Victor que nunca chegou a aprender a falar e só aprendeu algumas palavras em língua de sinais. Victor viveu no Instituto de Educação de Surdos Mudos de Paris até a sua morte aos 40 anos de idade no ano de 1828. Victor não era surdo, somente não falava.

o pus e ainda mais, fraturou o crânio de alguns surdos batendo com martelo na área de trás dos ouvidos. (Idem, 1992)

Tratamentos de doenças do ouvido citadas pelo Dr.Itard em 1821: “Os purgativos, a aplicação de fontículas sobre a apófise mastóide para provocar a transpiração da cabeça, as injeções irritantes na trompa de Eustáquio, os vômitos, as preparações pruriginosas e amargas, as fricções secas da cabeça, as vaporizações de éter no conduto auditivo externo, as bandagens, as cauterizações mastoidianas, os emplastos vesicatórios (que provocam verrugas), a perfuração da membrana timpânica com injeção de água morna” (MITTERRAND, 1989, p.143)

Acreditando que a surdez pôde ser causada por um acúmulo da drenagem fez cirurgia de derivações com a instalação de metal em diversos alunos surdos. Depois que dois morreram com infecções, Itard interrompeu o ‘tratamento’ e concluiu: “A medicina de nada vale naquilo que está morto e, por aquilo que me foi dado a observar, não há vida no ouvido de um surdo-mudo. Quanto a isso, não há nada que a ciência possa fazer.” (LANE,1992, p.192)

Dr.Itard, após tantas exaustivas e fracassadas experiências, cansou de se exceder em vários conhecimentos clínicos tentando curar a surdez, voltou para aspectos educacionais e continuou o trabalho com treinamentos auditivos em sujeitos surdos no Instituto Nacional de Paris.

Houve outro que sucedeu Dr Itard, o Dr Prosper Ménière (1799-1862), chefe de medicina do Instituto Parisiense, ele ousou fraturar o crânio de um jovem aluno surdo alegando que por essa abertura a criança deveria perceber-se e sentir os sons e como resultado, a criança não ouviu e continuou surda-muda. (MITTERRAND, 1989)

A Academia de Medicina criticou Dr.Ménière bem como tentou proteger as cabeças das crianças surdas contra choques externos que as matariam facilmente, (Idem, 1989).

Muitos pais, professores e médicos achavam importante encontrar a cura da surdez através de remédios, assim como ocorreu com surdo Laurent Clerc (1785 –1869):

No princípio meus pais tentaram desfazer minha surdez, certo doutor em Lyon tinha a cura e minha mãe me levou lá, ele disse que poderia me fazer ouvir se eu fosse duas vezes no consultório dele durante a quinzena. Isto nós fizemos e ele me injetou não sei o que, de líquidos em minhas orelhas, mas sem efeito. Ao término da quinzena eu voltei para a casa com minha mãe, ainda tão surdo quanto eu estava antes. (LANE, 1984, p 5)

Em Talmud se menciona princípios higiênicos, dietéticos e tratamentos através de medicamentos, os tratamentos da surdez através da urina eram muito valorizados na época pelas comunidades primitivas:

Assim por exemplo, se menciona que a urina do paciente como único líquido que não é nocivo para os ouvidos e que pode fazer bem para a surdez. (...) A propósito da medicina pré-hipocrática temos visto algumas teorias asiáticas que parece haver dado origem a este tipo de prática (QUIRÓS, 1966, p.145)

E muitos outros remédios caseiros e simpatias na tentativa de curar a surdez temporária, assim como cito nos exemplos abaixo:

(...) uma maçã doce de bom tamanho, corta-se uma parte com uma faca, depois esquentar a maçã no fogo e a colocar morna sobre as orelhas deixando-a toda à noite e pela manhã vai ser encontrado pus que foi puxado pra fora na maçã (...) e quando uma aranha entra na orelha de alguma pessoa, pegar uma mosca viva, segurando-o pelo pé ou pela asa perto da orelha. O “grito” da mosca atrairá a aranha para fora de orelha.(...) ⁶⁰. (MITTERRAND, 1989, p.13.)

(...) Na mesma Espanha que tanto fez pela educação do surdo, curiosos como Ramirez de Carrion desenvolveu um processo de “cura” de surdos, cuja a receita era a seguinte: raspar a cabeça (...), aplicar-lhe uma mistura de Brandy, salitre, óleo de amêndoas e petróleo, e pondo-se atrás do surdo reza-se a inevitável e medieval reza, bem alto, é claro, até porque estava-se perante um surdo. A única garantia deste remédio era que, mesmo que o surdo não se curasse, ficava careca, podendo assim dividir as suas preocupações entre a surdez e a calvície. (2006) ⁶¹

Para acabar com a surdez, foram gradualmente se desenvolvendo as tecnologias na área da saúde, assim como a invenção dos aparelhos para desenvolver a audição residual e as cirurgias de Implante Coclear; houve sujeitos surdos que tiveram cirurgias mal sucedidas no início da fase histórica dos implantes, houve infecções e até mortes causadas por eles, acrescenta uma fonoaudióloga:

(...) Cerca de 15% das pessoas que fazem o IC não se beneficiam do mesmo. Os motivos são os mais diversos. O IC garante a sensação auditiva,

⁶⁰ Tradução de francês pela prof^a Ana Paula Kochen

⁶¹ -<http://www.maosquefalam.com/index.php?module=ContentExpress&func=display&ceid=14>

acessado: 15/04/2006

mas a discriminação dos sons é o mais complicado e dependem muito do histórico da surdez e fatores pessoais, como motivação, determinação, etc. (...) (ORKUT, 2006)

Está acrescentando cada vez mais sucesso nestas operações, que milagre! No entanto como ficam os supostos 15% ⁶²de sujeitos surdos que não se beneficiaram? Será que eles devem ser esquecidos e apagados como se nunca tivesse acontecido nada? Ou foram apenas ‘cobaias’? E como ficam as famílias deste ‘erro’? Elas devem ficar com a ‘culpa’ de terem permitido a cirurgia? Infelizmente, para se alcançar o sucesso, às vezes, tem de errar para depois acertar, só que estes sujeitos surdos são ‘humanos’. Será que é suficiente quando errarem dizerem ‘desculpe’, esperando a absolvição para depois continuarem?

Recentemente as crianças implantadas começaram a contrair meningite. Descobriu-se então que uma determinada marca de implante provocava a meningite, o FDA⁶³ adverte sobre este risco em um trecho do jornal “The Express” de Washington⁶⁴:

Crianças com uma versão recente de implante coclear enfrentam um risco crescente de meningite bacteriana nos primeiros dois anos após a implantação do dispositivo auditivo, a Administração de Comidas e Medicamentos advertiu nesta segunda-feira. O crescente risco significa que os pacientes mais novos que foram implantados devem ser monitorados assim como os dispositivos, para verificar sua correta posição e para os sinais de infecção fatal no fluido que cercam o cérebro e a espinha dorsal. Crianças surdas que utilizam os implantes com posicionadores adquirem meningite bacteriana com mais frequência do que crianças com os implantes que não têm essa pequena cunha de borracha ou que não possuem o implante, disse o FDA em cartas separadas aos pacientes e doutores. (...) (AP). (2006)

⁶² Não podemos dizer com exatidão a percentagem e história dos fracassos de Implante Coclear, embora o povo surdo saiba, pois têm os relatos de sujeitos surdos que submeteram a estas cirurgias, eles não são contados publicamente pela área de saúde - na verdade somente contam sobre os sucessos, ou supostos sucessos, já que os ganhos são muito pequeno, que são poucos e não permitem generalizações, por isso a pesquisa, discussão e reflexão aprofundada a respeito são importantes.

⁶³ FDA: Food And Drug Administration, uma empresa americana de controle de alimentação e de remédios pra ver se tem riscos da saúde pra depois aprovarem ou orientar as empresas.

⁶⁴ Tradução de ingles do jornal: Express do Washington Post Tuesday – 02.07.2006 page. 16. Columna Health & Fitness.

Isto mostra que o ‘holocausto’ ainda é praticado até hoje: “A idéia de eugenia nasceu na Inglaterra, prosperou nos EUA e teve seu ponto alto na Alemanha nazista. Com nova roupagem e outros nomes, ela sobrevive até hoje” (BLACK, 2003, p. 860.).

O grande triunfo do movimento eugenista dos Estados Unidos foi obter a aprovação das leis estaduais que permitiam aos médicos esterilizarem seus pacientes, muitas dessas leis persistiram vigentes em alguns estados até a década de 1970.

Houve de fato vitimas surdas do holocausto nos campos de concentração, pois durante a pesquisa feita por professor Horst Biesold, ele descobriu que pelo menos 17.000 alemães surdos foram esterilizadas e isto foi mantido secreto. Os nazistas se julgavam ‘raça ariana’, a mais perfeita, sem impurezas, não ‘contaminados’ pelo sangue judeu bem como também fisicamente perfeitos, é aí que entraram os extermínios em massa, para ‘livrar’ os nazistas das ‘impurezas’ (...) o Governo Nazista falou para as vitimas surdas: “tu não podes falar para ninguém sobre a esterilização. Vocês têm que ir para o campo de concentração e serão queimados por causa dos seus problemas, não podem ter filhos” (SOUDAKOFF, 1994, p3).

Se eu tivesse nascido na Europa nos anos de 1940, eu poderia não estar vivo hoje. Provavelmente eu teria me transformado em uma das vítimas do Holocausto, sendo morto porque sou surdo e seria considerado "inútil". No Holocausto, os povos surdos foram assassinados só por serem surdos - mais de 1500 foram mortos – e muitos milhares foram forçados a serem esterilizados. (Jamie Berke, 2006⁶⁵)

⁶⁵Fonte: <http://deafness.about.com/cs/featurearticles/a/holocaust.htm> acessado: em 19/03/2006.

CAPÍTULO 4

METODOLOGIA

*"(...) uma boa história dentro da entrevista
é aquela que é citável,
não significa dizer que ela é útil para ilustrar uma tese,
e sim que ela é essencial"*
Verena Alberti

4.1. Construindo a metodologia:

Talvez a dificuldade esteja não tanto na raridade de referência, mas sim na extrema dispersão e de fato na sua interpretação delicada, é preciso pouco a pouco ir examinando os velhos arquivos, trechos bíblicos, tratados de medicinas, textos de vidas, de seus milagres, artigos, livros velhos e até em sites da internet e com isto partimos para uma literatura variante para atingir geralmente um resultado freqüentemente frustrante e informações incompletas. Mas para quem tem paciência a recompensa está lá, os sujeitos surdos deixaram seus vestígios na jornada.

(...) o historiador se apóia em textos e imagens que ele constrói como fontes, como traços portadores de significado para resolver os problemas que se coloca para resolver. Mas é preciso ir de um texto a outro texto, sair da fonte para mergulhar no referencial de contingência no qual se insere o objeto do historiador. (PESAVENTO, 2005, p.65)

A perseverança das pesquisas é importante, assim como o desafio de pesquisarmos.

O objetivo principal desta pesquisa da tese é documentar aspectos culturais que constituem a história do povo surdo não sistematizado em publicações registradas, relacionando os fatos históricos das instituições escolares com os do povo surdo organizados politicamente.

Com este trabalho, precepei em resgatar a história cultural dentro da escola de surdos. Quem são os sujeitos? De onde vieram? Como começou a existir? Quais as transformações pelas quais passaram para chegar ao que é hoje?

Em termos metodológicos, nos Estudos Culturais nenhuma metodologia é especialmente recomendada com segurança, embora nenhuma também possa ser eliminada antecipadamente. Diversas metodologias são usadas e podem fornecer importantes

contribuições para as investigações nesse campo. Na verdade, a escolha da prática de pesquisa vai depender das questões formuladas, e as questões vão depender do objeto a ser estudado e do contexto em que está inserido. Entendemos por metodologia:

(...) o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Neste sentido, a metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está sempre referida a elas. (...), distinguimos a forma exterior com que muitas vezes é abordado tal tema (como técnicas e instrumentos) do sentido generoso de pensar a metodologia como a articulação entre conteúdos, pensamentos e existência. (MINAYO, 1996, p.16)

E segundo Barros:

(...) a 'metodologia' remete a uma determinada maneira de trabalhar algo, de eleger ou constituir materiais, de extrair algo destes materiais, de se movimentar sistematicamente em torno do tema definido pelo pesquisador. A metodologia vincula-se a ações concretas, dirigidas à resolução de um problema; mais do que ao pensamento, remete à ação. Assim, enquanto a 'teoria' refere-se a um 'modo de pensar' (ou de ver), a 'metodologia' refere-se a um 'modo de fazer' (...). (2005, p.80)

Contudo, apesar da dispersão teórica e metodológica que caracteriza os Estudos Culturais, podemos dizer que as pesquisas realizadas nesse campo destacam as duas grandes tendências metodológicas: a 'etnografia' e as 'análises narrativas', as quais usarei nas pesquisas da minha tese.

A primeira é utilizada para analisar as formas de vida dos povos surdos, as experiências de diferentes culturas dos povos surdos, as práticas ouvintistas direcionadas aos sujeitos surdos, etc. Na utilização da etnografia sobre o povo surdo foi realizada a pesquisa bibliográfica e teórica através de muitas fontes, tais como os livros, artigos, textos, jornais, internet e outros, também incluem, de forma complementar, os depoimentos e relatos casuais de outros sujeitos e em alguns casos, relatos feitas por mim⁶⁶ mesma demonstrando a minha experiência como 'ser surda', que contribui para o aprofundamento e compreensão do tema proposto. Para analisar as formas de vida dos povos surdos, as experiências de diferentes povos surdos culturais e as práticas ouvintistas

(...) modelos etnográficos são procedimentos de pesquisas qualitativas para descrever, analisar e interpretar uma cultura, um comportamento, crenças, e

⁶⁶ Como já comentado no início de tese, tenho usado alguns depoimentos meus do memorial apresentado para a seleção de mestrado.

línguas (...) Uma diferença de outros modelos qualitativos é que o pesquisador etnográfico inclui descrições detalhadas de comportamento, crenças e línguas. Os etnógrafos examinam grupos e não somente indivíduos, como encontrado em modelos de narrativas. (CRESWELL, 2002, p.481)

A segunda é voltada para análise de diferentes narrativas de surdos a respeito de suas concepções históricas: seja ouvintistas e/ou culturais, em relação ao ser surdo, suas experiências e vivências.

(...) quando falo em ‘narrativas’, estou entendendo-a como um tipo de discurso que se concretiza em textos nos quais se representa uma sucessão temporal de ações apresentadas como conectadas – de alguma forma – entre si, com determinados personagens ou protagonistas, em que haja uma transformação entre uma situação inicial e final e/ou intermediárias. (SILVEIRA, 2005, p.198)

Será utilizada a análise narrativa com procedimentos para descrever, analisar e interpretar seus comportamentos, crenças e línguas, uma vez que o sujeito surdo será enfocado na sua diferença cultural ressaltando aspectos de sua trajetória como povo, reconhecendo sua diferença como representação de seus sentimentos, capazes de explicitar como percebem a sua identidade, suas resistências às práticas ouvintistas e suas implicações na participação dentro da escola de surdos com as relações de poder entre alunos x profissionais da educação.

O instrumento utilizado será o da entrevista aberta, de modo informal, com pontos norteadores apontados previamente.

Uma vez que pretendo oferecer uma fonte de documentação que seja acessível ao povo surdo, todo o material será registrado em vídeo e fotos.

Optei por trabalhar, com um pequeno grupo de sujeitos surdos, a análise narrativa com a técnica de grupo focal, por reconhecer que esta ferramenta viabiliza o acesso, através de interação de grupos de surdos, as visões deles e os dados, tais como analisar que dificilmente seriam disponíveis sem a situação peculiar de trocas de narrativas. (Morgau, apud MINAYO, 1999)

Segundo, Krueker (apud MINAYO) entende-se o ‘Grupo Focal’ como: “Uma determinada técnica de entrevista direcionada a um grupo que é selecionado pelo pesquisador

a partir de determinadas características identitárias, visando obter informações qualitativas”. (1999, p.23)

Em outros casos, trabalhei a análise narrativa com sujeitos surdos que prestaram depoimentos individualmente, devido a estes sujeitos surdos morarem em regiões longínquas que os impossibilitaram de participar da técnica ‘grupo focal’.

A intenção de transformar em registros as narrativas surdas se reflete a um compromisso de sentir, de pensar e de reviver os acontecimentos, às vezes estas narrativas podem estar acompanhadas de indignação para com as práticas ouvintistas ou embriagadas de alegrias pelas vitórias conquistadas, como elucidam Jorge Larrosa e Carlos Skliar: “As formas de narrar são, ao fim e ao cabo, formas de traduções e representações que diluem os conflitos e que delimitam os espaços por onde transitar com relativa calma” (2001, p.122)

As análises narrativas têm precisamente um ideal: resgatar no fundo do poço uma verdade sobre a realidade oculta, procurando chegar ao foco principal que é alcançar a análise dos sentidos das representações da surdez através de experiências positivas e/ou negativas na história, isto é, representações do ‘Ser Surdo’ no âmbito de seu cotidiano na experiência escolar do passado.

“Frequentemente o que um procura deve obter "um retrato" do personagem, para descobrir seu "lado escondido", sua verdade. A paixão biográfica respeita não somente pontos iniciais da privacidade dos famosos, mas aquela alcança ultimamente também a "sem voz", através da realidade (...)” (ARFUCH, 1995, p.57)⁶⁷

Assim como afirmam Alves & Rabelo “Neste sentido, incorporar a experiência enquanto dimensão vivida da cultura e como construção que se dá nas relações com outros sujeitos se torna um horizonte para a análise das representações desses jovens” (apud MINAYO, 1999, p.22)

4.2.Sobre a instituição:

⁶⁷ Tradução do espanhol por Diamont.

Esta instituição foi escolhida por ser a primeira instituição de surdos particular de Curitiba, a qual iremos chamar de EDEFA⁶⁸.

Não se tem a data precisa em que iniciou esta instituição, ela foi criada como uma espécie de asilo para surdos na década do ano de 1948. Ela foi criada por uma senhora que tinha filhos surdos e no início era a melhor instituição de surdos da cidade, com cultura alemã.

(...) funcionava na rua Visconde de Guarapuava numa casa que o governo cedeu para ela. (...) ela tinha dois filhos surdos, lá ninguém falava. (...) não era bem escola, era um tipo de asilo. (...) (...) quando fizeram uma festa, convidaram nós para visitar a escola, os surdos de lá me impressionaram, ninguém se mexia, pareciam que estavam com medo e eu senti um ambiente pesado. (TESTEMUNHA 1⁶⁹)

Quando a filha ouvinte, dona Frida⁷⁰, assumiu a direção após o falecimento da mãe, a instituição EDEFA foi deteriorando no aspecto financeiro, ela então começou a cuidar de tudo sozinha e os surdos entravam lá como se fosse um ‘depósito’, sendo que a família não sabia sobre o que acontecia lá dentro, pois era em regime de internato.

(...) inicialmente, fez um excelente trabalho,(...)o que pode entrever nesta sua afirmação: houve época em que a dona (...) foi uma grande mulher, fez um excelente trabalho, então o que dizer dela, foi uma época de decadência (...) ela pegou uma clientela que ninguém queria, pela tripla deficiência, etc. E realmente trabalhava mais por amor a Deus, e eram as coisas meio jogadas (...). (BORNE,2002, p.63)

A EDEFA teve a licença cessada em fase às irregularidades que já vinham sendo denunciadas pelos surdos e seus familiares, pois houve casos de alunos surdos aparecerem, depois de muito tempo de ausência, todo marcado de mordidas, machucados, magros, encardidos como se nunca tivessem tomado banho durante todos os meses de estadia e cheios de piolhos.

Houve uma ocasião em que fiz a convocação para uma reunião de luta em causas de surdos, convidei a diretora de (...), dona (...), para participar, foi tudo televisionado, e esta mesma televisão foi à instituição e filmaram uma mesa que tinha um pão coberto de moscas e aí alguém da instituição apareceu e deu o pão á uma criança surda. Quando apareceu na televisão

⁶⁸ Nome fictício.

⁶⁹ Testemunhas 1, 2 e 3 : são pessoas que tiveram contato indiretamente e vivenciaram a situação de EDEFA e foram feitas narrativas através de encontros ocasionais no ano de 2002.

⁷⁰ O nome foi alterado para proteger a privacidade da pessoa citada.

estas cenas, a IAM (Instituto de Assistência ao Menor) foi lá para declarar o fechamento da instituição e logo em seguinte no ano de 1979 houve um incêndio na instituição, não sei afirmar se houve mortes ou não. (TESTEMUNHA 2)

Em agosto de 1978 a televisão começou uma campanha de caridade tipo “Criança Esperança”, e como a instituição estava em uma situação financeira difícil, foi encaminhada para eles uma verba de valor muito alto arrecadado. E depois quando houve a cobrança do uso do dinheiro em benefício aos surdos, aconteceu o suspeito incêndio, foi uma coisa pavorosa, os bombeiros tiraram crianças muitas queimadas porque estavam trancadas, porque a dona (...) tinha hábito de trancá-las. . (TESTEMUNHA 3)

Outra testemunha, um vizinho, comenta que o corpo de bombeiro encontrou corpos carbonizados de dois alunos surdos abraçados um com outro, não conseguiram fugir do incêndio porque estavam trancados no quarto no segundo andar.

4.3. Os sujeitos da pesquisa:

Direcionou-se a escolha dos sujeitos surdos para a entrevista narrativa, seis ex-alunos surdos da primeira instituição de surdos particular de Curitiba, surdos que encaram os seus passados em aspectos positivos e negativos quanto à sua ‘reabilitação e terapêuticos’ e educacionais, três deles de sexo masculino e três femininos.

A opção por este número de sujeitos surdos se deu, por considerar uma boa amostra, tendo em vista a natureza do trabalho: uma pesquisa qualitativa, procurando obter melhor qualidade de análise.

Com a finalidade de preservar a privacidade das identidades reais de tais sujeitos dessa pesquisa, farei referências a eles utilizando os seguintes nomes fictícios:

1. **Carla**: atualmente dona de casa, casada com um surdo. Foi quem mais narrou a história, na época que ela entrou na Instituição tinha 9 anos e era a única ex-aluna que não era interna na EDEFA..
2. **Mônica**: tem poucas lembranças dos ocorridos pelo fato de que era muito jovem; na época tinha apenas 4 anos, mas as narrativas dela foram importantes porque ela narrou o que mais marcou profundamente.

3. **Augusto**: atualmente senhor idoso, casado com uma surda, um líder do povo surdo que participou ativamente junto aos outros sujeitos surdos na criação da associação de surdos de Curitiba⁷¹, foi o aluno que mais sofreu abuso físico durante toda a sua estadia em EDEFA.
4. **Álvaro**: Ele tinha 4 anos quando esteve na instituição, ele ‘gagueja’ em língua de sinais, isto é, se comunica pela língua de sinais repetidamente e muitas vezes nós não o entendíamos, sendo necessário a interpretação da psicóloga surda que acompanhou a reunião.
5. **Ivone**: atualmente casada com outro ex-aluno da EDEFA, fez magistério e trabalha com as crianças surdas usando a língua de sinais. Ela foi quem mais sofreu abusos sexuais por parte de professores pedófilos, devido a este fator muitas coisas de seu cotidiano na EDEFA ela não consegue recordar.
6. **Danson**: a narrativa foi feita através de e-mails, ele iniciou aos 6 anos na EDEFA, ficou no ano de 1961 até 1967, hoje vive com uma surda e tem três filhos.

4.4. A forma de registro das narrativas:

Foi preparado o ambiente com comidas e refrigerantes, visando mostrar um clima de descontração para longe dos horrores vividos pelos participantes.

Os registros foram obtidos a partir de gravações em vídeo da conversa informal, totalizando, aproximadamente, 3 horas de narrativas, uma vez que seria a melhor forma de registro, pois possibilitava ver a língua de sinais dos entrevistados surdos depois.

Utilizei duas filmadoras fixadas em tripés em cada canto com foco aos sujeitos surdos entrevistados e de vez em quando focalizando a pesquisadora e a psicóloga surda. Foram colocadas de modo que não servisse como elemento de constrangimento aos sujeitos surdos, que no decorrer nas narrativas foram esquecendo de sua presença.

Também foi tirada determinada quantidade de fotos para documentar a reunião.

Foi convidada uma psicóloga surda para acompanhar a entrevista devido a alguns surdos terem problemas emocionais referente aos traumas do passado.

⁷¹ Atualmente a associação de surdos de Curitiba – ASC, já tem 50 anos.

Eu, como surda, com domínio da língua de sinais, permiti-me interagir diretamente com os entrevistados. A entrevista foi flexível e na medida em que as perguntas foram abertas possibilitaram a liberdade de expressão. Os registros provenientes dessa entrevista serão articulados de modo a fornecer os vários ângulos de visão dos surdos.

Comecei com conversas informais com os quatro sujeitos surdos (Monica, Carla, Augusto e Álvaro) explicando o tema de minha tese e pedindo a opinião deles a respeito, com o intuito de que eles relaxassem, e iniciei a entrevista com algumas questões norteadoras anotadas mentalmente previamente:

- Fale sobre a primeira impressão que teve quando entrou em EDEFA.
- Como era o ambiente físico da EDEFA? Fale sobre a higiene?
- Que tipo de pessoas a freqüentavam? E quais eram os professores e funcionários da EDEFA na época?
- Como era feito o trabalho lá? Quais metodologias eles usavam?
- Comentar sobre as punições: como eram feitas e quais eram os motivos?
- Fale sobre as coisas boas que aconteciam dentro da EDEFA.

Houve mais dois sujeitos surdos (Ivone e Danson) que foram entrevistados individualmente devido a dificuldade de participarem da reunião grupal por morarem em outras cidades, sendo que o primeiro foi registrado em filmagem separadamente, seguindo o mesmo procedimento do anterior, já o segundo fez o depoimento através de e-mails.

Todas as fitas de filmagens foram catalogadas e armazenadas. O passo seguinte foi a tradução das narrativas de língua de sinais para o português escrito, procurando ser o mais fiel possível com o conteúdo e com as emoções das narrativas.

Após as traduções, foi feito o agrupamento sobre as questões norteadoras e selecionados os fragmentos das narrativas mais importantes para fazer análise, pois houve muita repetição durante as narrativas.

Diante disto, durante a pesquisa de minha tese de doutorado, resgatei essa história, recolhi os dados, analisei-os e sistematizei-os, oferecendo uma documentação dos fatos sobre a educação dos surdos, procurando resgatar lá no fundo do poço, dentro destas relações de

poderes, os artefatos culturais não contados pela história registrada. Isto constitui, sem dúvida, uma ousadia e um grande desafio.

Isto consiste em investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar a sua influência com o povo surdo de hoje, pois as instituições alcançaram sua forma atual através das alterações ao longo do tempo, influenciados pelas visões históricas de cada época: historicismo e história cultural.

Procurei entender, através da análise das diferentes narrativas de práticas utilizadas na educação dos surdos a partir das raízes européias da antiguidade, posteriormente centralizando-se no Brasil e finalmente no Estado do Paraná, o que é significativo para a nossa educação atual.

Nesta busca histórica é importante resgatar também a diversidade do contexto-econômico-cultural em que os surdos se desenvolveram durante toda trajetória.

CAPÍTULO 5

NARRATIVAS SURDAS: SUBJETIVIDADE E MEMÓRIAS OCULTAS

*“... Oh, melhor
ter a palavra na mão que mil
se derramando da boca para o
ouvido mouco.”*
Dorothy Miles

5.1. Entrevistas: as grandes narrativas surdas

A complexidade, na qual estão imersas as narrativas surdas que ressaltam a parte da história dos surdos, que nos ajuda a refletir a história da realidade do cotidiano da primeira instituição dos sujeitos surdos em Curitiba.

Procuramos entrelaçá-los aos desafios postos pelas narrativas das verdades ocultas das relações de poder, prática pedagógica, língua e a valorização de sua cultura.

Como a instituição trabalhava na perspectiva do historicismo, sendo os sujeitos surdos que precisavam ser ‘normalizados’, fez com que sejam criados locais em que todos os ditos ‘anormais’, aqueles que são rejeitados pela sociedade ouvintista, sejam ‘educados’. Deste modo, Foucault (2005) apresenta a 'estrutura de exclusão' que em meados do século XVII determinará as condições do surgimento da psiquiatria, um século e meio depois. Pois neste século foram criadas várias casas de internamento que abrigavam não só os considerados insanos, mas também os desempregados, os mendigos e todos aqueles incapacitados que eram encaminhados pela autoridade real e judiciária.

Como vimos na secção 2.2, no historicismo, a oralização é muito valorizada e importante para a sociedade, então não havia a preocupação de formação intelectual de sujeitos surdos uma vez que os mesmos eram considerados ‘deficientes’. Os sujeitos surdos eram entregues pelas famílias à esta instituição em regime de internato até que estivessem aptos para retornar ao convívio familiar, o que, invariavelmente acontecia no início da idade adulta.

Os sujeitos surdos entrevistados foram ocupar seu espaço no cotidiano da instituição EDEFA, pois vinham sendo isolados da sociedade, para o terror dos mesmos, em um lugar que marcava as suas negações da identidade cultural surda.

Essas narrativas surdas do historicismo nos mostram a luta sofrida, os muitos horrores suportados, como foram maltratados e abusados, como foram proibidos de compartilhar uma língua cultural do povo surdo, sendo tratados como débeis mentais com a eternização da infância.

Percorreremos as narrativas evidenciadas pelos sujeitos surdos que foram levados à mercê do professor e da diretora, que eram os protagonistas dos abusos, no qual encobriam hipócritamente com a história camuflada de relação de poder entre os profissionais com os alunos.

Entretanto, os sujeitos surdos reclamaram mas não foram ‘ouvidos’ e foram emudecidos injustamente, porém jamais esqueceram pois permanece uma marca no coração com feridas que depois de muitos anos de agonias, com estas narrativas desabafadas, vão aos poucos sendo confortadas e estão cicatrizando.

Estas grandes narrativas celebram a ousadia e a coragem, pois demonstra a luta do povo surdo em fazer o nosso mundo cada vez melhor, indo atrás de movimentos de resistências contra o poder ouvintista recorrendo pelas suas autênticas identidades culturais e lingüísticas.

Antes de principiar nas análises das narrativas surdas, é conveniente esclarecer que pelas pesquisas científicas sobre abusos e maltratos para com crianças, nos deparamos com as quatro principais categorias de abusos: o abuso físico, o abuso emocional, o abuso da negligência e o abuso sexual.

Como o abuso em crianças é de natureza social e cultural, é evidentemente que há muitas contradições em relação às definições exatas da palavra ‘abuso’, como alega Faleiros: “(...) *É notória a falta de precisão e clareza entre pesquisadores e profissionais na definição de conceitos e indicadores de violência sexual, que se reflete nos bancos de dados e nas ações desenvolvidas*” (apud LEAL e CÊSAR, 1998, p. 5).

(...) Várias abordagens deste fenômeno são possíveis e, mais do que isso, necessárias, conforme finalidades específicas: sociais, médicas, psicológicas, jurídicas, antropológicas, etc. Por isso, os estudos e pesquisas foram tantos que, examinando-se exclusivamente a literatura científica do último século sobre o assunto, conta-se com uma quantidade de publicações técnicas (...) (FLORES, apud LEAL e CÊSAR, 1998, p.25)

Conforme a autora do livro “Abuso Sexual em Crianças”, Sanderson (2005), o abuso físico pode significar danos físicos ao corpo da criança, esta definição também é conhecida como maltrato físico ou agressão física. Há o abuso físico que é o que fere e mata que está no código penal e têm a agressão física mais simples, como empurrões e xingamentos.

O abuso emocional pode ser verbal ou não-verbal, uma transmissão de idéias de que a criança é inútil, mal-amada, culpada de algo errado, inadequada e desvalorizada. Fazer com que a criança se sinta freqüentemente assustada e implicar sua exploração ou corrupção. E há o abuso simbólico, ofensas aos que não podem se defender ou responder, como por exemplo, o racismo, o preconceito e a discriminação.

A negligência consiste em indiferença ou fracasso de satisfazer as necessidades físicas e/ou psicológicas da criança, que pode causar problemas de saúde por falta de cuidados e higiene necessária, como por exemplo, a desnutrição, anemia, piolhos e outros.

E por último, o abuso sexual que pode incluir dois tipos de atos: os atos penetrantes, que envolvem contatos físicos, como por exemplo, estupros e sodomias, e os atos não-penetrantes, que podem incluir atividades sem contato físico, por exemplo, levar a criança a olhar, produzir materiais pornográficos ou encorajá-la a comportamentos sexuais inadequados.

Embora os quatro tipos de abusos sejam considerados categorias bem caracterizadas são possíveis que elas tenham ajustes entre elas, por exemplo, a criança pode ser vítima de abuso sexual, físico e emocional ao mesmo tempo e assim por diante.

Podem adotar distintas formas, algumas mais fáceis de serem detectadas do que outras, mas todas denunciam um latente problema de saúde, que demanda abordagens multidisciplinares e soluções oportunas para cortar o ciclo da dor e resgatar a vítima de seqüelas importantíssimas, que a condicionará ao longo de sua vida (acessado em 21/05/2008⁷²).

As análises das narrativas, embora limitadas pelos poucos registros a respeito da instituição envolvida, trouxeram contribuições bastante significativas. Segundo as narrativas evidenciadas pelos sujeitos surdos acerca do cotidiano da EDEFA dentro de um contexto marcado pela opressão, medo e tensão contra práticas ouvintistas, nos mostra a tensão em relação ao poder dos sujeitos ouvintes para com os sujeitos surdos, que foram então vítimas

⁷² Fonte: <http://boasaude.uol.com.br/lib/showdoc.cfm?libdocid=3205&fromcomm=3&commrr=src>

de abusos físicos, emocionais, negligências e sexuais dentro da instituição e nos convida à refletir sobre o historicismo, história camuflada e a história cultural.

Abaixo coloco o relato da psicóloga surda Rita de Cássia Maestri que acompanhou as narrativas surdas:

“Karin Lílian Strobel, preparando sua tese de Doutorado, convidou pessoas Surdas, com idade entre 45 a 60 anos que estudaram juntos na Edefa.

No dia marcado, os Surdos compareceram à casa da Karin. Formaram um círculo para poderem conversar. Criou-se certo constrangimento entre eles, pois ainda não estavam entendendo o objetivo do Encontro, apesar de Karin ter enviado uma carta a cada um, explicando o motivo.

Ao perceberem que o motivo da reunião era para relatarem sobre a época em que estudaram na Edefa, houve um mal estar entre os mesmos. Sentiram que era o momento para apresentarem seus depoimentos sobre o que ocorria na Escola em que eles estudaram e que haveria testemunhas para os relatos. Alguns ficaram resistentes por um bom tempo e outros faziam questão de falar sobre suas experiências, demonstrando uma grande necessidade de se expressar, como que para se esvaziarem de seus conflitos.

Os Surdos foram colegas um de outros quando pequenos, (4 a 8 anos de idade) na Edefa e naquela época a Sociedade e a Escola olhavam o Surdo como um Ser com uma patologia. Suas famílias concordavam com essa idéia, influenciadas pela Sociedade e por falta de um conhecimento sobre a realidade Surda. Muitos julgavam seus filhos retardados, acreditando que além de deficientes tinham de fato uma patologia.

A Língua de Sinais era proibida, havendo a obrigatoriedade de que todos os Surdos aprendessem a Língua Oral. Defendiam a idéia de que só dessa forma poderiam desenvolver o Pensamento.

Pelo fato de não poderem se manifestar por sinais e o ensino da fala ser muito precário na época, eles não tinham boa leitura Labial e sendo todos Surdos profundos, não conseguiam falar com clareza, dificultando o entendimento dos pais e de professores, o que reforçava a idéia errônea do retardo mental. Eles não possuíam uma língua que pudessem dominar suas idéias e dúvidas, ou mesmo, receber informações gerais que pudesse aumentar seus conhecimentos para esclarecer suas necessidades, direitos e valores.

Ficavam todo o ano letivo na Escola sem ver seus pais, não tinham comunicação com as famílias. Passavam as férias em casa, mas não podiam relatar o que se passava na Escola, devido à falta de comunicação e descrédito dos pais.

A Escola e a Sociedade os tratavam como doentes. Eram isolados na Escola, sentiam-se como prisioneiros. Nem podiam comentar entre eles, pois eram vigiados, tinham regras a serem cumpridas, não dispendo de tempo para comentários, trocas de idéias ou até para tirar dúvidas, que eram muitas.

Aqueles que inicialmente foram resistentes ao perceberem que todos sofreram as mesmas experiências aceitaram o momento e passaram também a se manifestar contando seus relatos terríveis, sentindo uma necessidade imensa de se expressar, narrando fatos que na prática perceberam, todos conheciam. Antes não comentavam, achando que isso era “normal”.

Conscientes de seus direitos atuais agradeceram a Karin e Rita, por poderem vivenciar naqueles momentos os acontecimentos sofridos e agora ter outro olhar para o passado.

Percebia-se nos relatos deles que inicialmente estavam com muito medo de falar, devido a que, por muitos anos, seus pais e outros professores não acreditaram em suas tristes histórias, achando que eles estavam fantasiando.

Houve muita emoção nestes testemunhos, pelas histórias tristes que todos passaram e que os marcaram emocionalmente. Por respeito a eles, não serão relatados aqui os fatos que expuseram. Demonstraram que suas experiências foram “guardadas” por muitos anos em suas memórias, “trancados a sete chaves”. Pensaram que o fato de viverem daquela forma (colonialismo) era normal..

E em minha opinião, o fato da Karin abrir espaço para possibilitá-la os relatos de seus conflitos dentro da Escola e usando a língua de sinais, foi muito importante para a saúde psicológica, devido a muitos anos de sofrimentos.

Os depoimentos duraram várias horas, com muita ansiedade, perplexidade e grande tristeza. Por fim sentiram-se aliviados em suas emoções pelo fato de que encontraram quem acreditasse realmente no que se sentiam impedidos de se manifestar” (Rita de Cássia Maestri Psicóloga CRP 08/1966).

5.2. O imaginário familiar



(Fonte: foto do acervo de um dos alunos da instituição)

A divisão entre a sociedade e os ditos ‘deficientes’ marcou a diferença entre os que poderiam e os que estariam incapacitados para trabalhar. Surgiu então um espaço para sujeitos surdos chamada de EDEFA, instituição que é uma espécie de asilo em que capacitava os sujeitos surdos para o mercado de trabalho. As famílias os colocavam neste espaço e neste sentido, o "dever de caridade e a vontade de punir" (Foucault, 2005, p.50) adquiria dimensões políticas, sociais, econômicas e, sobretudo morais.

Nesta tentativa de ‘normalizar’ os sujeitos surdos exigido pela sociedade, as famílias internavam seus filhos surdos nesta instituição que desempenhava o papel de assistência e lá eles eram controlados pelo poder disciplinar dos profissionais especialistas na área de surdos.

O imaginário da sociedade e das famílias é que as ações abusivas são situações raras, que são reservadas somente às crianças faveladas, pois estas são geralmente vítimas de estupros praticados por alcoólatras, criminosos ou sujeitos com evidentes doenças mentais. Mas estas situações mostram só um lado da moeda, infelizmente tem outro lado que é difícil de acreditar e possui muitos casos de omissão.

O imaginário das famílias dos sujeitos surdos faz parte de uma construção de valores e normas historicamente estruturais estabelecidas pela sociedade.

Há casos em que a família tem plena consciência de que há/houve abuso sexual na instituição e mesmo assim não reage ou omite; ou então, a família ainda custa a acreditar na realidade, demorando em perceber as coisas. Ela pode até suspeitar, mas em seguida o abusador comenta com a família tentando camuflar o ocorrido usando manipulações como dizer que a criança “está inventando” ou “está vendo coisas”, mas quando o fato real é mostrado, ela reage instantaneamente. Pode acontecer, também, que a família não entenda o que a criança surda tenta contar por não saber a língua de sinais criando entre eles uma barreira de comunicação. Agora, há também famílias que reagem no primeiro momento em que descobrem a investida de fato.

Mostrava para minha mãe as mãos com calos, minha mãe viu e se assustou e perguntou, por quê? Eu disse enxada, ela ficou brava e foi brigar com dona Frida. Dona Frida disse que era mentira minha, que não me levou a chácara, não sabia nada de enxada e não sabia por que tinha aquelas feridas nas mãos e que eu era muito fantasiosa. (Carla)

Minha mãe me pegava todas sexta feiras a noite para levar de volta á casa, aos sábados e domingos passeava com a família e segunda feira de manhã voltava à EDEFA, eu implorava à minha mãe que não queria estudar lá. (Ivone)

Quando eu ia passar uns dias com a família, meu pai me trazia de volta a EDEFA, eu não queria e implorava ao meu pai, mas ele disse -“Você vai”, eu não gostava da dona Frida e não queria ir á escola. (Álvaro)

O envio dos alunos surdos para espaços como a EDEFA tratava-se de uma da realidade distorcida para um discurso no qual o foco real era a ‘normalização’ dos sujeitos surdos, pois eram mantidos fora da escola ou enclausurados em espaços desvalorizados na sociedade, havia uma necessidade de transformar os sujeitos surdos em sujeitos úteis, que aprendessem o suficiente para produzirem no mercado de trabalho e se tornassem dóceis.

E assim, as famílias colocavam seus filhos surdos na instituição, pensando que ele estava em um ambiente sadio, até por que as famílias pagavam para que eles fossem bem tratados e pra garantir o bom andamento da aprendizagem. Geralmente as famílias não entendem ou não dão crédito ao relato das crianças surdas, sendo considerados como fruto da imaginação ou até mesmo fantasias sexuais.

*Com 9 anos, arrumei minha mala e fui lá dormir na escola da dona Frida. Ela nos recebeu com um sorriso grande (sorridente), nos tratou muito bem e conversou com minha mãe. Ela apresentou as crianças da escola. A mamãe me deixou lá e se foi, eu e a mala ficamos para dormir lá no dormitório. (...)
(Augusto)*

Meu pai me trouxe de pela primeira vez na EDEFA porque a minha família morava em Ponta Grossa – PR. Meu pai me trouxe pra EDEFA para eu dormir lá e ir embora. Eu não queria ficar na EDEFA, chorava muito, mas meu pai se foi e me deixou lá. (Monica)

Na minha ida pela primeira vez à EDEFA chorei muito. A dona Frida me pegou no colo e sorria muito. A minha mãe satisfeita me deixou lá, se foi embora e eu chorava muito. Eu tinha 4 anos na época. Diante de minha mãe a dona Frida me pegava no colo e risonha mostrava e apontava tudo. (Álvaro)

Na EDEFA tinham poucos funcionários, pelas narrativas obtidas dos sujeitos surdos, abrangemos os principais personagens marcantes: Dona Frida, a mãe, o irmão surdo dela e o professor Paul. Segundo o entrevistado Danson: “(...) eram aproximadamente umas cinquenta pessoas e dormiam todas em beliche”

O irmão caçula de dona Frida, que era surdo, era um pouco melhor, mas era puxa-saco da família, ele era convencido e se achava melhor de todos, eu vi tudo, ele se achava ‘o tal’ e só ele é quem sabia tudo. Isto era problema. A mãe deu a moto para ele. Ele bateu a moto e morreu e acabou! (Augusto)

Dona Frida batia, a mãe de dona Frida também era igualzinha e nos batia muito. As duas eram iguais. Se tivesse um teste de marcar com um X qual das duas era pior, eu marcava as duas. (Augusto)

Ninguém realmente fazia coisas erradas, era a dona Frida quem era ruim e louca mesmo. A mãe dela também era ruim e louca. O irmão dela surdo também era louco. (Ivone)

Lembro que estavam na EDEFA a dona Frida, o professor Paul e mais uma senhora que não lembro bem quem era, acho que pode ser a mãe de dona Frida. O prof. Paul não foi meu professor. (Monica)

Hoje em dia, internar as crianças surdas em asilos e instituições carrega uma conotação negativa, pois simboliza um local onde despejavam os sujeitos surdos considerados

‘doentes’ dos quais queriam que tivessem uma educação ‘normalizadora’, segundo as exigências da sociedade ouvintista. Porém na época eram normais estes internamentos, na instituição EDEFA eles recebiam meninos e meninas surdos e colocavam todos em um mesmo quarto existente no segundo andar:

Eu tinha 9 anos quando fui com minha mãe na escola EDEFA fazer uma visita, tinham muitas crianças lá, meninas e meninos agrupados e misturados. No alojamento eram misturados meninas e meninos. Nos quartos, os meninos e as meninas ficavam no mesmo quarto, dormiam lá tudo misturado e todos viam todos pelados (Carla).

(...) num canto ficava os meninos e noutra canto as meninas no mesmo quarto. Dona Frida ficava junto com as meninas. Mas era tudo misturado lá. (Augusto)

A EDEFA era uma casa grande de 2 andares, tinham 3 quartos, o quarto de alunos era misturado para meninas e meninos. O quarto de dona Frida era em frente de quarto de professor Paul e ao lado do quarto deles era o nosso quarto. Dentro de nosso quarto tinham beliches. (Ivone)

Pelos comentários dos alunos surdos, vemos que a instituição não tinha hábitos de higiene rígidos: *Lá na escola da dona Frida era tudo mais ou menos sujo. (Carla)*

Tinha uma casinha de madeira fora que era o banheiro, estava acumulado de cocô, era terrível o cheiro, estava entupido e cheio de moscas. Era horrível o cheiro (...). (Carla)

Lá não tinha higiene mesmo. A gente ficava uma semana inteira com a mesma roupa. Não lembro se era mesma calcinha, acho que usávamos por 3 dias a mesma calcinha, não tenho certeza. Lavávamos a nossa própria roupa íntima... os pequeninos também. (Ivone)

Tomava banho só uma vez por semana. Usávamos a mesma roupa em uma semana e só na outra semana trocávamos de roupa. Lembro que era somente aos sábados que a gente tomava banho. (Augusto)

Sobre o banho, segundo o aluno surdo Danson, ele lembra que tomava banho apenas uma vez por semana, quando era preparada uma banheira onde todos tomavam banho na mesma água. Nos dias de semana apenas lavavam os pés, começava com uma bacia com água limpa, cada um se lavava e depois subia para o dormitório e cada sete pessoas que lavava os pés sempre o último dos sete jogava a água fora e começavam tudo de novo.

Na hora de banho, havia uma banheira cheia de água. Nós formávamos uma fila pra ir tomar banho, um por um. Só que era a mesma água. No final a água fedia muito, pois usavam a mesma água pra todos e éramos muitos (Carla).

Nós surdos tomávamos banho uma vez por semana só, fazíamos a fila para tomar banho na mesma água da banheira. Eu via aquela água suja, tem até sujeira de menstruação de alguém e a gente tinha de usá-la do mesmo jeito, dona Frida mandava: 'vá tomar banho'. Os meninos também usaram a mesma água da banheira. (Ivone)

Eu lembro bem da água suja com menstruação. Nunca me esqueço disto. Usávamos só uma toalha para todos. A toalha no fim ficava tão molhada que a gente só a encostava e não esfregava, era sempre assim. Lavávamos também o cabelo na banheira suja. Uma vez por semana nos mesma lavávamos sozinhas e saíamos correndo para o outro entrar na banheira. Não lembro se tinha sabonete ou não. (Ivone)

Tomava banho na mesma água da banheira, lembro disto porque era a mais nova e primeira da fila e sempre ia tomar banho na água limpinha. Depois no fim da fila, quanto eu fui ao banheiro fazer xixi é que eu vi a banheira, a água estava muito preta e fiquei admirada e tentava entender "como?", antes era limpa e depois preta, como? Hoje recordo e compreendo melhor de que havia fila para tomar banho na mesma água. Quando era pequena não entendia, mas agora que amadureci, comecei a compreender o motivo da água ficar preta. (Monica)

Como já explicado, havia negligência nos hábitos de higiene e na alimentação dos alunos surdos na EDEFA, vejamos presentemente as narrativas que evidenciam esta falta de cuidados, das explorações de mão-de-obra e também dos terrores sofridos que causavam uma tortura psicológica que os faziam até ficar doentes: "(...) *Eu chorava muito, muito, muito, até fiquei doente e vomitava muito por causa do nervosismo, porque além de prender, ela também surrava muito. (Carla)*".

Dona Frida tinha uma chácara lá bem longe num terreno bem grande e todas nós, as crianças, íamos dentro de um ônibus especial e íamos lá para trabalharmos na lavoura e plantar milhos. Nós tínhamos que mexer a terra e colocar sementes no embaixo de sol forte. E eu sofria muito de cansaço, ficava doente e vomitava. Revirava a terra para deixá-la fofa com enxada e outra menina colocava sementes em buracos, depois fechávamos isto em fileiras enormes. Os milhos cresciam grandes. Nós sofríamos porque o sol era muito

forte. Eu pegava o cocô de boi num balde e colocava na terra, eu tinha ânsia e nojo porque era muito fétido, não agüentava o cheiro e tinha vontade de vomitar. Eu tive muitos calos nas mãos, cheia de bolhas de água nas palmas de mãos. Às vezes estourava a bolha e saía água, ficava com feridas e doía muito, eu chorava muito. Lembro que todas as sextas-feiras a dona Frida nos levava à chácara e ficávamos o dia inteiro no sol. Eu chorava, não queria ir. Voltava às 16 horas antes de meu pai vir me buscar às 17 horas. Meu pai não percebia. Eu ficava com calos nas mãos e o rosto queimado de sol. Fiquei muito doente. A minha família não entendia porque eu ficava sempre doente. (Carla)

Levava a gente para chácara longe, a gente colocava cocô de cavalo nas plantações. A Carla ficava doente e vomitava muito sempre. A dona Frida nos aproveitava como mão-de-obra. (Ivone)

Lembro-me do dentista. Dona Frida me pegava e me levava na rua, eu a acompanhava sem compreender onde ela me levava. Dona Frida mandou o dentista arrancar os dentes e eu não entendia o porquê, não sentia dores e nem dentes moles, o dentista concordou e escolheu qualquer dente e tirou. Eu chorava muito de dor pois tirava sem anestesia. Porque o dentista tirou o meu dente? Não doía. Mais tarde eu compreendi e soube que a dona Frida ganhava dinheiro com isto. Era mentira a conversa de eu precisar de dentista, meu dente estava bem e não doía, dona Frida fez isto por causa de dinheiro. Não me lembro do local do dentista, só lembro-me do jeito do homem tirar o meu dente sem anestesia que me fez chorar muito. (Monica)

Muitas vezes a negligência era do próprio Estado, que não cumpria o seu dever de proteger as crianças e punir os agressores, enfim, eles poderiam ter fiscalizado lá dentro, o que foi feito somente mais tarde, pois a EDEFA teve a licença cassada em fase às irregularidades que já vinham sendo denunciadas depois de muitos anos de abusos. Mas para isto foi preciso muita ajuda da mídia. Notamos a seguir, no depoimento de uma testemunha da época, uma profissional da área de surdos que tinha contato indireto com a instituição:

Houve uma ocasião em que fiz a convocação para uma reunião de luta em causas dos surdos, convidei a diretora de (...), dona (...), para participar, foi tudo televisionado, e esta mesma televisão foi á instituição e filmou uma mesa que tinha um pão coberto de moscas e aí alguém da instituição apareceu e deu o pão pra uma criança surda. Quanto apareceu na televisão estas cenas, a IAM (Instituto de Assistência ao Menor) foi lá para declarar o fechamento da instituição (...) (Testemunha)⁷³

⁷³ Esta testemunha fez um narrado para outro pesquisador sobre as situações das instituições de Curitiba, a EDEFA entre outros, a fim do mesmo construir sobre a história de surdos de Curitiba durante o mestrado no ano 2002. O pesquisador cedeu o caderno com rascunhos e fragmentos de entrevistas para eu construir a história da instituição nesta tese.

Tinha dias que dona Frida nos levava para o dentista. Dona Frida mandava o dentista tirar todos os meus dentes de baixo, por isto hoje uso prótese dentária. (...) A dona Frida nos levava ao centro, havia um prédio alto com elevadores. Ela levava a um dentista para tirar os meus dentes, eu tinha 11 e 12 anos. Ele tirou todos os meus dentes sem necessidade, depois não cresceram mais e agora uso prótese dentária. (Carla)

Outra coisa que não gosto de lembrar é a falta de banho diário, jantar muito ruim à noite, sempre muito resto de comidas misturadas, e das surras que levava deixando marcas e muitas vezes ficando de castigo por meia hora olhando para a parede quando tentávamos se comunicar com os colegas. (Danson)

Eu fiquei com trauma da comida de lá. Todos os dias eu me sentia mal e não queria aquela comida. Eu via tudo, os pequeninos de 3 ou 4 anos, a dona Frida sempre servia prato bem cheia de comida até bordas. Puxa, acredita? Para pequeninos de 3 e 4 anos, pratos cheios, enooooormes de comida! Eles comiam e mastigavam com boca cheia, com bochechas cheias de comidas se movimentando, comiam, comiam, demorava horas, horas para terminarem. Isto era só com os pequeninos, para nós os maiores não, eu tinha 9 anos e eu mesmo servia meu prato. (...) Coitado dos pequeninos. Eu vi tudo e fiquei com pena deles. Isto é errado! Eu os via comerem sem vontade e fiquei com pena! (...) elas tinham que continuar pois dona Frida as pressionava. Havia um aluno surdo que sofria mais, ele comia e vomitava, comia e vomitava. Dona Frida o pressionava e ele comia e vomitava. Se ele não comesse, dona Frida batia no rosto dele, dava tabefe em ambos os lados do seu rosto. (Augusto)

Davam comidas velhas misturadas com a nova no mesmo prato. Eu queria jogar fora a comida e dona Frida dava tabefe com força. Era terrível. (...) Eu só me lembro de alface com leite e comida velha misturada com nova. Comida ruim... Tínhamos sempre vontade de jogar a comida fora e quanto ela via mandava pegar a comida do lixo de volta para o prato e mandava a gente comer: 'coma! Coma!' (Ivone)

Eu não queria comer, empurrava o prato. Dona Frida me mandava ir dormir sem comer nada, ela era muito ruim. Quando ela colocava o prato na minha frente, eu não me sentia bem de saúde e vomitava em cima de prato. Quando eu vomitei, dona Frida dizia: "coma!" eu vomitava de novo e dizia que não queria. Se eu não comesse, ela deixava o prato com comida intacta junto com vomito e deixava perto da janela e a noite ela me oferecia o mesmo prato e mandava comer e com a minha recusa ela me mandou ir dormir sem almoço e sem jantar. (Monica)

Dona Frida colocava um prato com arroz e feijão preto na minha frente. Às vezes tinha mandioca ou abóbora, eu não gostava de abóbora e ela me mandava comer mesmo assim. Eu não gostava de mandioca e ela me obrigava a comer também. Eu experimentava abóbora e detestava. Empurrava o prato, não queria comê-lo. A dona Frida me pressionava e diante de minha negativa com braços cruzados, ela pegava a colher e forçava colocar a comida em minha boca e quando eu

desviava o rosto ela me dava tapas fortes no rosto, batia muito na minha cabeça com a mão e eu chorava muito com os lábios sujos. (Álvaro)

5.3. Rituais de agressões ao corpo surdo



(Fonte: foto do acervo de um dos alunos da instituição)

Havia muitos abusos físicos às crianças surdas nas instituições, mas o mais interessante é que era comum na época, talvez pelo fato de que a maioria estivesse em regime de internato e também por educarem pelo método tradicional, pois a punição era permitida por exigência da disciplina rigorosa.

As atividades dentro da EDEFA eram severas, controladas e muito disciplinadas, os abusos com maus tratos físicos que ocorriam dentro da instituição aconteciam quando a dona Frida tentava educar e disciplinar os alunos surdos por meio de força, ela acabava batendo neles, empurrando e/ou os jogava, mas isto não possibilitava que os alunos surdos tivessem aprendizagens espontâneas até por que eles viviam com medo. De tal modo, complementa Foucault:

As disciplinas, organizando as “celas”, os “lugares” e as “fileiras”, criam espaços complexos: ao mesmo tempo arquiteturais, funcionais e hierárquicos. São espaços que realizam a fixação e permitem a circulação; recortam segmentos individuais e estabelecem ligações operatórias; marcam lugares e indicam valores; garantem a obediência dos indivíduos, mas também uma melhor economia do tempo e dos gestos [...]. A primeira das grandes operações da disciplina é então a constituição de “quadros vivos” que transformam as multidões confusas, inúteis ou perigosas em multiplicidades organizadas. (2005, p. 135).

O fato dos alunos surdos viverem sempre com medo era visto como algo sem preocupação por parte dos professores e funcionários da instituição, pois não sabiam se estavam ou não prejudicando os alunos surdos, porque a disciplina severa era a norma exigida e fazia parte do cotidiano da maioria das escolas na época. Outra vez comento Foucault (2005), ele descreve os rituais a que os operários são submetidos numa fábrica, onde a disciplina é muito rígida. Atrasos, desatenção, conversas paralelas, assim como os professores repreendendo alunos nas salas de aula, não são permitidos. Veja alguns exemplos das situações acontecidas dentro da EDEFA:

Não podíamos conversar com liberdade lá, todas as crianças tinham que ficar quietas e paradas. Não podíamos usar blusas de mangas curtas, só compridas, saias curtas nem pensar, somente bem abaixo dos joelhos. (Carla)

A dona Frida era muito rígida e eu ficava com medo. Não podia sentar com perna entreaberta, tinha que fechar bem as pernas, se abria uns centímetros das pernas ela me batia. (Carla)

Se eu apoiasse o cotovelo na mesa para descansar a minha cabeça era punida, pois tinha que ficar de braços cruzados. A dona Frida gostava de tudo “certinho” e eu sofria muito com isto, com muitas punições, surras, puxões de orelhas. (Carla)

Quando a gente tinha vontade de tomar água, ela não deixava, era proibido, mesmo que a nossa garganta ficasse seca e não agüentássemos de tanta sede, não podíamos tomar água. (Carla)

A gente fazia sinal de banheiro e a dona Frida dizia sempre “não”. Eu ficava apurada, não agüentava e então fazia xixi na calcinha. Molhava com água as minhas pernas e a dona Frida deixava assim. Pois não podia ir e voltar do banheiro várias vezes, ela permitia só uma vez durante o dia todo. A dona Frida era muito rigorosa e eu ficava com medo. (Carla)

Dona Frida proibia meninas usarem calças, nós tínhamos que usar saias compridas, abaixo de joelho, morríamos de frio no inverno. Não podíamos usar meia-calça, só meia curta. (Carla)

O professor Paul não saía de casa, então ele abusava sexualmente das meninas. E quando nós contávamos para dona Frida, ela perguntava ao prof. Paul e ele negava fazendo dona Frida bater na gente dizendo que era nossa invenção e mentira. Então a gente ficava quieta e suportava silenciosamente os abusos sexuais do professor. (Ivone)

Era uma mesa comprida, dona Frida ficava na ponta, eu sentava ao lado dela porque era menor, eu não podia colocar os braços na mesa, só os pulsos encostados na borda. Era proibido colocar os braços na mesa ao lado do prato. (...) Era proibido beber água, eu tinha muita vontade de beber água porque tinha vomitado, mas não podia. (Monica)

Eu ficava escrevendo na minha mesa na sala de aula, me virei e vi a dona Frida batendo no menino negro e eu fiquei muito assustado. Ela batia no negro que chorava muito. Eu estava na frente e ele atrás de mim, eu me virei para ver, dona Frida batia no menino negro com chinelo branco no bumbum e o menino no chão implorava que não batesse nele e isto me deixou muito assustado. Se eu ficava olhando muito tempo, a dona Frida batia na minha cabeça com a mão e eu também chorava. (Álvaro)

A análise de Foucault (2005) nos faz perceber a resistência surda que existe nas relações de poder. Ele afirma que o poder da disciplina está na sua maior função de adestrar, na essência de todos os sistemas disciplinares, funciona sempre como um mecanismo penal. Então a punição é tudo aquilo que é capaz de fazer as crianças sentirem a falta que cometeram, de humilhá-las e de confundi-las.

Os abusos físicos geralmente deixam marcas evidentes, só que, infelizmente, para os alunos surdos, eles eram internos e por isto então as famílias não podiam perceber estas marcas aparentes.

Os diversos abusos que aconteciam dentro da instituição podiam dar abalos psicológicos nos alunos surdos, mas a indiferença e a ‘máscara camuflada’ da diretora da instituição EDEFA, dificultavam a denúncia, de tal modo como afirma o aluno Augusto: *E todas as famílias, mães bobas não sabiam de nada o que acontecia dentro da escola. (...) Dona Frida conversava aparentemente feliz, ao contrario da aparência real que mostrava somente pra nós. Ela era falsa, batia em nós e no outro lado fingia e sorria.*

A diretora da EDEFA resgatava o autoritarismo da educação tradicional, ameaçando ou batendo nos alunos surdos, argumentando que a geração jovem precisava de disciplina e de obediência. Afirma o Foucault (2005) que o Alto Poder tem como objetivo nas

Sociedades Disciplinares dominar os corpos a partir da evolução dos castigos que causavam sofrimento e mutilação física nos condenados para um sistema em que tivesse as penas incidindo ainda sobre os corpos. Porém, direcionando as sanções para se alcançar um objetivo definido: transformar esses corpos em unidades “úteis e dóceis”. Isto demonstra que na época, nas instituições e escolas, era normal aplicar métodos rigorosos e disciplinadores, o aluno Danson explicou que lembra muito do sofrimento de ter que ficar sem se comunicar com os amigos e amigas surdas, pois caso isso ocorresse ele apanhava sempre “(...). *Apanhávamos com chinelo, cinto e até vassoura*”. Menciono mais alguns exemplos sucedidos:

A dona Frida dava Bofetada no meu rosto e eu ficava pensando na minha mãe que tinha ido. (...) Dona Frida batia no meu rosto, puxava orelha e eu ficava parado, não podia brincar que ela batia. (...) Ela batia repetidamente com duas mãos em cada face do meu rosto e pegava minha orelha e me empurrava. Que é isto? Puxa como sofri! (Augusto)

(...) A dona Frida batia na gente com uma vareta fina que machucava muito, doía muito, principalmente nas pernas. (...) É uma vareta de couro, igual a esta bolsa (mostrou a alça de bolsa), comprida e vermelha. Dona Frida também beliscava muito nas muitas partes do corpo e puxava com força as orelhas e doía pra caramba. Eu sofria muito, a gente achava a dona Frida perigosa para nós. (Carla)

A dona Frida pegava a nossa cabeça e batia, também batia a nossa testa em cima de nossa mesa da escola, a mesa era muito dura e doía nossa cabeça. Nós morriamos de medo dela porque ela batia e surrava muito a gente. (Carla)

Qualquer coisa era pretexto para dona Frida bater ou surrar, por exemplo, se a gente virava a cabeça para ver atrás, ela batia. Ah, a dona Frida também nos pegava pelo cabelo e batia a cabeça na parede. Como doía! A dona Frida batia muito forte e a gente sofria. (Carla)

O chicote era fino, oco e vermelho, era de borracha igual ao elástico, igual ao estilingue e nos batia com força com este chicote e doía muito. (Augusto)

Com esta perspectiva do ensino da metodologia tradicional da época, então sempre se foi favorável à uma educação através de castigos físicos. A historiadora Del Priore explica que depois da metade do século XVIII a palmatória era o instrumento da época: *"O alvará assinado pelo rei de Portugal e aplicado no Brasil (seria precursor da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira) introduziu normas punitivas aos professores e alunos - nestes*

últimos, podia-se aplicar castigos físicos como palmatória e ajoelhar-se no milho" (Del, 2000, p.1)

Conforme Michel Foucault (2005), o uso do castigo físico fazia parte de um sistema de controle de uma sociedade investida do sentido da ordem e da lei. As instituições do século XVIII eram conectadas por uma 'rede' de poderes, onde aplicavam crenças, valores e hábitos rígidos onde geraram um sistema de vigilância, controle e punição.

A educação tradicional era autoritária porque podia impor todo o seu saber e poder para "torcer o pepino desde pequeno". Era um sistema educativo que acreditava ser preciso formar um cidadão "disciplinado" para ser "dócil" na nova ordem moderna.

Prendiam e deixavam-nos de castigo sempre por quaisquer motivos. Embaixo da escada tinha uma espécie de espaço fechado igual a um armário, trancavam a gente lá no escuro durante o dia todo e a gente ficava sem almoço. Quando já era tarde, mais ou menos às cinco horas ela nos liberava. (Carla)

Sabe, uma vez derrubei o tinteiro de caneta no chão, depois de bater em mim a dona Frida me obrigou a esfregar o chão e depois a lixar o chão, eu lixava com muita força no chão até formar muitos calos nas mãos, como eu sofria. (Carla)

Não podia usar sem manga, só manga curta ou comprida. Uma vez fui á EDEFA de calça e blusa sem manga, a dona Frida me colocou de castigo dentro do "porão" debaixo da escada, eu batia na porta no escuro, chorava e implorava o dia todo. A dona Frida disse que eu tinha que aprender. E no dia seguinte eu vim com blusa com manga e de saia. (Carla)

Eu ficava muito de castigo. Eu ficava quieto, não aprendia nada, lá não me incentivavam intelectualmente. Eu me sentia parado e quieto. (Augusto)

O aluno surdo Júlio fugiu uma vez, a dona Frida batia muito nele e a mãe nunca acreditou nele. Então um dia ele não agüentou de tanta surra e fugiu. A policia trouxe ele de volta. A dona Frida surrou tanto ele e depois amarrou o no alto da escada. O Júlio ficou a noite inteira com os braços pra trás e amarrados lá no alto da escada em pé, sem comer e ir ao banheiro. O Júlio chorava muito e gritava toda hora: "mamãe". A família dele morava perto de Londrina. É absurdo e muito triste isto! (Ivone)

Lembro-me que durante a noite, mais ou menos a partir das sete horas, eu estava quietinha no meu cantinho quando apareceu um menino que tinha fugido. Dona Frida trouxe o menino e surrou tanto porque ele fugiu, pois isto era proibido, eu fiquei muito assustada e com medo dela. Eu via tudo acontecer e recordo muito em especial esta situação, depois de muita surra com uma vareta bem forte ela levou o menino embora e não vi o que aconteceu depois. Mais tarde, não me

lembro da hora, todos nós, as crianças surdas, íamos ao dormitório em cima para dormir. Estávamos subindo pela escada e ficamos surpresos, vimos o mesmo menino na ponta de cima de escada. Sabe o corrimão? O menino estava acorrentado com os braços pra trás no corrimão e ficamos todos assustados. O menino estava com semblante muito triste e cabisbaixo, nós olhávamos curiosos e assustados entrando no quarto e no dia seguinte ao acordarmos, pela manhã ele ainda estava lá preso de pé acorrentado no corrimão. Isto me marcou muito, nunca me esqueci disto até hoje. Não lembro quem era ele, nunca mais o vi. (Monica)

É importante destacar que o abuso emocional das crianças é uma das formas de maltrato infantil mais difícil de diagnosticar. Geralmente é detectado quando é associado a outros tipos de abusos como resultado da hostilidade verbal em forma de mentira, aversão, censura ou ameaça de abandono e constante bloqueio das iniciativas de interação infantil. Quem maltrata psiquicamente pode adotar atitudes tais como de humilhar a criança frente aos outros, privá-la de saídas e de sua integração social, utilizando para isto desde evitar a socialização como até trancar a criança em casa. “*Nós sempre vivíamos com medo lá. (Augusto)*”

Tinha alunos com medo de levar castigos e deduravam mentindo para Dona Frida que foram outros quem fizeram sinais e a Dona Frida brigava com todos. Os alunos acusavam uns aos outros dizendo: ele é culpado. (Augusto)

Todos os anos que estudei na EDEFA, eu sempre tive medo de surras, dos castigos, de sofrimentos, do prof. Paul e vivia sempre fugindo e me escondendo dentro do armário. (Carla)

Eu lembro que alguém derrubou tinta da mesa e deduraram para dona Frida dizendo que fui eu e ela me bateu com força, eu não entendia porque recebia este castigo porque era muito pequena, tinha apenas 4 anos na época. (...) Dona Frida batia na minha cabeça, pegava meus cabelos e sacudia, eu ficava sempre de castigo. Pegava no cabelo e batia muito com força, eu não fazia nada, mas mesmo assim ela batia e doía muito no cabelo. Eu usava rabo-de-cavalo e ela puxava e sacudia. (Monica)

Também podem ocorrer mudanças bruscas no rendimento escolar; problemas com figuras de autoridade; mentiras; fugas de casa; fobias; excessiva submissão frente ao adulto; coerção sexual dirigida a outras crianças; queixas de dores de cabeça e abdominais.

A Lílian... Lembra da Lílian? A Lílian fugiu para bem longe da EDEF, porque ela era muito punida e isto fez com que ela ficasse com vontade de fugir, ela pulou o muro de EDEFA e fugiu. A dona Frida avisou a polícia que encontrou a Lílian e

quando a trouxeram, eu vi a dona Frida pegar a Lílian e bater com a cabeça no chão, eu fiquei muito assustada. A Lílian ficou toda roxa na testa e no olho, o olho inchou e deformou o rosto. Ela ficou assim por causa das batidas no chão e surras. Ela não deveria ter fugido, pois as surras dobraram para ela. Eu ficava com medo e de braços cruzados, quietinha. Como fui fraca! (Carla)

Teve alunos que fugiram da EDEFA. Teve um surdo que fugiu para Lapa, longe pra caramba. Ele fugiu a pé para longe, muito longe, na Lapa, sabe? A dona Frida batia muito nele e por isto ele fugiu, foi a pé para loonge, Lapa. Longe Lapa. Correu para Lapa, caramba! (repete) Lá na Lapa ele tinha um primo, sabe? Este surdo (mostrou sinal de cicatriz no braço) fugiu para Lapa. (Augusto)

Quem vai acreditar que um professor respeitável abusa sexualmente das meninas? Que a diretora sorridente e simpática maltrata as crianças? Poucas pessoas.

A diretora, dona Frida, e o professor, Paul, se ocultavam atrás de seus status de bons profissionais, por isto a família e a sociedade estavam longe de acreditar que os mesmos pudessem machucar as crianças. Então, infelizmente, nestes momentos de abusos de seus filhos e alunos surdos, na sua maioria, reagem de maneira hostil, preferindo não acreditar nas crianças, pois o contrário seria um impacto muito forte na vida social.

As famílias de sujeitos surdos eram pouco esclarecidas ou negligentes, ou ainda omissas, pois confiaram de modo pleno as crianças à Instituição, acreditando que estava tudo bem. Graças a isso, estas crianças surdas têm sido vítimas fáceis de abusos.

Eu contava para minha mãe muitas vezes que o professor Paul era muito ruim, que mexia no meu corpo, que levantava a minha saia e eu respondia sempre não, não. A minha mãe não acreditava, achou que era tudo mentira minha, afinal sou surda.(Carla)

Chegando a Curitiba, expliquei como era o Instituto em São Paulo para meus pais e contei que apanhava, que recebia tapas no rosto, cascudos e chutes no traseiro, apanhava no quarto e o castigo era ficar preso no quarto, meus familiares não acreditaram na minha história (Danson)

Uma vez por ano a minha mãe ia me buscar e depois voltava, eu não queria voltar á EDEFA. Quando era férias, minha mãe ia me buscar, quando ela me trazia de volta á escola de dona Frida eu gritava “não”, não queria voltar, eu implorava! A minha mãe teimava e me trazia a força para escola. (Augusto)

As pesquisas científicas mostram que geralmente o perfil dos agressores é bem diferente do que prega o senso comum. O abuso sexual, por exemplo, acontece em todas as classes sociais e em cerca de 80% dos casos são cometidos por sujeitos de confiança. Eles são lobos que se camuflam com pele de ovelha, ou seja, com frequência, podem ter a aparência de sujeitos muito bacana, igual ao professor Paul que adorava brincar com as crianças surdas, ajudava a ensinar a lição e até emocionava confundindo os familiares quando os alunos surdos faziam denúncias.

Por isto, nas vezes que o aluno surdo denuncia o professor ou a diretora, os membros da família não acreditam que poderia ser denúncias verdadeiras. Não queriam acreditar que poderia acontecer na instituição onde confiaram os cuidados de seus filhos.

Quando denunciados, estes adultos que abusaram dos alunos surdos também podem usar as famílias das vítimas, fazendo-os acreditar que são inocentes dos atos alegados. Os membros das famílias, despreparados, podem ser facilmente manipulados.

Segundo aluno surdo Danson, somente a Diretora Frida quem batia nos alunos da instituição, o Professor Paul era calmo e também atencioso e carinhoso. Ninguém podia bater nos alunos surdos além da Diretora Frida, o professor não batia nos alunos porque ele se interessava somente pelas meninas surdas: *“A dona Frida não se aproveitava sexualmente das crianças e nem meninos. Ela tinha uma educação rígida. A dona Frida tinha mania de coçar a própria bunda e todos os alunos surdos riam escondido. Ela fazia isto todos os dias. Verdade! (Carla)”*

É porque lá na EDEFA, tinha muitas meninas e poucos meninos, só alguns meninos. O professor Paul só abusava das meninas bonitas, só. Não mexia nos meninos. O prof. Paul e a dona Frida dormiam juntos, a Lílian viu, eu vi, a Ivone viu. (Carla)

Eu vi o prof. Paul beijar e aproveitar de uma menina de 4 anos, eu vi tudo. A dona Frida não ligava. Ele fazia sexo também com a menina, sim, sim. (Ivone)

O prof. Paul disfarçava quando a dona Frida estava presente e ela acreditava muito nas mentiras dele. Quanto nós crianças acusávamos o prof. Paul pra dona Frida, ela não acreditava e batia muito na gente.(Ivone)

O professor Paul à noite ia até a cama das meninas para fazer sexo. Ele vinha á minha cama e ficava em cima de mim. (...) Eu não gritava, não tinha como. Era uma casa isolada, os vizinhos ficavam muito longe, pois havia ao lado da casa um

terreno baldio que era enorme e com árvores. Não daria para ouvirem os gritos. (...) Quando o professor Paul estuprava-me, ele gozava dentro de mim e eu ficava com pernas lambuzadas e sujas e não podia tomar banho. As pernas ficavam grudadas. (Ivone)

É triste tomar conhecimento de que uma instituição para surdos que tinha o dever de zelar pela proteção dos alunos surdos agia mal, uma diretora que abusava fisicamente, emocionalmente e os negligenciava, e as meninas surdas eram vistas como objetos sexuais pelo professor Paul, uma traição aterrorizante às inocências destas meninas surdas:

O prof. Paul ficava lá em frente ensinando para nós, quando a dona Frida saía para fazer compras ou pagamentos, o professor “mexia” nas meninas, que feio! O professor abaixava o espelho no chão para ver por baixo das saias das meninas. Sim o professor mexia nas meninas, meninas de 9, 10 e 11 anos. Somente as meninas e os meninos ficavam somente observando e riam, pois eles próprios também não entendiam muito o que acontecia lá. (...) A Ivone tinha a mesma idade que eu, ela tinha 9 anos. O prof. Paul tinha mais ou menos 30 anos, já era homem feito, igual como professor. (Carla)

O professor Paul abria zíper da calça e mostrava o seu pênis às meninas surdas, todos viram. Também beijava na boca e nos rostos. (Carla)

Na aula, o Prof. Paul ficava sentado quietinho e comportado aguardando a dona Frida sair para fazer compras ou pagamentos na cidade, isto era muito freqüente. O professor Paul esperava a dona Frida sair, pegava uma menina e levava para cima e a gente ficava esperando no suspense sobre o que faziam lá e depois voltavam. (Carla)

Eu fui estuprada muitas vezes pelo prof. Paul e todos os ex-alunos surdos que estudaram lá sabiam. Todos sabiam. Agora o prof. Paul está velho, ele tinha na época uns 35 anos. Ele beijava e estuprava as meninas, estuprou a menina bonita de 4 anos e eu vi tudo, ela era loira linda (Ivone)

Muitas vezes o abusador é alguém que está próximo da criança e a confunde em meio do abuso sexual e atos de carinho, servindo-se da persuasão, recompensa ou ameaças, levando a criança a considerá-lo como um sujeito do bem. Na EDEFA, o professor Paul agia com persuasão, como por exemplo, para alunas surdas ganhar notas boas nas atividades.

Isto causa a omissão e sustenta o medo da criança perder o sujeito que acha gostar de si. Por outro lado, estas crianças se mantêm em silêncio às vezes por um sentimento de culpa e vergonha, temendo a desaprovação familiar.

Sabem a Ivone? (...) Prof. Paul gostava mais dela, “mexia” muito nela, o professor a ajudava nas provas e ela sempre passava com notas boas e eu reprovava, tinha notas sempre baixas, tirava sempre zero nas provas durante 1ª, 2ª, 3ª e 4ª série. (Carla)

Isto era mantido em segredo, porque o professor Paul ajudava as meninas nas provas e eu via tudo. Sabem a Ivone? Ela era a “campeã”, ela era a escolhida pelo professor Paul. Subia com ele todos os dias, subia, subia, subia com ele. Um dia eu combinei junto com outros alunos ir espiar e ver o que faziam lá em cima. Nós subimos na escada, por sorte a dona Frida saiu e não viu. Subimos silenciosamente a escada, vimos através da porta entreaberta os dois nus, a menina Ivone e o professor Paul. Verdade! Eu vi tudo! (Carla)

Esta menina de 4 anos era muito pequena, não sabia e não reagia. Todas as crianças lá na escola ficavam confusas e tristes. Não sei por que nós ficávamos quietas. Acho porque as pessoas não iriam acreditar em nós, surdas e pequenas, a não ser que sejamos pegos em flagrantes. O prof. Paul nos estuprava no quarto durante a noite. A dona Frida não ligava e não expulsava o prof. Paul. (Ivone)

Constata-se, pela maioria das pesquisas acadêmicas, que geralmente o abuso sexual nas crianças é praticado por sujeitos conhecidos e próximos à vítima, tais como, familiares, vizinhos, professores e amigos. Desta forma, o abusador ocupa uma posição de poder em relação à vítima, assim como ocorreu na EDEFA, o professor Paul tinha poder em relação aos alunos surdos e utilizava esse poder de várias formas, como forma de intimidar a vítima, que pode ser através de chantagem emocional ou intimidação.

Eu chorava muito lá, fugia muito, porque o professor Paul “mexia” muito em mim e eu tinha medo dele. O prof. Paul “mexia”, não só em mim, também outras meninas surdas, ele me beijava, eu desviava o rosto, empurrava-o desviando dos abraços fortes dele e mordida ele. (...) Quando o prof. Paul queria me “mexer”, eu mordida o braço dele, eu era louca, muito braba e revoltada. Ficava muito nervosa e chorava muito. (Carla)

Nunca aconteceu o abuso sexual comigo, porque fui rebelde, eu empurrava e mordida o professor Paul, eu era muito braba, achavam que eu era louca porque eu era muito braba. (Carla)

A Ivone era muito calma e boazinha, por isto o professor Paul aproveitava muito dela, a Ivone sempre tirava notas boas nas provas porque o prof. Paul a ajudava. E eu reprovava sempre junto com o resto das meninas que recusavam o prof. Paul, pois o ensino lá era péssimo e aprendíamos nada, tudo era “zero” (Carla)

Minha mãe foi lá ensinar os surdos a fazer tranças, quando ela ia lá dentro era tudo comportado, sem surras e quando minha mãe ia embora, voltava de novo,

muitas surras. O prof. Paul também se comportava na presença de minha mãe. Por isto minha mãe não sabia, não acreditava em mim. (Carla)

Os abusos durante a infância podem deixar seqüelas no desenvolvimento emocional das vítimas e se tornam adultos com perturbações psicológicas crônicas e estresses. Muitos especialistas afirmam que, mesmo após a passagem de vários anos desde que o abuso sexual foi cometido, é possível o sucesso de intervenções medicamentosas e psicológicas.

Quando as crianças surdas são abusadas podem gerar traumas no futuro, os sujeitos surdos se tornam pacientes adultos, acompanhados em clínicas psicoterápicas, fazendo terapias, tendo enfermidades psíquicas sérias, alguns apresentam excessos de revoltas contra as opressões ouvintistas e de abusos, às vezes a recuperação destas vítimas de abusos na infância é demorada e difícil:

Tiveram muitos surdos que “piraram”. Antes, quando iam pra escola, no início, eram espertos e conversavam com a gente, depois de tantas batidas e surras ficaram como bobos. (...) eram espertos e conversavam com a gente, depois de tantas batidas e surras ficaram menos inteligentes. Ele era legal e inteligente quando era pequeno, agora já adulto, ele tem problema na cabeça. (Carla)

Outro surdo, também a mesma coisa, agora ele sempre vai ao hospital, tem problemas psicológicos por causa de traumas, dona Frida batia muito nele. Hoje ele toma muitos medicamentos. (Carla)

Ele era inteligente pequeno, a dona Frida batia muito a cabeça dele na mesa e ficava muito de castigo, depois que ele ficou adulto, a gente percebia quando ele conversa com a gente em língua de sinais que ele não estava normal, estava fraco e pirado. Eu encontro com ele às vezes, está vivo ainda. A comunicação com ele é muito difícil, mesmo com sinais e ele mente muito. Ele pirou! (Augusto)

Mais tarde quando a minha mãe descobriu, pediu desculpas com muito remorso por não ter acreditado e me levou ao médico para fazer exame geral de meu corpo. Estava tudo bem. Minha mãe pediu desculpas, pois eu falei muitas vezes para ela e depois da descoberta ela passou a sempre acreditar em mim até hoje. Eu tenho trauma até hoje um pouco. (Ivone)

Freqüentei terapia psicológica por algum tempo, umas 10 sessões e depois recebi alta e ficou tudo bem. Depois, a mamãe me levou para viajar para eu relaxar e distrair. (Ivone)

Só que infelizmente estas situações como espancamentos, estupros e abusos sexuais contra as crianças surdas causam constrangimento e provocam um terrorismo psicológico, agredindo a organização sócio-cultural, crenças, línguas, costumes e tradições.

Quando as famílias descobrem os abusos cometidos, se revoltam e reagem, segundo Danson, que ficou seis anos na instituição, relata que durante as férias ele falou o que se passava na escola para sua avó paterna e madrinha quando ela viu a marca roxa nas suas pernas por ter apanhado de cabo vassoura, daí então ele explicou o quanto apanhava. A família resolveu tirar ele da instituição e mandar para São Paulo em uma outra Instituição no ano de 1968.

Eu contava para minha mãe muitas vezes, ela não acreditava, achou que era tudo mentira. Até que um dia eu tive a sorte de meu pai descobrir a verdade. Meu pai sempre ia me buscar às 17 horas na EDEFA, não era interna como outras, e um dia ele resolveu ir mais cedo, veio á EDEFA às 16 horas. Ele bateu na porta de EDEFA, ninguém veio atender, então ele abriu a porta, entrou e viu o professor Paul me agarrando, me abraçando de forma muito suspeita, eu empurrando ele e chorava, ele gostava de me abraçar com força e tentar dar beijo forçado e eu não queria e desviava o rosto. Foi neste momento que apareceu o meu pai, o prof. Paul tremeu e meu pai me pegou chorando, eu peguei material e coloquei na mala e meu pai com fisionomia bem carrancuda me levou embora. O pai me levou para a casa, depois com o meu irmão, combinou voltar na EDEFA conversar com a dona Frida. A dona Frida disse que é mentira minha, mas meu pai disse que viu tudo, que o prof. Paul me abraçou de forma muito íntima, e isto foi sorte minha, porque já estava com 13 anos e então parei de estudar lá e fui para outra escola de surdos. (...) Agora o professor Paul fugiu e sumiu, ninguém sabe onde ele está. A dona Frida já morreu há muito tempo atrás. (Carla)

O prof. Paul fez coisas horríveis para mim, eu contei para minha mãe e ela não acreditava em mim, ela achava que eu não queria estudar. O prof. Paul mexia muito em mim, depois que o pai de Carla viu e descobriu tudo, ele viu o prof. Paul beijar a Carla, e tirou-a da escola, acabando todo o nosso sofrimento, pois depois ele telefonou para minha mãe contando. (...) O prof. Paul queria casar comigo, mas eu tinha somente 11 anos e minha mãe não deixou (Ivone).

Joguei uma vez leite na cara de dona Frida e ela me bateu muito, dona Frida era muito má. (...) Bebi leite branco, eu enchi o leite na boca e expeli-o no rosto de dona Frida, ela me bateu muito. Quando soube, a minha mãe ficou brava e me levou de volta para casa.. (Álvaro)

Quando eu voltava para a casa nos finais de semana, contava á minha mãe mas ela não acreditava, pensando que era minha fantasia e que eu não queria estudar. Com Júlio também acontecia a mesma coisa, falava para a mamãe e ela não

acreditava nele. Depois que descobriram a verdade tiraram os filhos da EDEFA e foram diminuindo os alunos, até fechar a escola. (Ivone)

Meu pai e minha mãe vieram me buscar na EDEFA, A dona Frida me levou ate eles na sala segurando a minha mão. Quando eu os vi eu me alegrei e queria abraçá-los. Meu pai disse: “Esta não é minha filha, minha filha é outra”. Eu continuava querendo abraçá-los, a dona Frida respondeu que era a filha deles sim. Meus pais estranharam, porque eu estava muito magra, muito diferente de quando eles me deixaram lá. Meus pais estranharam, mas eu abracei alegremente porque eu os reconheci, é claro! Fiquei muito feliz e quando fui embora saindo na rua com papai me segurando na mão, ele me colocou no colo no ônibus durante a viagem de volta à minha cidade e depois não me lembro de nada, acho que desmaiei. E quando acordei, estava na casa da vovó com roupa trocada e limpa. Mais tarde minha mãe me contou que eu quase morri e com isto eu nunca mais voltei lá na EDEFA. (Monica)

As narrativas demonstram como foi importante um membro da família de um dos alunos surdos da EDEFA rasgar os véus dos segredos e das vergonhas do professor Paul e da diretora, dona Frida, para ter uma iniciação ao combate dos abusos, para dar fim às angústias dos pequeninos surdos que queriam denunciar, mas eram emudecidos.

5.4. Extermínio cultural dentro da escola dos surdos



(Fonte: foto do acervo de um dos alunos da instituição)

Admitimos que, depois de muitos anos de percepção, dos muitos fracassos escolares dos surdos, o método tradicional de ensino, ainda hoje predominante entre os professores, não favorecia o desenvolvimento do pensamento crítico porque não permitia a participação ativa dos alunos surdos e também não usavam a língua de sinais.

Questionamos por que estamos ainda verificando a predominância de um ensino dos surdos que não contenta nem alunos, nem professores e nem familiares? Por que continuamos a afirmar que precisamos mudar a história dos surdos, de historicismo para a história cultural diante do olhares de hoje? É porque a sociedade ainda não sabe e não conhece a história cultural dos surdos. Conforme Bhabha observa o:

A tensão entre o pedagógico e o performático que identifiquei na interpelação narrativa da nação converte a referencia a um ‘povo’ – a partir de qualquer que seja a posição política ou cultural – em um problema de conhecimento que assombra a formação simbólica da autoridade nacional. O povo não é nem o princípio nem o fim da narrativa nacional; ele representa o tênue limite entre os poderes totalizadores do social como comunidade homogênea, consensual, e as forças que significam a interpelação mais específica a interesses e identidades contenciosos, desiguais, no interior de uma população. (2005, p.2007).

Vemos através das narrativas surdas que na época, dentre outros a EDEFA também tem aplicado abordagens tradicionais, empregava-se o método tradicional da memorização, ou seja, os alunos surdos tinham que copiar e decorar.

Era uma escola severa, não trabalhava muito com a fala, somente na escolaridade. Nós não aprendíamos nada, só copiávamos, era sempre cópia, cópia e cópia, não nos ensinavam nada, eles falavam, falavam e nós não os entendíamos. (Carla)

Faziam a gente copiar o “a-e-i-o-u” usando a régua como suporte (como se fosse linha) e escrevíamos. Copiávamos em muitas páginas, muitas páginas de caderno. Escrevíamos o “a-e-i-o-u” sempre igual em imensas páginas de cadernos. Era só escrever, escrever, escrever, tudo cópia, tudo muito mecânico. Tudo sempre igual. (Carla)

Não chamava ninguém para ser professor da escola, a Frida era a única. A dona Frida sozinha ia às salas, desde os pequenos até os maiores. Ia, mandava-os ficarem sentado e quietos, e ia às outras salas para mandar algo. Ela escrevia uma atividade em uma sala e depois ia para outra. Ela sozinha. Isto não era bom! (Augusto)

Não fazia contas de matemática, tabuada nada, só escrevia ‘a-e-i-o-u’, sempre repetindo. Sempre igual, pó! Eu não me sentia bem com aquela cópia sempre repetida. (Augusto)

A gente aprendia só as letras e palavras isoladas, muito pouco. Não havia lápis de cor, por isto não pintávamos nada. (Ivone)

Durante as aulas eu não aprendia nada. Eu sentava à mesa com a dona Frida e copiava as frases completas, eu tinha somente 4 anos e não conseguia. Ela escrevia frases muito compridas e eu nem sabia o ‘a-e-i-o-u’, eu não sabia o que fazer. Dona Frida me mandava copiar, eu não queria porque não sabia. Então a dona Frida ficou brava e rasgou todos os meus cadernos e me deu zero. A verdade é que eu não sabia e não entendia porque ela me mandava fazer isto, eu achava a dona Frida louca e isto me dava medo. (...) Os outros tiveram mais sorte, aprenderam ‘a-e-i-o-u’ e eu nada. Eu escrevia muito no quadro sem entender nada e rasgavam o meu caderno. Porque davam ‘a-e-i-o-u’ para eles e não para mim? Para mim foram frases compridas, mas eu era muito pequena, por quê? (Monica)

Muitas interpretações diferenciadas eram dadas a respeito dos métodos da educação dos surdos, associavam que concepção da fala representa os pensamentos e julgavam que os sujeitos surdos eram incapazes de pensar, pois quando os sujeitos surdos não oralizavam confundiam com falta de intelectualidade e com isto acontecia internação deles em asilos para que tivessem treinamentos de fala, proibindo a língua natural dos surdos, a língua de sinais:

Era utilizado o método oralista com todo treinamento, dando ênfase na fala, era sistematizado, não gosto muito de recordar sobre a proibição da nossa língua de sinais, ficava indignado sobre essa proibição e ter que aprender apenas a falar. Aceito a educação da fala, mas que seja permitida livre acesso na comunicação que os surdos se identificam e que seja respeitado nossa identidade surda.(Danson)

Tinha que cortar tiras de papel, dobrar e colocar nas palmas das mãos e soprar. Todos os dias havia “exercícios de sopro”, colocar o papel dobrado na palma de mão e dizer “baaaa-baaaa-baaaa”. Repetia sempre e eu ficava com muita dor de garganta. Se não conseguisse dizer “baaaa-baaaa-baaaa” com sopro corretamente, eu levava um puxão de orelha. Se o papel caísse, é que eu não tinha soprado corretamente. Se eu não conseguisse de novo, era outra vez puxão de orelha. Todos os dias o procedimento era sempre igual. (Carla)

A dona Frida tentava me fazer falar e me batia, eu era muito pequeno. Sentado e quieto eu não entendia ela, eu não falava e não tinha nenhuma leitura labial. Não sabia falar nem ‘desculpe’, eu era mudo e por isso a dona Frida me batia. Os colegas me chamavam, mas eu não falava e ficava muito quieto. (Álvaro)

Com esta crença de incapacidade intelectual dos sujeitos surdos atribuiu-se grande ênfase as atividades manuais, do mesmo modo como asseguramos em uma obra anterior:

“Os sujeitos surdos geralmente eram assimilados aos marginais, excluídos da sociedade, como objetos de compaixão ou ainda em um trabalho de esforço de conciliação cristã; então, na época, geralmente nos mosteiros, os monges beneditinos inseriam os surdos em suas atividades manuais, mas em nenhuma intelectual. Nessa fase, não havia a preocupação de formação educacional de sujeitos surdos, uma vez que os mesmos não eram vistos como cidadãos produtivos ou úteis à sociedade.” (STROBEL, 2006, p.246)

Também havia aula de bordado. Era tudo muito repetitivo. A gente aprendia muito bordado, ponto cruz, pinturas e tranças. Minha mãe foi lá ensinar os surdos a fazerem tranças, quando ela ia lá dentro era tudo comportado, sem surras e quando minha mãe ia embora, voltava de novo, muitas surras. (Carla)

Eu era muito boa em artes manuais, bordados, pinturas em porcelanas, pinturas de tecidos, tricô, tranças e tudo. Trabalhos manuais eram aprendidos junto com as disciplinas da EDEFA (Carla).

Representando o trabalho manual realizados pelos alunos com ovos de galinha e de pata (pintura individual). Esses trabalhos eram guardados para que no Domingo de Páscoa os alunos procurassem os ovos... Os ovos eram da própria escola, a escola criava galinha, pato, pássaros e cachorros (Danson).



(Fonte: foto do acervo de um dos alunos da instituição)

Não dá para pensar na identidade positiva nesta espécie de educação dos surdos, pois não respeitavam a cultura surda, assim sendo, não havia como discutir a concepção de currículo surdo, isto demonstra uma dimensão da relação de poder-saber, que é o espaço em que os saberes serão confrontados em seus modos de produzir as verdades. Com isto houve problemas contrários às idéias construídas a respeito da educação dos surdos, pois é sabido que é de extrema importância apresentar o currículo próprio como construção dos sujeitos surdos com a sua identidade. Assim como define Silva (2003):

Pode-se dizer mesmo que é através do processo de representação que o currículo se vincula com a produção de identidades sociais. É no currículo que o nexo entre representação e poder se realiza, se efetiva. As imagens, as narrativas, as estórias, as categorias, as concepções, as culturas dos diferentes grupos sociais – estão representadas no currículo de acordo com as relações de poder entre esses grupos sociais. Essas representações, por sua vez, criam e reforçam relações de poder entre eles. As representações são tanto o efeito, o produto e o resultado de relações de poder e identidades sociais quanto seus determinantes. (p.200)

Diante das diferenças culturais dos surdos e ouvintes, há a necessidade de se respeitar e valorizar esta interculturalidade, além de conhecimentos sobre o mundo cultural dos povos surdos, despertando o senso de solidariedade a um povo explorado pelo poder ouvintista, que faz os sujeitos surdos terem suas crises de identidade.

Um dos fatores mais importante no processo da construção da identidade cultural dos surdos é o uso da sua língua cultural; é uma forma de comportamento aprendido e transmitido como herança através do contato com os grupos semelhantes, a cultura é a chave para a construção das identidades surdas, assim como afirma Hall:

Nós podemos utilizar a língua para produzir significados apenas nos posicionando no interior das regras da língua e dos sistemas de significado de nossa cultura. A língua é um sistema social e não um sistema individual. Ela preexiste a nós. Não podemos, em qualquer sentido simples, ser seus autores. Falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais (2004, p.40)

Havia os “apelos” abafados dos sujeitos surdos resistindo às práticas ouvintistas, querendo usar a língua de sinais, no entanto a EDEFA abusava dos alunos surdos com a disciplina severa exterminando sua cultura surda com oposição oral e proibindo a língua de sinais.

A dona Frida me surrava nas minhas costas, pernas e em todo o corpo. Eu ficava com muito medo. Ela me batia porque eu conversava em língua de sinais, era proibida a conversa e então ela batia em mim. (Carla)

Se alguém conversar comigo em sinais era castigo certo. (Augusto)

Não podia fazer língua de sinais e se desobedecêssemos éramos surrados. Dona Frida batia na gente se fizéssemos língua de sinais, os sinais eram proibidos. (Augusto)

A gente ficava quietinha no banco e se a dona Frida visse a gente conversar em língua de sinais, ela batia nas mãos com força, mesmo nos horários que não estávamos em aula. (Ivone)

Encontramos diversas situações de incompreensão e sofrimentos narrados pelos sujeitos surdos como marcas de suas histórias. Isso acontecia principalmente nas escolas e instituições onde os professores não tinham conhecimento e não aceitavam a cultura surda. Pois é evidente na história dos surdos que a língua de sinais ocupa o primordial papel na construção das identidades, valores culturais e representações dos sujeitos surdos.

Essa violência simbólica contra a cultura surda impede que alguns sujeitos surdos vivam a sua cultura autenticamente, procurando se adaptar com a idéia de que a normalização que a sociedade impõe é a melhor saída.

A comunidade surda sofreu e ainda sofre tais tipos de preconceito, acompanhados de situações de desprezo e de desvalorização oriundas da falta de reconhecimento de uma identidade delineada por uma cultura visual. (GARCEZ, 2006, p.6).

A descoberta dos abusos na EDEFA é trágica, mas carrega diversos subsídios de triunfos: o aluno surdo conseguiu fazer a denúncia, recebeu credibilidade para se transferir para outra instituição mais saudável distante do ambiente hostil em que vivia. Ao contrário dele, outros alunos surdos permaneceram porque não conseguiram dialogar com ninguém a respeito dos abusos que receberam.

Esta nova escola de surdos era de freiras, mais educada e diferente da EDEFA, fiquei admirada lá, no começo eu tinha medo porque estava acostumada com a EDEFA, pois lá na EDEFA eu vivia sempre com medo, medo, medo. Todos os anos que estudei lá eu sempre tive medo, medo das surras, dos castigos, dos sofrimentos, do prof. Paul e eu vivia sempre fugindo e me escondendo sempre

dentro de um armário, com medo. Depois que eu saí da EDEFA, aprendi a ser calma, porque lá na dona Frida, eu vivia sempre com medo (Carla).

Fiquei na EDEFA, com dona Frida, durante 5 anos, dos 9 até os 13 anos. Eu rasguei todo o material da época da EDEFA e de dona Frida. Cadernos, tudo. Porque não quero ter como nada disso como lembrança. Foi uma época ruim. Apenas tenho fotos, iguais à estas que o Augusto trouxe. De vez em quando, assim como hoje, quando eu me lembro, eu choro muito, mas depois passa. (Carla)

A família resolveu me tirar da EDEFA e mandar para São Paulo no Instituto D. Conceição de Crianças das Surdas em 1968. Neste Instituto se tomava banho todos os dias, sendo assim, compreendi a importância do banho. Fiz uma comparação entre as escolas (Danson)

O povo surdo sofre interferência da sociedade querendo integrá-lo, porém não como cidadão, mas sim como ‘clones mecanizados’ de ouvintistas. A sociedade acredita que conseguirá garantir os direitos coletivos de sobrevivência social se normalizá-los.

Porém, existe uma luta histórica e cultural do povo surdo por reconhecimento de suas identidades e da língua de sinais, mas vivendo em uma cultura lingüística visual existe certa defesa. Essa defesa é a forma de preservação dos seus direitos e, em respeito às formas de vida de cada um, os alunos surdos iam em busca do prazer da companhia dos outros surdos em um local escondido, lá no fundo do quintal:

Pois eu não tinha vontade de ficar na EDEFA nem com a dona Frida. Que eu lembre, nada lá dentro me fez alegre, nada. Só havia surras e sofrimentos, não havia alegria. Era igual ao Hitler, no nazismo da Alemanha. (Carla)

Lá no quintal havia muitas árvores. Durante o recreio, nós brincávamos, nos reuníamos lá longe dos olhares de Dona Frida e do professor Paul, era um momento só nosso. Era uma alegria maravilhosa! Quando voltávamos á sala, ficávamos tristes de novo. Lembro que eu brincava muito de esconde-esconde, era muito gostoso e alegre, já a aula era muito ruim. Nós também brincávamos de roda, era alegria! (Carla)

Nós crianças surdas usávamos a língua de sinais, porque não tínhamos fala, ninguém sabia falar. (Carla)

No quintal brincávamos de rodinha, bate-palma e de trenzinhos. Como nos divertíamos muito longe dos olhos da dona Frida. (Augusto)

Para entender esse procedimento é preciso penetrar nos preceitos imaginário, cultural e simbólico de todos os grupos. São processos contraditórios estas relações entre surdos e ouvintes. A representação do sujeito surdo, como já foi colocada nos capítulos anteriores, comumente consiste na concepção clínica, pois o sujeito surdo é visto como deficiente.

O abuso dos alunos surdos dentro da EDEFA e de outras instituições é algo que não gostamos de refletir e muito menos de admitir a sua existência. No entanto, devemos reconhecer que os abusos nas crianças surdas podem acontecer em qualquer lugar e em qualquer época.

Ao iniciar as minhas pesquisas sobre a instituição EDEFA, estava consciente dos abusos físicos e verbais aos alunos surdos, mas foi de total surpresa constatar também os abusos sexuais dentro da mesma.

A dona Frida já morreu e o professor Paul foi embora para Argentina, não sei se está vivo ou não hoje, estaria com 80 anos, mais ou menos. Nunca mais eu soube dele. Ele casou com uma mulher Argentina, a mulher trabalhava fora e ele ficava em casa, alguém contou para mim. Acho que foi o irmão da dona Frida, que era surdo também, quem me contou. Ele também já morreu. (Ivone)

Infelizmente, estes incidentes de abusos deveriam ter sido reportados para as autoridades, no entanto, na época, não existiam leis que protegessem estas crianças e vítimas. Hoje, já adultos, conservam na memória estes atos apavorantes e traumatizantes cometidos enquanto eram crianças surdas e inocentes sob os cuidados desta instituição.

Hoje sabemos que qualquer sujeito que maltrate ou saiba de alguém que está maltratando uma criança e se omite poderá ser penalizado pela lei, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente⁷⁴:

Art 5º. Nenhuma criança ou adolescente está objeto de qual quer forma de negligencia, discriminação, exploração, violencia, crueldade e opressão, punindo na forma de lei qualquer atentado por ação ou omissão aos seus direitos fundamentais.

Estas marcas profundas se faz viva nas memórias dos sujeitos surdos pois na EDEFA era enfatizado a transmissão do “saber” com padrões rígidos e pela educação da época que era

⁷⁴ Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm

a disciplina como modelo ideal para a aprendizagem sendo que o centro deste modelo era o professor Paul e diretora Dona Frida. Infelizmente o relacionamento na sala de aula era marcado pelo autoritarismo destes profissionais que impunham rígidas disciplinas aos alunos, exigindo-lhes uma cooperação receptiva.

Esta forma de relacionamento autoritário entre o professor e aluno gera aquilo que Paulo Freire (1979) denominou de “concepção bancário” da educação, em que o aluno recebe passivamente os conhecimentos, tornando-se um depósito do professor. Educa-se para arquivar o que se deposita.

Ao refletirmos sobre estas narrativas dos ex-alunos surdos, que compartilharam conosco as suas memórias dos abusos sofridos e as milhões de feridas não aparentes, percebemos que ficaram latentes nas suas lembranças, como uma amarga marca com um triunfo final que ninguém conhece, mas que são compartilhadas entre eles com uma cumplicidade silenciosa.

Até hoje, nós, ex-alunos da EDEFA, quando nos encontramos pessoalmente, olhamos um para o outro e, sabendo sobre o que aconteceu no passado, ficamos quietos, num tipo de ‘pacto silencioso’. Sabíamos o quanto sofremos e que tínhamos muito medo. (Ivone)

CAPÍTULO 6:

REFLEXÕES FINAIS

A loucura, cujas vozes a Renascença acaba de libertar, cuja violência, porém ela dominou, vai ser reduzida ao silêncio pela era clássica através de um estranho golpe de força.

M. Foucault

6.1. Refletindo as realidades surdas

É duro constatar que milhões de sujeitos surdos em todo o mundo sejam tratados com discriminação.

A realidade mostra que a maioria dos sujeitos surdos é vítima da falta de oportunidade, das ausências de políticas sociais que contemplem suas necessidades ou que, simplesmente, são tratados com indiferença pelas famílias, amigos e outros.

Procurei escrever de forma mais imparcial possível, porém não foi inteiramente possível pelo fato de eu ‘ser surda’, pois compartilho junto muitas coisas que aconteceram, então me inquieto e luto pelo e com o povo surdo, que são criaturas sensíveis, que almejam ser respeitados como ‘seres surdos’ e não como ‘seres deficientes’.

Se alguém como eu não se incomodar, quem vai se preocupar? Quem irá defender e lutar pelo povo surdo? É o momento de ‘ouvirmos’ os discursos de mais líderes surdos das comunidades surdas.

Espero que, com os meus escritos, as pessoas comecem a refletir seriamente sobre tudo e ‘enxergar’ o outro lado da cortina. Procurei mostrar os diferentes olhares, as vantagens e desvantagens de ambos os lados.

De fato, cada um interpreta de um jeito, diferente um do outro, todos têm direito à opiniões, e estas podem ser diferentes.

O que almejo expor é que não sou contra o oralismo, acho-o importante também, já que eu mesma oralizo, porém, o que desejo é mostrar que não pode se trabalhar o oralismo do jeito como está: na forma de ouvintismo.

As aprendizagens da língua oral e/ou escrita devem ser trabalhadas separadamente, dando oportunidade aos sujeitos surdos escolherem das alternativas, respeitando a cultura

surda. O mais importante é que os sujeitos surdos tenham um desenvolvimento de uma linguagem que lhes permita a construção de sua identidade cultural. Assim como as fonoaudiólogas Lacerda e Mantellato elucidam:

É preciso buscar uma prática terapêutica mais apropriada que levando em consideração as questões da surdez, da cultura surda, da condição lingüística especial da pessoa surda e por intermédio da língua de sinais propicie o acesso à língua da comunidade ouvinte: em nosso caso o português em sua modalidade oral e/ou em sua modalidade escrita, considerando os casos no qual o ensino da língua oral seja difícil ou não desejável pelo sujeito surdo. (LACERDA, 2000, p.37)

Continuando, assim sendo:

Á pessoa surda devem ser dadas as possibilidades de desenvolvimento de linguagem (sinais) e a oportunidade de aprendizagem do português em suas modalidades oral e escrita, enfim, todas as possibilidades devem ser proporcionadas para o sujeito surdo, respeitando-se suas condições de apropriação do português.(LACERDA, 2000, p.38)

E assim, conclui a Perlin:

Em nenhum momento pretendemos separar os surdos da comunidade ouvinte. (...) O propósito é refletir sobre os modos de ultrapassar os estreitos limites da escola dos ouvintes, ou do ‘modelo ouvinte’ para os surdos. Não estamos defendendo uma pedagogia para um surdo ‘fechado para os ouvintes’, uma vez que o contato surdo-ouvinte é necessário. Precisamos de uma visão cujo núcleo remeta para a dimensão cultural, com respeito à questão das diferenças (...) (2000, p.28)

Todas as páginas escritas na minha tese se resumem na intenção de revelar o que o povo surdo quer e sobre o que é mais importante para eles, o autor Lane (1992, p.40) enumera-os:

- **A *dignidade***: Ser Surdo! Os povos surdos querem ser respeitados como simplesmente ‘surdo’. Os profissionais da área de saúde obstinam em representar os sujeitos surdos como ‘doente’, ‘deficiente’ classificando-os em categorias e executam cirurgias heróicas em crianças surdas num esforço de torná-los ‘normais’.
- **A *língua***: Valorização da língua de sinais como a primeira língua. Os profissionais na área de educação / saúde destroem-na ao torná-la na versão de português,

sinalizado ou ao recusarem a sua utilização, fazendo com que aprendam a oralização, negando-lhe a língua de sinais como primeira língua ou como a maioria diz que a língua de sinais é simplesmente um dos ‘recursos de apoio’ desvalorizando-a.

- **A sua organização social e seus costumes:** as escolas e área de saúde acham inadequadas e abomináveis e não aconselham as famílias a levarem as crianças surdas a terem contato com os surdos adultos em comunidades surdas, como as associações, federações e outros locais.
- **A política:** Os sujeitos querem suas opiniões respeitadas! Os sujeitos ouvintes continuam sempre decidindo por surdos, disputando em relação de poder acima dos líderes surdos em diversas áreas, onde eles são importantes participar.
- **A sua história:** que lhes foi roubada pelos sujeitos ouvintes, história de surdos surgiu segundo sujeitos ouvintes elogiando professores ouvintes pela iniciativa de trabalhos com os surdos, pela tecnologia oralistas, cadê a história das associações de surdos? De professores surdos? De sujeitos surdos sucedidos? A história cultural de surdos quase nunca lhes é ensinada, visto que tal fato seria um passo importante para a legitimação do modelo cultural do ‘Ser Surdo’, os sujeitos surdos adultos contam hoje a sua história com orgulho!

Então, estes fatos enumerados acima são extremamente importantes para o povo surdo, pois o povo luta para mostrar ao mundo a valorização de sua identidade, língua e diferença cultural. Os surdos se esforçam e lutam muito porque o mundo ainda não conhece, não valoriza ou não aceita a cultura surda, assim como Richard Rorty descreve: *“O melhor modo de causar um sofrimento constante e duradouro às pessoas é humilhá-las fazendo com que as coisas para elas são as mais importantes pareçam fúteis, antiquadas e sem qualquer utilidade”* (Apud LANE, 1992, p40)

É importante acabar com este holocausto surdo.

É hora de ceder o espaço do surdo nas políticas surdas!

6.2. História cultural atual: um novo jeito de ser surdo

Todas as reflexões feitas aqui e uma série de outras começaram a ser respondidas por pesquisadores e autores que se interessavam em estudar o povo surdo desde a antiguidade, de como evoluiu e desenvolveu-se, até tornar-se a comunidade surda conhecida atualmente.

Mas todos estes interesses não foram apenas por curiosidade dos sujeitos em conhecer a história do povo surdo, mas sim lançando uma grande aflição em aprimorar e valorizar a língua e identidade cultural do povo surdo.

Houve muitas reflexões importantes na história dos surdos que ficaram sem respostas, ou só fragmentadas. Porque isto ocorre?

O povo surdo quer deixar o historicismo e mudar a visão da história. Querem ter mais conquistas, tais como as leis, mais intérpretes de língua de sinais, mais professores surdos, etc. Os povos surdos crêem que os sujeitos surdos seriam tão bons ou até melhores professores de surdos por terem fluência em língua de sinais e identidade cultural dos surdos, por isto lutam pela pedagogia surda.

Não pretendo parar por aqui, pretendo continuar com as minhas pesquisas, agora voltada para história cultural dos surdos, deixando para passado o historicismo. O desafio é construir uma nova história cultural, com o reconhecimento e o respeito das diferenças, valorização de sua língua, emancipação dos sujeitos surdos de todas as formas de opressão ouvintistas e seu livre desenvolvimento espontâneo da identidade cultural.

A firmeza e a veemência com que os sujeitos surdos transmitiram através de suas narrativas, as suas mágoas, seus desejos, suas visões acerca de práticas ouvintistas estão contidas nestas páginas que não se fecham, mas sim ficam à espera de serem abertas juntamente com outras futuras páginas, clamando pela participação na construção e reconhecimento da cultura surda, sendo eles os sujeitos dessa grandiosa história!

Formar uma comunidade surda mais justa, onde não houvesse opressão de prática do ouvintismo, passando por uma metamorfose do historicismo para história cultural e lá, os sujeitos surdos serão simplesmente autênticos 'Surdos'!

Portanto, a história dos surdos não acaba aqui e sim é um novo começo...

REFERÊNCIAS:

- ALISEDO, Graciela. *Sociolingüística da surdez e bilingüismo*. Rio de Janeiro, Caderno Espaço – 4, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria da Educação Especial, 1994.
- ARFUCH, Leonor. *La entrevista, una invención dialógica*. Edición PAIDOS: Barcelona / Buenos Aires, 1995.
- ARRIENS, Marcos Antonio. *Louvor Surdo, Coro de Surdos: e isso existe realmente?* In Revista Louvor 3t, Rio de Janeiro: JUERP, 2003.
- BARBOZA, Heloisa Helena e MELLO, Ana Cláudia P.Teixeira. *O Surdo: Este Desconhecido – Incapacidade absoluta do surdo-mudo*. Oficina Folha Carioca Editora Ltda: Rio de Janeiro, 1995.
- BARROS, José D'Assunção. *O Campo da História: especialidades e abordagens*. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.
- _____. *O projeto de pesquisa em história*. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.
- BHABHA, Homi K, *O local da cultura*, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2005.
- BLACK, Edwin. *A guerra contra os fracos. a eugenia e a campanha norte-americana para criar uma raça superior* Editora A Girafa, 2003.
- BOTELHO, Paula, *Linguagem e Letramento na educação dos Surdos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- BORNE, Roseclélia Maria Malucelli, *Representações dos surdos em relação à surdez e implicações na interação social*, dissertação de mestrado da UTP, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2002
- CAMILLO, Camila Righi Medeiros. *A Avaliação como dispositivo pedagógico: capturas discursivas significadas no contexto da educação de surdos*. Dissertação de mestrado de Universidade federal de Santa Maria, Centro de Educação, programa de Pós graduação em educação, RS, 2008.
- CRESWELL, John, *Ethnographic Designs*, Education Research, Merrill – Prentice Hall, 2002.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 2002.
- DEL PRIORE, M. “O cotidiano livre da criança livre no Brasil...”. In: *História das Crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000.

DORIA, Ana Rímoli de Faria. *Compêdio de Educação da Criança Surdo-Muda*. Rio de Janeiro: 1958.

DORZIAT, Ana. *Deficiente Auditivo e Surdo: uma reflexão sobre as concepções subjacentes ao uso dos termos*.

http://www.geocities.com/flordepessegueiro/html/surdez/deficiente_auditivo_e_surdo.htm acessado 28/07/2002

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. *Estudos Culturais: uma introdução*. In SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *O que é afinal, Estudos Culturais?*, Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FELIPE, Tanya A., *Libras em Contexto – de estudante*”, Brasília: MEC, 2001.

FERNANDES, Sueli de F. *Surdez e Linguagem: é possível o diálogo entre as diferenças?* dissertação do mestrado, Curitiba: UFPR, 1998.

_____ *Educação Bilíngüe para surdos: identidades, diferenças, contradições e mistérios*. Tese de Doutorado, Curitiba: UFSC, 2003

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*, Petrópolis, Editora Vozes, 2005.

_____ *A Arqueologia do Saber*, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1997..

FREEMAN, Roger D., CARBIN, Clifton F., BOESE, Robert J. *Seu filho não escuta? Um guia para todos que lidam com crianças surdas*. Brasília, Gráfica Valci Editora Ltda, 1999.

FREIRE, Paulo. *Educação e Mudanças*. Rio de Janeiro: PAR e TERRA, 1979.

GANNON, Jack R. *Deaf Heritage: a Narrative History of Deaf America*. Estados Unidos, National Association The Deaf, 1981

GARCÊZ, Regiane Lucas de Oliveira. *Entre o silêncio e a visibilidade: A luta por reconhecimento da comunidade surda*, Anais do IV Internacional Sociedade Inclusiva PUC Minas - *Propostas e ações inclusivas: impasses e avanços*, Belo Horizonte 17 a 20 de outubro de 2006

GIACCARIA, Bartolomeu - *Ensaio - Pedagogia Xavante - Aprofundamento Antropológico - Missão salesiana de Mato Grosso* - Centro Gráfico Dom Bosco - FUCMT Campo grande - MS – 1990

GOELLNER, Silvana Vilodre. *A produção cultural do corpo*, in LOURO, Guacira Lopes, Neckel, Jane Felipe, Goellner, Silvana Vilodre (orgs) *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

HALL, Stuart, *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2004.

_____*A Centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais de nosso tempo*. In Revista Educação e Realidade: Cultura, Mídia e educação. V.22 nº3 julho-dez, 1997

_____*Da Diáspora Identidades e Mediações Culturais*, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003.

JOHNSON, Allan G. *Dicionário de Sociologia: guia prático de linguagem sociológica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor: 1997.

JUNIOR, Joel Barboza. www.diariodosurdo.com.br/entrevista/entrevistajoel.htm . acessado em: 17/04/2004.

KARNOPP, Lodenir Becker. *Diálogos traduzidos: leitura e escrita em comunidades de surdos*. In SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (org.) *Cultura, Poder e Educação - Um debate sobre estudos Culturais em Educação*. Canoas: Editora ULBRA, 2005.

LABORIT, Emmanuelle, *O vôo da Gaivota*. São Paulo: Ed. Best Seller, 1994.

LACERDA, Cristina B.F.de; NAKAMURA, Helenice e LIMA, Maria Cecília. *Fonoaudiologia: Surdez e abordagem bilíngüe*, São Paulo: Plexus Editora, 2000-a.

_____, GOES, Maria Cecília Rafael de (orgs). *Surdez: Processos Educativos e Subjetividade*. São Paulo: Lovise, 2000-b.

LANE, Harlan. *A Máscara da Benevolência: a comunidade surda amordaçada*. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

_____*When the Mind Hears: a history of the deaf*. Nova York: Vintage Books, 1989.

LARROSA, Jorge e SKLIAR, Carlos (org) *Habitantes de Babel Poética e política das diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LEAL, Maria de Fátima Pinto e CÉSAR, Maria Auxiliadora (org.). *Indicadores de violência intra-familiar e exploração sexual comercial de crianças e adolescentes*, CECRIA - Centro de Referência, Estudos e Ações Sobre Crianças e Adolescentes, Brasília, 1998.

LE GOFF, Jacques, TRUONG, Nicolas. *Uma história do corpo na Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LIMA, Raymundo de. “*Palmada Educa?*” Revista Espaço Acadêmico nº 42 / São Paulo Novembro de 2004, <http://www.espacoacademico.com.br/042/42lima.htm> acessado em 20/11/2005

LODI, Ana Cláudia Balieiro. *Plurilingüismo e surdez: uma leitura bakhtiniana da história da educação dos surdos*. Universidade Metodista de Piracicaba. Educ.Pesqui.vol.31 no.3.São Paulo. Sept./Dec. 2005

LOPES, Maura Corcini, “*A natureza Educável do surdo: a normalização surda no espaço da escola de surdos*” In THOMA, Adriana da Silva e LOPES, Maura Corcini (orgs), *A Invenção da Surdez: Cultura, alteridade, Identidade e Diferença no campo da educação*, Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2004.

MAIRE, Bernard lê. *Histoire des sourds em Belgique, em france et dans les autres pays*. Premiere partie. Paris: edition Centre Robert Dresse, 1995.

MATTELART, André NEVEU, Érick. *Introdução aos Estudos Culturais*. São Paulo: Parábola Editorial. 2004

MAZZOTTA, Marcos J.S. *Educação Especial no Brasil: História e políticas públicas*. São Paulo: Cortez Editor, 2001

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.) *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: VOZES, 1996.

_____ *Fala Galera: juventude, violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

MITTERRAND, François. *Lê Pouvoir des Signes*. Paris: Institut National de Jeunes Sourds de Paris, 1989.

MIRANDA, Wilson. *Comunidade dos Surdos: olhares sobre os contatos culturais*. Dissertação de Mestrado – UFRG/FACED – Porto Alegre, 2001.

MOODY, B. *La Langue des Signes*. Tome 1. Paris-France: Ed.Ellipses, 1983.

MOURA, Maria Cecília de. *História e Educação: o surdo, a oralidade e o uso de sinais*. In LOPES FILHO, Otacílio de C. *Tratado de Fonoaudiologia*.São Paulo: Roca, 1997.

_____ *O Surdo: caminhos para uma nova identidade*. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

_____ *O dia do Surdo*. in BADIN e PINTO, Cláudia Gisele. *Surdo sim, mas não mudo...* Revista Sentidos, ano 2, nº11, Novembro de 2002.

MÜLLER, Ana Cláudia. *Narrativas surdas: entre representações e traduções*. Dissertação de Mestrado. PUC- Rio de Janeiro, 2002.

PADDEN, Carol e HUMPHRIES, Tom. *Deaf in américa: voices from a culture*. Cambridge: Harvard University Press, 2000.

PEDROSA, Paulo Sérgio, "*Eugenia: o pesadelo genético do Século XX. Parte I: o início*", MONTFORT Associação Cultural,
Fonte: <http://www.montfort.org.br/index.php?secao=veritas&subsecao=ciencia&artigo=eugenia1&lang=bra> acessado em 20/02/2006

PERLIN, Gládis T.T. *Identidades surdas*. In Skliar Carlos (org.) *A Surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998

_____ *Identidade Surda e Currículo*, in LACERDA, Cristina Broglia F. e GOES, Maria Cecília Rafael de (orgs). *Surdez: Processos Educativos e Subjetividade*. São Paulo: Lovise, 2000.

_____ *Educação Bilíngüe para surdos: identidades, diferenças, contradições e mistérios*. Tese de Doutorado, Curitiba: UFSC, 2003.

_____ e MIRANDA, WILSON. *Surdos: o Narrar e a Política* In Estudos Surdos – Ponto de Vista: Revista de Educação e Processos Inclusivos nº 5, UFSC/ NUP/CED, Florianópolis, 2003.

_____ *O Lugar da Cultura Surda*, In THOMA, Adriana da Silva e LOPES, Maura Corcini (orgs), *A Invenção da Surdez: Cultura, alteridade, Identidade e Diferença no campo da educação*, Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2004

PIMENTA, Nelson. Entrevista. Revista Espaço, nº 11, Rio de Janeiro: Junho de 1999.

PINTO, Patrícia Luiza Ferreira. *Identidade cultural surda na diversidade brasileira*. Revista Espaço nº 16, Rio de Janeiro: Dezembro de 2001.

PERELLÓ, Dr. Jorge e TORTOSA, Francisco. *Surdomudez*. Lisboa: Editorial Científico Medica, 1968. (acervo INES)

PESAVENTO, Sandra J.; *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

QUADROS, Ronice. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*, Porto Alegre: Artes Médicas, 1997

_____ e KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de Sinais Brasileira: estudos lingüísticos*. São Paulo: ARTMED Editora, 2004.

QUIRÓS, J. Bernaldo de e GUELER, F.S. de. *La Comunicación humana y su patología: Ensayo histórico hasta 1900*. Buenos Aires, Argentina: Casa Ares, 1966. (acervo INES)

RADUTZKY, Elena. *Dizionario bilíngüe elementare della língua italiana dei segni*, Roma, Itália, Edizioni Kappa, 1992.

RAMOS, Clélia Regina. *A diferença entre surdo e surdo-mudo*.
<http://www.diariodosurdo.com.br/noticiantiga/noticia37.htm> / acessado em:
06/10/2005

RÉE, Jonathan, *Os deficientes auditivos são uma nação a parte?*, Inglaterra, 2005.
fonte:<http://www.sentidos.com.br/canais/materia.asp?codpag=7809&codtipo=1&subcat=31&canal=visao> acessado em 17/03/2005

ROCHA, Everardo. *O Que É Etnocentrismo?* Editora Brasiliense, 1984.

ROCHA, Solange. *Histórico do INES*. Revista Espaço: edição comemorativa 140 anos – INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos, Belo Horizonte: Editora Littera, 1997.

RICOU, Miguel e NUNES, Rui. *Comunidade Surda: Que futuro?* Texto de Conferência do Departamento de Bioética e Ética Médica da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto no Seminário organizado pela ASPorto em 5 de Maio de 2001.
http://www.feneis.org.br/Libras/portugal/comunidade_futuro.htm

SÁ, Nídia Regina Limeira de, *Cultura, Poder e Educação de Surdos*. Manaus: INEP, 2002.

_____. *Os Estudos Surdos*. 2004.
www.feneis.org.br/educacao/artigos_pesquisas/estudos_surdos.htm acessado em
20/11/2005

SACKS, Oliver. *Vendo Vozes: Uma jornada pelo mundo dos surdos*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1990.

SANCHES, Carlos M. *La increíble y triste história de la sordera*. Venezuela, 1990.

SANTANA, Ana Paula e BERGAMO, Alexandre. *Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas*. Educ. Soc. Campinas, vol. 26, n.91, p.565-582, maio/ago,2005. Site: Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>, acessado: 14/05/2008.

SASSAKI, R. K. *Terminologia sobre deficiência na era da inclusão*. In: *Mídia e deficiência*, Brasília: Agência de Notícias dos Direitos da Infância e Fundação Banco do Brasil, 203, p. 160-165.

SILVA, Tomás Tadeu da, *Teoria Cultural e Educação: Um vocabulário Crítico*, Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2000-a.

_____ *O que é afinal, Estudos Culturais?* , Belo Horizonte: Autêntica, 2000-b.

_____ *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.* Petrópolis: Editora Vozes. 2000 - c

_____ *Currículo e Identidade social: territórios contestados.* In: Alienígenas na sala de aula. Tomaz Tadeu Silva (org.). Petrópolis/RJ: Vozes, 2003.

SILVA, Otto Marques de. *Atitudes Face a Pessoas com Deficiência nas Culturas Primitivas de Ontem e de Hoje.* <http://www.crfaster.com.br/Atitudes.htm>. acessado em 15.04.2006.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. *Discurso, Escola e Cultura: breve roteiro para pensar narrativas que circundam e constituem a educação.* In SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (org.) *Cultura, Poder e Educação - Um debate sobre estudos Culturais em Educação.* Canoas: Editora ULBRA, 2005.

SKLIAR, Carlos, *Educação & exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial.* Porto Alegre: Editora Mediação, 1997-a

_____ *La educación de los sordos – Una reconstrucción histórica, cognitiva y pedagógica.* Mendoza: EDIUNC, 1997 - b

_____ *A Surdez: um olhar sobre as diferenças.* Porto Alegre: Editora Mediação, 1998-a.

_____ *A forma visual de entender o mundo.* In *Educação para todos . Revista especial, SEED/DEE* Curitiba, Editora Expediente, 1998-b

_____ *A Invenção e a Exclusão da Alteridade “Deficiente” a partir dos significados da normalidade.* In *Revista Educação & Realidade* V24 n.2 , Porto Alegre, 1999.

SOARES, Maria Aparecida leite. *A Educação do Surdo no Brasil.* Campinas, SP: Autores Associados, EDUSF, 1999.

SOUZAKOFF, Sharon Ann *History of Deaf Holocaust Victims.* 1994
<http://www.jdcc.org/mayjun/art1.htm>, acessado em 20/11/2004

SOUZA, Regina Maria de. *Que palavra que te falta? Lingüística, educação e surdez.* São Paulo: Martins Fontes, 1998.

STERNBERG, Robert J. e GRIGORENKO, Elena L. *Crianças Rotuladas,* Porto Alegre: Artmed, 2003.

STRNADOVÁ, Vera. *Como é ser Surdo.* Petrópolis: Editora babel, 2000.

STROBEL, Karin Lilian. *Os desafios da inclusão: uma experiência pessoal*. Rio de Janeiro, Revista da Feneis nº 9, 2001.

_____ Memorial - Normativas para a introdução a dissertação/tese, UFSC, 2004.

_____ *A visão histórica da in(ex)clusão dos surdos nas escolas*. ETD - Educação Temática Digital, vol.7, nº2: 2006.

Site: <http://143.106.58.55/revista/viewarticle.php?id=125&layout=abstract> acessado em: 13/12/2006.

_____ *História dos Surdos: representações 'mascaradas' das identidades surdas*, in QUADROS, Ronice Muller e PERLIN, Gladis (orgs). *Estudos Surdos II*, Petrópolis-RJ: Editora Arara Azul, 2007.

_____ *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Editora UFSC, 2008a.

_____ *História de educação dos surdos*, Apostila elaborada para disciplina de curso de Licenciatura de Letras/Libras, UFSC, Florianópolis, 2008b.

SVARTHOLM, Kristina, *Aquisição de Segunda Língua por Surdos*. Rio de Janeiro, Revista Espaço nº 9, 1998.

TAKAHASHI, Luciene. Jornal Hoje em Dia, Belo Horizonte, 26/09/1999, Domingo. Caderno das Reportagens.

THOMA, Adriana da Silva. *A inversão epistemológica da anormalidade surda na pedagogia do cinema*, In THOMA, Adriana da Silva e LOPES, Maura Corcini (orgs), *A Invenção da Surdez: Cultura, alteridade, Identidade e Diferença no campo da educação*, Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2004.

TRAMONTE, Cristiana. *Práticas de educação intercultural e comunitária das religiões afro-brasileiras em santa Catarina* Revista Os Urbanistas, ano 1, nº1, julho de 2004.

VILHALVA, Shirley, “*Por uma pedagogia surda*” www.tveregional.com.br, acessado em 8/06/2004

_____ *Recortes de uma Vida: Descobrindo o Amanhã*. Campo Grande/MS: Gráfica e papelaria Brasília, 2001.

WALLIS, Lars, *Os surdos e o bilingüismo*. Rio de Janeiro, Boletim 5, Geles – grupo de estudos sobre linguagem, educação e surdez, UFRJ, 1990.

WIDELL, Joanna *As fases históricas da cultura surda*, Revista GELES – Grupo de Estudos Sobre Linguagem, Educação e Surdez nº 6 – Ano 5 UFSC- Rio de Janeiro: Editora Babel, 1992.

WIKIPÉDIA, <http://pt.wikipedia.org/wiki/Surdez>. Acessado 22/04/2006.

WILCOX, Sherman e WILCOX Phyllis Perrin. *Aprender a ver*. Rio de Janeiro: Editora Arara Azul, 2005.

WOODWARD, Kathryn, *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*, in SILVA, Tomas Tadeu da (org), *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Editora Vozes. 2000.

WRIGLEY, Oliver, *Política da Surdez*, Washington: Gallaudet University Press, 1996.

ZOVICO, Neivaldo. *Fique por dentro* in BADIN e PINTO, Cláudia Gisele. *Surdo sim, mas não mudo...* Revista Sentidos, ano 2, nº11, Novembro de 2002.

ANEXOS:

Traduções das narrativas surdas:

1. Carla

Eu tinha 9 anos quando fui com minha mãe na escola EDEFA fazer uma visita, tinham muitas crianças lá, meninas e meninos agrupados e misturados lá.

Era uma escola severa, não trabalhava muito com a fala, somente na escolaridade.

Não podíamos conversar com liberdade lá, todas as crianças tinham que ficar quietas e paradas.

Não podíamos usar blusas de mangas curtas, só compridas, saias curtas nem pensar, somente bem abaixo dos joelhos.

O professor Paul, o sinal dele era assim, né? (descreveu o sinal perguntando ao surdo ao lado).

O prof. Paul ficava lá na frente ensinando para nós. Quando a dona Frida saía para fazer compras ou pagamentos, o professor “mexia” nas meninas, que feio.

(Perguntei, como?)

O professor abaixava o espelho no chão para ver por baixo das saias das meninas. Sim, o professor mexia nas meninas, meninas de 9, 10 e 11 anos. Somente as meninas, os meninos ficavam somente observando e riam, pois eles próprios também não entendiam muito que acontecia lá.

O professor Paul abria o zíper da calça e mostrava o seu pênis às crianças surdas, todos viram.

Também beijava na boca e nos rostos.

Quanto o prof. Paul queria “mexer” em mim, eu mordida o braço dele, eu era louca, muito braba e revoltada. Ficava muito nervosa e chorava muito.

Sabe a Ivone? Conhece? Surda que mora Londrina, sabe?

O prof. Paul gostava mais dela, “mexia” muito nela, o professor a ajudava nas provas e ela sempre passava com notas boas, já eu reprovava, tinha notas sempre baixas, tirava sempre zero nas provas durante 1ª, 2ª, 3ª e 4ª série.

Estudei lá em EDEFA com 10, 11, 12 e 13 anos, depois parei e mudei de escola, fui para outra escola de surdos. Só isto.

Prendiam e nos deixavam de castigo sempre e por qualquer motivo.

(Como eram estes castigos?)

Embaixo da escada tinha uma espécie de espaço fechado igual a um armário, trancavam a gente lá no escuro durante o dia todo e a gente ficava até sem almoço. E quando já era tarde, mais ou menos às 17 horas, ela nos liberava.

Era um ambiente escuro e vazio. A gente ficava sentada no chão; Eu chorava muito, muito, muito, até fiquei doente e vomitava muito por causa do nervosismo, porque além de prender, ela também surrava muito.

A dona Frida batia na gente com uma vareta fina que machucava muito, doía muito, principalmente nas pernas.

(vareta? Como?)

É uma vareta de couro, igual a esta bolsa (mostrou a alça de bolsa), comprida e vermelha.

Dona Frida também beliscava muito nas muitas partes do corpo e puxava com força as orelhas e doía muito, pra caramba.

Eu sofria muito, a gente achava a dona Frida perigosa para nós.

A dona Frida pegava a nossa cabeça e batia, também batia a nossa testa em cima de nossa mesa da escola, a mesa era muito dura e doía nossa cabeça.

Nós morriamos de medo dela, porque ela batia e surrava muito a gente.

Na hora do banho, havia uma banheira cheia de água. Nós formávamos uma fila pra ir tomar banho, um por um. Só que era a mesma água. No final a água fedia muito, pois usavam a mesma água pra todos e éramos em muitos.

Nós formávamos uma fila pra ir tomar banho, um por um na mesma água, nossa como tinha mau cheiro no final. Não trocavam a água nunca.

(por que motivo a dona Frida batia e surrava vocês?)

Qualquer coisa era pretexto para dona Frida bater ou surrar, por exemplo: se a gente virava a cabeça para ver atrás, ela batia.

Sabe, uma vez derrubei o tinteiro de caneta no chão, depois de bater em mim a dona Frida me obrigou a esfregar o chão e depois a lixar o chão, eu lixava com muita força até formar muitos calos nas mãos, como eu sofria.

Ah, a dona Frida também nos pegava pelos cabelos e batia a cabeça na parede, como doía.

Quando a gente tinha vontade de tomar água ela não deixava, era proibido, mesmo que a nossa garganta ficasse seca e não agüentasse de tanta sede, não podíamos tomar água.

Também ir ao banheiro era proibido, ir várias vezes ao banheiro não podia. A gente fazia sinal de banheiro (sinal diferente de Libras e nos mostrou), mas a dona Frida dizia sempre “não”

Eu ficava apurada, não agüentava e então fazia xixi na calcinha, molhava as minhas pernas e a dona Frida deixava assim. Pois não podia ir e voltar do banheiro várias vezes, ela permitia só uma vez durante o dia todo.

A dona Frida batia muito forte e a gente sofria.

Na EDEFA tinha a Dona Frida, o professor Paul e mais um homem chefe. Tinham três salas de aula.

(qual era o método de ensino que EDEFA utilizava com vocês?)

Nós não aprendíamos nada, só copiávamos, era sempre cópia, cópia, cópias, não nos ensinavam nada, eles falavam, falavam e nós não entendíamos.

Também havia aula de bordado.

Era tudo muito repetitivo.

Faziam a gente copiar o “a-e-i-o-u” usando a régua como suporte (como se fosse linha) e escrevíamos.

Copiávamos em muitas páginas, muitas páginas de caderno. Escrevíamos o “a-e-i-o-u” sempre igual em imensas páginas de cadernos.

No alojamento era tudo misturado, meninas junto com os meninos.

Eu chorava muito lá, fugia muito, porque o professor Paul “mexia” muito em mim e eu tinha medo dele.

Eu contava para minha mãe muitas vezes que o professor Paul era muito ruim, que mexia no meu corpo, que levantava a minha saia e eu dizia sempre não, não.

A minha mãe não acreditava, achou que era tudo mentira minha, afinal sou surda.

Chorava todos os dias e contava a minha mãe:

O prof. Paul “mexia”, não só em mim, mas também em outras meninas surdas. Ele me beijava, mas eu desviava o rosto, empurrava-o desviando dos abraços fortes dele e mordida ele.

Eu contava para minha mãe muitas vezes, mas ela não acreditava, achava que era tudo mentira. Até que um dia eu tive a sorte de que meu pai descobrisse a verdade.

Meu pai sempre ia me buscar às 17 horas na EDEFA, não era interna como outras, e um dia ele resolveu vir mais cedo, veio pra EDEFA às 16 horas.

Ele bateu na porta, mas ninguém veio atender, então ele abriu a porta, entrou e viu o professor Paul me agarrando, me abraçando de forma muito suspeita e eu empurrando ele chorando. Ele gostava de me abraçar com força e tentar dar beijo forçado, eu não queria e desviava o rosto.

Foi neste momento que apareceu o meu pai, o prof. Paul tremeu e meu pai me pegou chorando, eu peguei o meu material e coloquei na mala. Meu pai estava com a fisionomia bem carrancuda e me levou embora.

Meu pai me levou para a casa. Depois, com o meu irmão, combinou de voltar na EDEFA para conversar com a dona Frida. A dona Frida disse que era mentira minha, mas meu pai disse que tinha visto tudo, que o prof. Paul me abraçou de forma muito íntima, isto foi sorte minha, porque já estava com 13 anos. Então parei de estudar na EDEFA e fui para outra escola de surdos.

Sabe, você conhece a surda Silmara? Foi ela quem me informou sobre esta outra nova escola de surdos, então comecei estudar lá com 14 anos.

Esta nova escola de surdos era de freiras, mais educada e diferente da EDEFA. Fiquei admirada lá! No começo eu tinha medo porque estava acostumada com a EDEFA, pois lá na EDEFA eu vivia sempre com medo, medo, medo. Todos os anos que estudei na EDEFA eu sempre tive medo, medo de surras, de castigos, de sofrimentos e do prof. Paul. Vivia sempre fugindo e me escondendo dentro do armário. Com muito medo.

A dona Frida me surrava nas costas, pernas e em todo o corpo. Eu ficava com muito medo.

Ela me batia porque eu conversava em língua de sinais, era proibida a conversa, então ela batia em mim.

A dona Frida era muito rígida e eu ficava com medo. Não podia sentar com a perna entreaberta, tinha que fechar bem as pernas, se abrisse uns centímetros as pernas ela então me batia.

Se apoiar o cotovelo na mesa para descansar a cabeça, era punida, pois tinha que ficar de braços cruzados.

A dona Frida gostava de tudo “certinho” e eu sofria muito com isto, com muitas punições, surras e puxões de orelhas.

A Lílian... Lembra da Lílian? (Virou para o surdo ao lado perguntando) A Lílian fugiu para bem longe da EDEFA porque ela era muito punida, isto fez com que ela ficasse com vontade de fugir, ela então pulou o muro da EDEFA e fugiu.

A dona Frida avisou a polícia que procurou a Lílian e, quando a trouxeram, eu vi a dona Frida pegar a Lílian e bater com a cabeça no chão. Eu fiquei muito assustada.

A Lílian ficou toda roxa na testa e no olho, o olho inchou e deformou o rosto. Ela ficou assim por causa das batidas no chão e das surras. A Lílian não deveria fugir, pois as surras dobraram para ela.

Eu ficava com medo, de braços cruzados e bem quietinha. Como fui fraca!

Eu era muito nervosa e vomitava muito, era muito assustada porque vivia com medo e isto me fazia ficar doente e vomitar.

A dona Frida colocava vinagre em uma mistura de leite, eu sentia ânsia e vomitava muito.

Os meninos e as meninas ficavam no mesmo quarto, dormiam lá assim, tudo misturado e todos viam todos pelados.

Na aula, na mesa de professor, o Professor Paul ficava sentado quietinho e comportado, mas quando a dona Frida saía para fazer compras ou pagamentos na cidade, e isto era muito freqüente, o professor Paul pegava uma menina e levava para cima e a gente ficava esperando no suspense pra saber o que faziam lá. Depois eles voltavam.

No dia seguinte era feita a mesma coisa, só que com outra menina diferente.

Todos os dias eram sempre iguais.

Isto era mantido em segredo, porque o professor Paul ajudava as meninas nas provas e eu via tudo.

Sabe a Ivone? Ela era a “campeã” de escolhas do professor, subia com ele todos os dias, subia, subia, subia com ele.

Um dia eu combinei com outros alunos de ir espiar o que estavam fazendo lá em cima. Nós subimos as escadas, por sorte a dona Frida saiu e não nos viu, subimos silenciosamente a escada e vimos através da porta entreaberta os dois nus, a menina Ivone e o professor Paul. Verdade! Eu vi tudo!

A Ivone tem a mesma idade que eu, ela tinha nove anos. O prof. Paul tinha mais ou menos 30 anos, já era homem feito, como professor.

Nunca aconteceu isto comigo porque fui rebelde, eu empurrava e mordida o professor Paul. Eu era muito braba, achavam que eu era louca porque eu era muito braba.

A Ivone era muito calma e boazinha e por isto o professor Paul aproveitava muito dela, a Ivone sempre tirava notas boas nas provas porque o prof. Paul a ajudava. E eu reprovava sempre junto com o resto das meninas que recusavam o prof. Paul, pois o ensino lá era péssimo e não aprendíamos nada, tudo “zero”.

Quando ocorreu o incêndio na EDEFA, eu já tinha saído, que sorte!

Tiveram muitos surdos que “piraram”. Antes, quando vinham pra escola no início, eram espertos e conversavam com a gente, depois de tantas batidas e surras ficaram bobos.

Lembra do outro surdo? (falou com o colega surdo o lado, dizendo o sinal de surdo), ele sofria igual à Lílian.

Era esperto e conversava com a gente, depois de tantas batidas e surras ficaram menos inteligentes. Ele era legal e inteligente quando era pequeno, agora já adulto, ele tem problema na cabeça.

Outro surdo, também houve a mesma coisa, agora ele sempre vai ao hospital, tem problemas psicológicos por causa dos traumas, dona Frida batia muito nele. Hoje ele toma muitos medicamentos.

(perguntei se havia algo de alegre para contar)

Não, eu vivia com medo de lá, e só quando era hora de ir para casa é que eu ficava alegre.

Pois não tinha vontade de ficar na EDEFA e com a dona Frida.

Que eu lembre, nada lá dentro foi alegre, nada.

Só havia surras e sofrimentos, não havia alegria.

Era igual a Hitler, no nazismo na Alemanha.

Lá no quintal havia muitas árvores e durante o recreio, nós brincávamos e nos reuníamos lá, longe dos olhares da Dona Frida e do professor Paul, era um momento só nosso e era uma alegria maravilhosa! Quando voltávamos à sala ficávamos tristes de novo.

Lembro que brincava muito de esconde-esconde, era muito gostoso e alegre e a aula era muito ruim. Nós também brincávamos de roda, era alegria!

Eu não dormia lá no internato IR da dona Frida.

Eles dormiam lá, eu não.

Tinha dias que dona Frida nos levava para o dentista.

Dona Frida mandava o dentista tirar todos os meus dentes de baixo, por isto hoje uso prótese dentária.

O dentista era gratuito, de governo.

A dona Frida nos levava ao centro, e lá havia um prédio alto com elevadores.

Ela me levava ao dentista para tirar todos os meus dentes, eu tinha 11 e 12 anos. Ele tirou todos os meus dentes sem necessidade, depois não cresceram mais e agora uso prótese dentária.

Dona Frida tinha uma chácara bem longe, com terreno bem grande. Todos nós íamos dentro de um ônibus especial.

Íamos para trabalhar na lavoura e plantar milho.

Nós tínhamos que mexer a terra e colocar sementes no meio de um sol muito forte. Eu sofria muito de cansaço, ficava doente e vomitava.

Revirava a terra para deixá-la fofa com uma enxada enquanto outra menina colocava as sementes nos buracos e depois os fechava. Isto em fileiras enormes.

E os milhos cresciam grandes.

Nós sofríamos porque o sol era muito forte.

Eu pegava o cocô de boi num balde e colocava na terra.

Eu tinha ânsia e nojo porque era muito fétido, não aguentava o cheiro e tinha vontade de vomitar.

(o colega pergunta, foi na casa de dona Frida?)

Não, era fora, em uma chácara longe, no mato.

Pegava o coco de boi com uma pá e levava. Sentia ânsia e nojo, o cheiro era terrível e sentia o estomago revirar.

Mas isto fez o milho crescer bonito.

Eu tive muitos calos nas mãos, cheio de bolhas de água nas palmas das mãos.

Às vezes estourava a bolha e saia água, ficava em feridas. Doía muito e eu chorava muito.

Mostrei para minha mãe que se assustou e perguntou o porque?

Eu disse que era da enxada, ela ficou brava e foi brigar com dona Frida.

Dona Frida disse que era mentira minha, que não me levou para a chácara, não sabia de nenhuma enxada, não sabia por que eu tinha aquelas feridas nas mãos e que eu era muito fantasiosa.

Eu chorava muito porque a mamãe não acreditava.

Lembro que todas as sextas-feiras a dona Frida nos levava pra chácara.

Ficava o dia inteiro no sol

Eu chorava, não queria ir

Voltava às 16 horas, antes de meu pai vir me buscar às 17 horas.

Meu pai não percebia.

Eu ficava com calos nas mãos e o rosto queimado do sol. Fiquei muito doente.

A família não sabia o porquê eu ficava sempre doente.

Voltando naquele assunto de quando eu tinha 13 anos, quando meu pai descobriu ao abrir a porta que o prof. Paul era tarado por crianças, e que ele estava me agarrando.

Papai ficou muito zangado e me levou embora.

Eu peguei meu material e coloquei na mala, chorando muito eu fui com ele.

O meu pai tinha um jipe, eu sentei ao lado dele chorando. Meu pai dirigiu até em casa com fisionomia séria, zangado e pensativo.

Ao chegar em nossa casa, minha mãe percebeu algo errado, ficou preocupada e perguntou: o que aconteceu? Expliquei que meu pai abriu a porta e viu o professor Paul me agarrando e me beijando.

A mamãe não acreditou e olhou.

O papai conversou com a mamãe e eu olhava para os dois sem entender nada, chorando muito.

Depois meu pai chamou meu irmão.

Papai estava armado na época, verdade!

Meu pai tinha um revólver que colocava no coldre debaixo do braço.

Junto com o meu irmão, o papai armado foi a EDEFA, pediu para chamar o prof. Paul.

O prof. Paul ficou com medo, fugiu e se escondeu.

A dona Frida foi conversar com o papai, papai disse o professor Paul abusou da minha filha.

Papai pediu pra dona Frida chamar o prof. Paul, mas ele não apareceu por estar com medo.

Papai brigou com dona Frida e nunca mais voltei a estudar lá na EDEFA. Fui embora e fiquei muito feliz!

A dona Frida e EDEFA acabaram para mim.

Depois que eu saí da EDEFA, aprendi a ser calma, porque lá na dona Frida eu vivia sempre com medo.

Fiquei na EDEFA, com dona Frida, durante 5 anos, dos 9 até 13 anos.

Eu rasguei todo o material da época de EDEFA e de dona Frida. Cadernos, tudo. Porque não quero ter como lembranças. Foi uma época ruim.

Apenas tenho fotos, igual a estas que o Augusto trouxe.

Lá na escola da dona Frida era mais ou menos sujo.

Tinha uma casinha de madeira fora que era o banheiro, estava acumulado de cocô, era terrível o cheiro, estava entupido e cheio de moscas. Era horrível o cheiro.

Tinha que cortar tiras de papel, dobrar e colocar na palma das mãos e soprar.

Todos os dias havia “exercícios de sopro”, colocar o papel dobrado na palma de mão e dizer “baaaa-baaaa-baaaa”

Repetia sempre e eu ficava com muita dor de garganta.

Se não conseguia dizer “baaaa-baaaa-baaaa” com sopro corretamente, eu levava puxão de orelha.

Se o papel caísse, eu tinha soprado corretamente.

Se não conseguisse de novo, era outra vez puxão de orelha.

Todos os dias o procedimento era sempre igual.

Verdade!

O professor Paul abria o zíper da calça na frente de todas as crianças surdas e mostrava o pênis, era enooooorme. (mostrou o tamanho com os sinais, uns 20 centímetros)

Agora o professor Paul fugiu e sumiu, ninguém sabe onde ele está.

A dona Frida já morreu há muito tempo atrás.

Eu falei para mamãe que o prof. Paul mostrou o pênis.

“Que feio!” durante aula ele fez, mostrou o pênis.

É porque lá na IR, tinha muitas meninas e poucos meninos, só alguns meninos.

O professor Paul só abusava das meninas bonitas, só. Não mexia nos meninos.

O prof. Paul e a dona Frida dormiam juntos, a Lílian viu, eu vi, a Ivone viu.

A dona Frida não aproveitava sexualmente das crianças e nem dos meninos. Ela tinha uma educação rígida.

A dona Frida tinha mania de coçar a própria bunda e todos os alunos surdos riam escondido. Ela fazia isto todos os dias.

Nós crianças surdas usávamos língua de sinais, porque não tínhamos fala, ninguém sabiam falar.

Era só escrever, escrever, escrever, tudo cópia, tudo muito mecânico. Tudo sempre igual.

A gente aprendia muito bordado, ponto cruz, pinturas e tranças. Minha mãe foi lá ensinar os surdos a fazerem tranças, quando ela ia, lá dentro era tudo comportado, sem surras, mas quando minha mãe ia embora, voltava as muitas surras. O prof. Paul também se comportava na presença de minha mãe.

Por isto minha mãe não sabia e não acreditava de mim.

Quando eu era pequena, fui obrigada a pintar toda a prateleira de livros de dona Frida.

Também pintava, nos vasos de porcelana, pinturas de flores. Muitos vasos.

De vez em quando, quando eu me lembro, choro muito, mas depois passa.

Eu era muito boa em artes manuais, bordados, pinturas em porcelanas, pinturas de tecidos, tricô, tranças e tudo.

Trabalhos manuais eram aprendidos junto com as disciplinas da EDEFA.

Dona Frida proibia meninas usarem calças, nós tínhamos que usar saias compridas, abaixo do joelho, morríamos de frio no inverno. Não podíamos usar meia-calça, só meia curta.

Não podíamos usar blusas sem manga, só manga curta ou comprida.

Uma vez fui na EDEFA de calça e blusa sem manga, a dona Frida me colocou de castigo dentro do “porão” debaixo da escada, eu batia na porta no escuro, chorava e implorava o dia todo. A dona Frida disse que eu tinha que aprender.

E no dia seguinte eu vim de blusa com manga e de saia

2. Mônica

Lembro da água suja do banheiro, água preta.

Eu lembro que alguém derrubou tinta da mesa e deduraram para dona Frida dizendo que fui eu e ela me bateu com força, eu não entendia porque recebia este castigo porque era muito pequena, tinha 4 anos na época.

Dona Frida batia na minha cabeça, pegava meus cabelos e sacudia, eu ficava sempre de castigo. Pegava no cabelo e batia muito, com força, eu não fazia nada, mas mesmo assim ela batia e doía muito no cabelo. Eu usava rabo-de-cavalo e ela puxava e sacudia.

Eu ficava de castigo sempre sozinha.

Em sala de aula eu não fazia nada, com braços para trás eu ficava quietinha, pois eu era muito nova.

Têm muitas coisas que eu não recordo porque eu era muito pequena.

No almoço, quanto eu comia, se eu não gostava da comida dona Frida obrigava-me a comer.

Era uma mesa comprida, dona Frida ficava na ponta, eu sentava ao lado dela porque era menor, eu não podia colocar braços na mesa só os pulsos encostados em borda de mesa. Era proibido colocar braços na mesa ao lado de prato.

Eu não queria comer, emburrava o prato. Dona Frida me mandava ir dormir sem comer nada, ela era muito ruim. Quanto ela colocava prato na minha frente, eu não me sentia bem de saúde e vomitava em cima de prato. Quando eu vomitei, dona Frida dizia: “coma!” eu vomitava de

novo e dizia que não queria. Se eu não comesse, ela deixava o prato com comida intacta junto com vomito e deixava perto da janela. A noite ela me oferecia o mesmo prato e mandava-me comer e com a minha recusa ela me mandou ir dormir sem almoço e sem jantar.

Era proibido beber água, eu tinha muita vontade de beber água porque tinha vomitado, mas não podia.

Lembro-me que a noite, mais ou menos a partir das sete horas, eu estava quietinha no meu cantinho quando apareceu um menino que tinha fugido. Ele apareceu depois da fuga. Dona Frida trouxe o menino e o surrou tanto porque ele fugiu e era proibido. Eu fiquei muito assustada e com medo dela. Eu via tudo acontecer e recordo muito em especial desta situação, depois de muita surra com uma vareta bem forte ela levou o menino embora, daí não vi o que aconteceu depois. Mais tarde, não me lembro da hora, todos nós, as crianças surdas, íamos ao dormitório lá em cima para dormir. Estávamos subindo pela escada e ficamos surpresos, vimos o mesmo menino na ponta de cima de escada. Sabe o corrimão? O menino estava acorrentado com os braços atrás no corrimão e ficamos todos assustados. O menino estava com semblante muito triste e com a cabeça cabisbaixa. Nós olhávamos curiosos e assustados entrando no quarto. No dia seguinte, ao acordarmos pela manhã, ele ainda estava lá preso de pé e acorrentado ao corrimão. Isto me marcou muito, nunca me esqueço disto, até hoje. Não lembro quem era ele, nunca mais o vi.

Meu pai me trouxe pela primeira vez à EDEFA porque a minha família morava em ponta grossa – PR. Meu pai me trouxe pra EDEFA para eu dormir lá e ir embora. Eu não queria ficar na EDEFA, chorava muito, mas meu pai se foi e me deixou lá.

Durante as aulas eu não aprendia nada. Eu sentava à mesa com a dona Frida e copiava as frases completas. Eu tinha somente quatro anos e não conseguia. Ela escrevia frases muito compridas e eu nem sabia o ‘a-e-i-o-u’, eu não sabia o que fazer. Dona Frida me mandava copiar, eu não queria porque não sabia. Então a dona Frida ficou brava, rasgou todos os meus cadernos e me deu zero. A verdade é que eu não sabia e não entendia porque ela me mandava fazer isto, achava a dona Frida louca e isto me dava medo.

Lembro que estavam na EDEFA: a dona Frida, professor Paul e mais uma senhora que não lembro bem quem era, acho que pode ser a mãe de dona Frida. O professor Paul não foi meu professor.

Nunca aprendi nada lá na EDEFA, nunca me ensinaram a escrever e a ler. Lá eu não fazia nada e tirava sempre zero. Os outros tiveram mais sorte, aprenderam ‘a-e-i-o-u’ e eu nada. Eu escrevia muito no quadro sem entender nada e rasgavam o meu caderno. Porque davam ‘a-e-i-o-u’ para eles e não para mim? Para mim foram frases compridas sendo que eu era muito pequena, por quê?

Eu observava tudo, os meninos e as meninas dormiam no mesmo quarto. Eu dormia junto com a dona Frida e eu tinha medo.

Eu não via muita coisa sobre abuso sexual porque era muito pequena para entender e ficava sempre junto com a dona Frida.

A vida lá era igual na Alemanha, com o nazismo. A dona Frida era igual ao Hitler.

Tomava banho na mesma água na banheira, lembro disto porque era a mais nova e primeira da fila e sempre ia tomar banho na água limpinha. Depois no fim da fila, quando eu fui ao banheiro fazer xixi e eu vi a banheira, a água estava muito preta. Fiquei admirada e tentava entender “como?”, antes era limpa e depois preta, como? Hoje recordo e compreendo melhor, que havia fila para tomar banho na mesma água. Quando era pequena não entendia, mas agora que amadureci, comecei a compreender o motivo de água ficar preta.

Sobre o incêndio, eu não sabia de nada, já tinha saído.

Se houve mortes ou hospitalizados. Não lembro realmente, pois era muito pequena.

Lembro também que tomei banho uma vez e queria mais, ela dizia: amanhã, amanhã, amanhã, amanhã! Os dias passavam e não lembro se o banho era repetido. Só sei que era muito raro o banho e sentia falta disto.

Muitas vezes queria brincar e era proibido. Os outros alunos brincavam lá no quintal e eu não podia ir junto, não sei o porquê. Não sei por que não podia dormir com eles e nem brincar lá fora. Queria muito conhecer eles e aproveitar disto, mas era proibido. Eu via que tinham muitas crianças lá, mas não podia ter contato com elas, pois a dona Frida não deixava.

Lembro-me do dentista. Dona Frida me pegava e me levava pela rua. Eu acompanhava sem compreender onde ela me levava. Dona Frida mandou o dentista arrancar os meus dentes e eu não entendia o porquê, não sentia dores e nem dentes moles. O dentista concordou e escolheu qualquer dente e tirou. Eu chorava muito de dor, pois tirava sem anestesia. Porque o dentista tirou o meu dente? Não doía. Mais tarde eu compreendi e soube que a dona Frida ganhava dinheiro com isto. Era mentira o papo de eu precisar de dentista, meu dente estava bem e não doía, dona Frida fez isto por causa de dinheiro. Não me lembro do local do dentista, só lembro-me do jeito do homem tirar o meu dente sem anestesia que me fez chorar muito.

Meu pai e minha mãe vieram me buscar na EDEFA. A dona Frida me levou até eles na sala segurando a minha mão. Quando eu os vi, me alegrei e queria abraçá-los. Meu pai disse: “Esta não é minha filha, minha filha é outra”. Eu continuava querendo abraçá-los! Dona Frida respondeu que era a filha deles sim, meus pais estranharam porque eu estava muito magra, muito diferente de quando eles me deixaram lá. Meu pai estranhou, mas eu o abracei alegremente porque eu o reconheci, é claro! Fiquei muito feliz quando fui embora, saindo na rua com ele me segurando pela mão. Então ele me colocou no colo no ônibus durante a viagem de volta à minha cidade, depois não me lembro de nada, acho que desmaiei. Quando acordei, estava na casa da vovó com roupa trocada e limpa. Mais tarde minha mãe me contou que eu quase morri e com isto eu nunca mais voltei lá para a EDEFA.

Lembro de uma coisa, estava na mesa sem fazer nada e ficava olhando, olhando, quietinha olhava para as moscas e uma delas pousou. Peguei-a, arranquei as asas e a esmaguei, era única ocupação que tinha, pois era proibida de brincar.

3. Augusto

Frida mimava e adorava o professor Paul.

Todas as pessoas falam à minha mãe que eistia uma escola boa, a escola da dona Frida.

Eu era pequeno, não sabia de nada, achava que a escola era boa mesmo, que a Frida era boa.

Eu tinha nove anos.

(Carla disse: estudamos juntos)

Você (Carla) entrou antes, eu entrei depois, anos depois.

Com nove anos, eu arrumei a minha mala e fui lá para dormir na escola de dona Frida. Dona Frida nos recebeu com sorriso grande (sorridente), nos tratou muito bem e conversou com minha mãe. Ela apresentou as crianças da escola. A mamãe me deixou lá e se foi, eu e a mala ficamos para dormir lá no dormitório.

Eu fui encontrar os alunos sentados na mesa. A minha mãe já tinha ido, por isto não viu. A dona Frida mudou a cara e começou a brigar e bater na gente. Ela mudou completamente. Na frente da minha mãe a dona Frida se mostrou toda sorridente e depois na nossa frente mudou de cara e ficou carrancuda. Como mudou completamente?

A dona Frida dava bofetadas no meu rosto e eu ficava pensando na minha mãe que tinha ido.

Eu ficava muito de castigo. Eu ficava quieto, não aprendia nada, lá não me incentivavam intelectualmente. Eu me sentia parado e quieto.

Uma vez por ano a minha mãe ia me buscar e depois voltava, eu não queria voltar pra IR. Quando era férias minha mãe ia me buscar, quando ela me trazia de volta pra escola de dona Frida eu gritava “não”, pois não queria voltar, eu implorava! A minha mãe teimava e me trazia a força para escola.

Isto repetiu por muitos anos e quanto eu me tornei adulto eu dei ‘bronca’ na minha mãe por ela ter insistido na minha ida à dona Frida e ela ficou arrependida. Falei para minha mãe que ela é burra que não via as coisas que acontecia lá dentro da EDEFA.

É burra mesmo, deveria ter me levado ao INES, no Rio de Janeiro, pois lá eu poderia ter aprendido mais coisas, como por exemplo, jogos, distrações, costuras, gráficas etc. e na dona Frida a gente ficava sempre de mãos para trás sem fazer nada, também ficávamos com os braços cruzados e eu não aprendia nada.

A minha mentalidade diminuiu muito, não tive incentivo intelectual.

Eu queria estudar no INES, dei bronca á minha mãe, ela foi burra.

Dona Frida sempre tinha aparência sorridente por fora, durou os quatro anos em que estudei lá.

Dei bronca na minha mãe: Pô, você é burra? A minha mãe ficou traumatizada e arrependida.

Mas já foi, acabou! Dei bronca na minha mãe: lá na EDEFA não tinha esporte, brincadeiras, aulas, nada. Só braços cruzados e sem fazer nada. Lá na EDEFA eu senti que o meu aprendizado ficou muito atrasado.

Dona Frida batia no meu rosto, puxava a orelha e eu ficava parado, não podia brincar, pois ela batia.

Se alguém conversasse comigo em sinais era castigo certo.

Tinham alunos com medo de levar castigos e deduravam mentindo para Dona Frida que foram outros quem fizeram sinais e a Dona Frida brigava com todos. Os alunos acusavam uns aos outros dizendo: ele é culpado.

A Carla contava pra mãe dela, no dia seguinte a mãe contava pra dona Frida sobre o que eu fazia. A Carla tinha uma ‘língua comprida’, porque a dona Frida me pós de castigo no quarto muitas vezes.

A mãe de dona Frida era ruim também. As duas eram iguais. Na época a mãe de dona Frida era viva ainda, as duas eram iguais, muito ruins.

Eu não podia fazer sinais, nem nada porque os alunos deduravam e eu recebia castigo, era surrado.

O chicote era fino, oco e vermelho, era de borracha, igual ao elástico, igual ao estilingue. Batia-nos com força de chicote e doía muito. (Amauri)

Eu queria ir ao banheiro e dona Frida não deixava. Ela era louca demais.

Até para lavar o rosto a mãe de dona Frida dizia: faça mais rápido. E se eu não a obedecesse pegava o meu rosto e batia forte.

Ela batia repetidamente com as duas mãos em cada face do meu rosto, pegava minha orelha e me empurrava. O que é isto? Puxa como sou!

E todas as famílias e mães bobas não sabiam de nada o que acontecia dentro da escola.

Dona Frida conversava aparentando estar feliz, ela era o contrário da aparência real que mostrava á nos. Ela era falsa, nos batia e por outro lado fingia e sorria.

Dona Frida mandava a gente comer comida no prato, comida enoorme.

(pausa para mostrar as fotos da escola)

Lá na EDEFA tinha poucos homens e mais mulheres.

Dona Frida dava aula em algumas salas.

Não chamavam ninguém para ser diretor da escola, a Frida era a única. A dona Frida sozinha ia das salas dos pequenos até a dos maiores. Ia, mandava ficarem sentados e quietos e ia para

as outras salas para mandar algo. Ela escrevia a atividade em uma sala e depois ia para outra sala. Ela sozinha. Isto não era bom!

Tinham três salas?

(perguntou á Carla que afirmou)

Era só cópia, sempre igual, igual, não era só escrever no caderno, também tínhamos que escrever no quadro, sempre igual “a-e-i-o-u”. Sempre igual.

Igual, igual a-e-i-o-u.

Sempre igual a-e-i-o-u.

Não fazia contas de matemática, tabuada, nada, só escrevia o a-e-i-o-u, sempre repetido.

Sempre igual pô!

Eu não me sentia bem com aquela cópia sempre repetida.

Falei para minha mãe que na EDEFA minha mente não era estimulada.

Na IR eu não ficava mais inteligente, pelo contrário... Menos inteligente.

Eu briguei e dei bronca na minha mãe que ela deveria ter me levado ao INES e não na EDEFA.

Ou poderia ser na escola em SP e não aqui, pô!

A escola Epheta, de Curitiba era só para mulheres e eu não sabia o que fazer.

Minha mãe optou pra EDEFA porque a escola Epheta era para mulheres no passado.

Tinham surdos com outras deficiências separados em outras salas na EDEFA, mas não ficavam muito tempo, iam embora depois e eu ficava.

Nas salas eram tudo misturado, mulheres com homens.

Não podia fazer língua de sinais e se desobedecêssemos éramos surrados. Dona Frida batia na gente se fizéssemos sinais, sinais eram proibidos.

Dona Frida batia, a mãe de dona Frida também era igualzinha e batia muito em nós.

As duas eram iguais. Se tivesse um teste de eu marcar com um X qual das duas era a pior, eu marcava as duas.

O irmão caçula de dona Frida, que era surdo, era um pouco melhor, mas era puxa-saco da família, ele era convencido e se achava o melhor de todos, eu vi tudo, ele se achava ‘o tal’ e só ele é quem sabia tudo. Isto era problema. A mãe dele deu uma moto para ele. Ele bateu a moto e morreu. Acabou!

Teve alunos que fugiam da EDEFA. Teve um surdo que fugiu para Lapa, longe pra caramba.

Ele fugiu a pé para longe, muito longe na Lapa, sabe?

A dona Frida batia muito nele e por isto ele fugiu, foi a pé para longe, Lapa.

Longe Lapa.

Correu para Lapa, caramba!

(repete)

Lá na Lapa ele tinha um primo, sabe?

Este surdo (mostrou sinal de cicatriz no braço) fugiu para Lapa.

Nós sempre vivíamos com medo lá.

Eu fiquei com trauma da comida de lá.

Todos os dias eu me sentia mal e não queria aquela comida.

Eu via tudo, os pequeninos de três ou quatro anos, a dona Frida sempre servia para eles, enchia o prato bem cheio de comida, até as bordas.

Puxa, acredita?

Para pequeninos de três e quatro anos, pratos cheios, enooormes de comida, eles comiam e mastigavam com boca cheia, com as bochechas cheias de comida se movimentando, comiam, comiam, demoravam horas, horas para terminarem.

Isto foi só com os pequeninos, nós, os maiores não, eu tinha 9 anos e eu mesmo que servia meu prato, mas eu via a Dona Frida servindo os pratos com comida, enoorme, para cada criança pequena, para cada um.

E cada criança tinha que comer tudo mesmo que não quisessem, a dona Frida mandava elas comer e elas levavam horas, horas para terminar de comer, sempre mastigando com bochechas cheias.

Coitados dos pequeninos

Eu vi tudo e fiquei com pena deles. Isto é errado!

Coitados dos pequeninos, sorriam e ficavam tristes e quietos.

Eu via eles comerem sem vontade e fiquei com pena!

Prato cheio de comida que dona Frida colocava, eles comiam e nós esperávamos eles terminarem, levavam horas, horas.

Mesmo satisfeitas elas tinham que continuar.

Dona Frida as pressionava.

Havia um surdo que sofria mais, ele comia e vomitava, comia e vomitava.

Dona Frida o pressionava e ele comia e vomitava.

Se ele não comesse, dona Frida batia no rosto dele, dava tabefe em ambos os lados do rosto dele.

Sempre era assim.

Eu vi tudo e ele sofria muito. Fiquei com pena dele, coitado!

Fiquei com muita pena dele!

Vomitava tudo porque era muita comida, demais, deveriam comer menos.

Mas a dona Frida pressionava.

Nos quartos num canto ficava os meninos e no outro canto as meninas, tudo no mesmo quarto.

Dona Frida ficava junto com as meninas. Mas era tudo misturado lá.

Quando ocorreu o incêndio na EDEFA, eu já tinha saído de lá.

Muitos surdos que estudavam na EDEFA ficaram doentes.

Teve também surdos que ficaram loucos.

Lembra daquele surdo? (fez sinal para a Carla que confirmou)

Ele era inteligente quando pequeno, mas a dona Frida batia muito a cabeça dele na mesa e ficava muito de castigo. Depois que ele ficou adulto a gente percebia quando ele conversava com a gente em língua de sinais que ele não estava normal, estava fraco e pirou. Eu encontro com ele às vezes, e está vivo ainda. A comunicação com ele é muito difícil, mesmo com sinais, e ele mente muito. Ele pirou!

Outro surdo (fez sinal que a Carla confirmou) ficou com a cabeça mais ou menos alegre.

Não tinha vontade de ficar lá. Lá dentro não tinha alegria.

4. Álvaro

Na minha ida pela primeira vez à EDEFA eu chorei muito. A dona Frida me pegou no colo e sorria muito. A minha mãe satisfeita me deixou lá, foi embora e eu chorava muito. Eu tinha quatro anos na época. Diante da minha mãe a dona Frida me pegava no colo e, risonha, mostrava e apontava tudo.

Eu ficava escrevendo na minha mesa na sala de aula, me virei e vi a dona Frida batendo no menino negro. Eu fiquei muito assustado. Ela batia no negro que chorava muito. Eu estava na frente e ele atrás de mim, eu me virei para ver, dona Frida batia no menino negro com chinelo

branco no bumbum. O menino no chão implorava que não batesse nele e isto me deixou muito assustado. Se eu ficasse olhando muito tempo a dona Frida batia na minha cabeça com a mão e eu também chorava.

A dona Frida colocou o menino negro de castigo na escada.

A dona Frida sempre tinha cara feia e carrancuda. Muito má e feia. Cara feia, malvada. Ela tinha cara feia.

Lembro que na cozinha, lá no fundo da casa, perto da porta, tinha uma mesa comprida.

A dona Frida tentava me fazer falar e me batia, eu era muito pequeno sentado e quieto, não entendia ela, eu não falava e não tinha nenhuma leitura labial. Não sabia falar nem ‘desculpe’, eu era mudo, não falava, e por isso dona Frida me batia. Os colegas me chamavam, mas eu não falava e ficava muito quieto. Eu era um menino mole e sempre caía.

Dona Frida colocava meu prato com arroz e feijão preto na minha frente. Às vezes tinha mandioca ou abóbora, eu não gostava de abóbora e ela me mandava comer mesmo assim. Eu não gostava de mandioca e ela me obrigava a comer. Eu experimentava abóbora e detestava, empurrava o prato, não queria comê-lo. A dona Frida me pressionava, diante de minha negativa com braços cruzados ela pegava a colher e forçava colocar a comida em minha boca, mas eu desviava o rosto. Então a dona Frida me dava tapas fortes no rosto, batia muito na minha cabeça com a mão e eu chorava muito com os lábios sujos.

Minha estadia na EDEFA não era alegre, a dona Frida era má, tinha cara feia e era uma bruxa. Quando eu ia passar uns dias com minha família, meu pai me trazia de volta a EDEFA, eu não queria e implorava ao meu pai. Mas ele dizia “Você vai”. Eu não gostava de dona Frida e não queria ir à escola.

Joguei uma vez leite na cara de dona Frida e ela me bateu muito, dona Frida era muito má. Quando soube, minha mãe ficou brava e me levou de volta para casa.

Se eu errava na lição dona Frida me puxava na orelha.

Dona Frida perseguia muito o menino negro e eu morria de medo.

Bebi leite branco, eu enchi o leite na boca e expeli-o no rosto de dona Frida, ela me bateu muito.

5. Ivone

Eu estava na dona Frida até que um dia a minha mãe me tirou da escola porque a mãe e o pai da Carla viram o que acontecia lá dentro e tiraram a Carla. Minha mãe fez o mesmo.

Era o Prof. Paul quem ensinava lá.

O prof. Paul fez coisas horríveis para mim, eu contei para minha mãe e ela não acreditava em mim, ela achava que eu não queria estudar. O prof. Paul mexia muito em mim. Depois que o pai de Carla descobriu tudo, ele viu o prof. Paul beijar na Carla, e tirou-a da escola, acabou todo o nosso sofrimento, pois depois ele telefonou para minha mãe contando.

O prof. Paul queria casar comigo, mas eu tinha somente 11 anos e minha mãe não deixou.

Eu vi o prof. Paul beijar e aproveitar de uma menina de quatro anos, eu vi tudo. A dona Frida não ligava. Ele fazia sexo também com a menina, sim, sim.

Eu nunca fiquei grávida, que sorte, porque eu comecei a menstruar com nove anos.

Eu ficava interna na escola EDEFA porque a minha mãe na época tinha cinco filhos pra cuidar e eles eram pequenos, então me deixou na escola da dona Frida.

Minha mãe me pegava todas as sextas-feiras a noite para levar de volta pra casa, aos sábados e domingos eu passeava com minha família e segunda-feira de manhã voltava pra escola EDEFA. Eu implorava à minha mãe que não queria estudar lá.

Mais tarde quando minha mãe descobriu, pediu desculpas com muito remorso por não ter acreditado em mim e me levou ao médico para fazer exames no meu corpo. Estava tudo bem.

Minha mãe pediu desculpas, pois eu falei muitas vezes para ela e depois da descoberta ela passou a sempre acreditar em mim, até hoje.

Eu tenho trauma até hoje um pouco.

O meu marido atual sabe de tudo. Ele também era ex-aluno da EDEFA.

Eu fui estuprada muitas vezes pelo prof. Paul e todos os ex-alunos surdos que estudaram lá sabiam. Todos sabiam.

Agora o prof. Paul está velho, ele tinha na época 35 anos. Ele beijava e estuprava as meninas, estuprou a menina bonita de quatro anos e eu vi tudo, ela era loira, linda.

Esta menina de quatro anos era muito pequena, não sabia e não reagia. Todas as crianças lá na escola ficavam confusas e tristes. Não sei por que nós ficávamos quietas. Acho que porque as pessoas não iriam acreditar em nós, surdas e pequenas, a não ser que sejamos pegos em flagrantes.

O prof. Paul nos estuprava no quarto durante a noite. A dona Frida não ligava e não expulsava o prof. Paul.

Depois que minha mãe me levou ao médico, passou a me cuidar melhor e me proteger mais, pois eu tinha falado para minha mãe muitas vezes e ela não tinha acreditado, depois ficou com muitos remorsos.

O prof. Paul pegava só nas meninas, nos meninos não.

O prof. Paul era muito tarado, eu o vi beijar a menina pequenina de quatro anos, não lembro o nome dela, ela era loira, bonitinha. Ela sumiu depois, não lembro quem é ela. O prof. Paul era louco por ela.

O prof. Paul nem disfarçava, fazia de tudo na frente de todas as crianças, na frente da Carla, do Augusto, na minha frente e de outros.

Acho que a Dona Frida não sabia ou fingia não saber de nada, mas desconfio que ela soubesse que o prof. Paul fazia sexo conosco.

O prof. Paul disfarçava quanto dona Frida estava presente e ela acreditava muito nas mentiras dele. Quando nós crianças acusávamos o prof. Paul pra a dona Frida, ela não acreditava e batia muito na gente.

Tomávamos banho em uma banheira. Era a mesma água para todos os alunos que ficavam em fila para tomar banho. Todos iam tomar banho na mesma água, desde o início da fila até o final. A água ficava fedida.

Era proibido bebermos água, nós tínhamos sede e não podíamos tomar água. A dona Frida era diferente e rígida demais.

A gente ia dormir cedo, às 6 horas de tarde.

Davam comida velha misturada com a nova no mesmo prato. Eu queria jogar fora a comida e dona Frida dava tabefe com força. Era terrível.

Até que um dia um fiscal veio fazer uma verificação e logo depois fechou a escola.

A dona Frida já morreu e o professor Paul foi embora para Argentina, não sei se está vivo ou não hoje.

Nunca mais soube dele. Ele casou com uma argentina, a mulher trabalhava fora e ele ficava em casa. Alguém contou para mim, acho que foi o irmão da dona Frida, que era surdo também. Ele também já morreu.

Eu conversava em língua de sinais e a dona Frida me batia. A gente tinha que ficar sentados, quietinhos e com os braços cruzados.

A gente ficava quietinha no banco e se a dona Frida visse a gente conversar em língua de sinais, ela batia nas mãos com força, mesmo nos horários que não era aulas.

Dona Frida escrevia no quadro-negro a-e-i-o-u, sílabas e a gente copiava. Não lembro bem.

O banheiro era lá fora.

Fazíamos poucos gestos naturais para se comunicar e articulações exageradas.

Dona Frida não era boa professora, muitos alunos surdos foram saindo, saindo e diminuindo a clientela da escola, até que um dia telefonaram para o fiscal fazer uma vistoria, pois foi denunciado que a dona Frida batia em uma surda, não sei se ela morreu ou não.

O aluno surdo Júlio fugiu uma vez, a dona Frida batia muito nele e a mãe dele nunca acreditou. Então um dia ele não agüentou de tanta surra e fugiu. A polícia o trouxe de volta. A dona Frida surrou tanto ele e depois o amarrou no alto da escada. O Júlio ficou a noite inteira lá com os braços amarrados pra trás, lá no alto da escada, em pé, sem comer ou ir ao banheiro. O Júlio chorava muito e gritava toda hora: “mamãe”. A família dele morava perto de Londrina. É um absurdo e muito triste!

Um dia a mãe dele o tirou da escola e levou-o para estudar em São Paulo, eu acho.

A minha mãe um dia viu na televisão uma entrevista de uma mulher de outra escola de surdos, me tirou da EDEFA e me pôs lá para estudar.

Fiquei na EDEFA dos quatro até os 11 anos. Durante sete anos de sofrimento!

O banheiro era fora de casa.

A EDEFA era feita de tijolo e de madeira, acho, não me recordo bem. A EDEFA pegou fogo, pelo o que eu soube depois.

Contaram-me que alguém jogou alguma coisa para fazer pegar fogo na EDEFA. Não tenho certeza. O governo ia fechá-la.

Têm muitas coisas que não lembro. Esqueci muitas coisas, mas tem algumas coisas que eu me lembro.

Lá não tinha higiene mesmo. A gente ficava uma semana inteira com a mesma roupa. Não lembro se era a mesma calcinha, acho que usávamos por três dias a mesma calcinha, não tenho certeza. Nós lavávamos a nossa própria roupa íntima, os pequeninos também.

A EDEFA era uma casa grande de dois andares, tinham três quartos, o quarto de alunos era misturado para meninas e meninos. O quarto de dona Frida era em frente do quarto do professor Paul e ao lado do quarto deles era o nosso quarto. Dentro de nosso quarto tinha beliches.

Minha mãe cuidava de meus irmãos menores, eu era a segunda filha, os quatro ficavam com a mãe e eu na EDEFA.

A maioria dos ex-alunos dormia lá na EDEFA, a Carla não, ela ia e voltava.

A dona Frida tinha o hábito de colocar leite na alface e não dava água para bebermos.

As mais doentes eram a Carla e a Mônica. Eu nunca fiquei doente. Até hoje é difícil eu ficar doente.

Não lembro se tínhamos piolhos. Nossa!

Eu só me lembro da alface com leite e comida velha misturada com a nova.

A dona Frida batia na gente com um cinto, batia em nossas mãos e dava tabefes em todos nós surdos. Quem sofreu mais, foi mais maltratado foi o Augusto e o Júlio.

A dona Frida batia na gente sem motivo sério, era por bobagem ou à toa, Por exemplo: se a gente conversasse em língua de sinais, ela batia com força.

Ninguém realmente fazia coisas erradas, era a dona Frida quem era ruim e louca mesmo. A mãe dela também era ruim e louca. O irmão surdo dela também era louco.

Eu aprendi a falar foi por causa de outra escola e também a minha mãe era professora e me ensinou muitas coisas.

A minha mãe sempre falou comigo e nunca fez sinais e me acostumei com isto. Antigamente os sinais eram proibidos. Vocês sabem! Em uma outra escola de surdos eu aprendi muitas palavras. Depois fui fazer magistério na escola de ouvintes.

Todos nós, ex-alunos surdos, sempre lembramos da ruindade de dona Frida e do professor Paul, até hoje. Não tem como esquecer.

Lembro claramente dos estupros, das batidas e quando eles nos amarravam. Quando nós nos encontramos, ainda desabafamos sobre isto, até hoje.

Quando eu voltava para casa, nos finais de semana, eu contava pra minha mãe, mas ela não acreditava, pensando que era minha fantasia e que eu não queria estudar. Com o Júlio também acontecia a mesma coisa, falava para a mamãe e ela não acreditava nele. Depois que descobriram a verdade tiraram os filhos da EDEFA. Foi diminuindo a quantidade de alunos até fechar a escola.

Depois que a mãe passou a acreditar em mim, ela passou a me dar mais carinho, me levou ao médico para exames gerais, para ver se estava tudo, em ordem, se não peguei doenças ou gravidez, etc.

Freqüentei terapia psicológica por algum tempo, umas 10 sessões, depois recebi alta e fiquei bem. Depois a mamãe me levou para viajar para eu relaxar e distrair.

A mamãe ficou com remorsos e pediu muitas desculpas.

Sempre é assim, os ouvintes não acreditam nos surdos.

É porque a dona Frida e professor Paul tinham 'lábria'.

Lá na EDEFA não tinha escolaridade, muito pouco. A gente trabalhava mais fora da EDEFA. A gente aprendia só as letras e palavras isoladas, muito pouco.

Não havia lápis de cor, por isto não pintávamos nada.

Não tinha aula de fala e nem nada, não tinha nada, nada, nada.

A maioria dos ex- alunos surdos que estudaram lá não falam até hoje, eu tive sorte porque tive a mãe que me ensinou muito.

Nós ficávamos sentados o dia inteiro lá, sem fazer nada.

A gente brincava muito pouco, tinha balanço lá fora.

A gente ia dormir muito cedo, sempre era ainda de dia, às 6 horas. O jantar era às 5 horas.

Nós surdos tomávamos banho uma vez por semana só, fazíamos fila para tomar banho na mesma água da banheira.

Eu via aquela água suja, até com sujeira de menstruação de alguém, e a gente tinha que usá-la do mesmo jeito. Dona Frida mandava: 'vá tomar banho'. Os meninos também usavam a mesma água da banheira.

O professor Paul não mexia nos meninos, só nas meninas. Os meninos nunca mexeram nas meninas, os meninos, ex-alunos surdos, sempre respeitaram as meninas. Só o professor Paul é quem mexia nas meninas.

O professor Paul estuprava as meninas surdas na vagina, não fazia sexo anal.

O professor Paul não saía de casa, então ele abusava sexualmente das meninas. E quando nós contávamos para dona Frida, ela perguntava para o prof. Paul e ele negava. A dona Frida batia na gente dizendo que era nossa invenção e mentira. Então a gente ficava quieta e suportava silenciosamente os abusos sexuais do professor.

Ela levava a gente para a chácara, bem longe, a gente colocava cocô de cavalo nas plantações. A Carla ficava doente e vomitava muito, sempre.

A dona Frida nos aproveitava como mão-de-obra.

Antigamente não era como hoje, de processar e entrar na justiça contra a dona Frida e o professor Paul.

Eu não me recordo do Álvaro na EDEFA. Só recordo dele quando entrou na outra escola de surdos. O pai dele era ruim. Lembro que quando tinha visitas ele trancava-o no banheiro e deixava-o lá.

Até hoje nós, ex-alunos da EDEFA, quando nos encontramos pessoalmente, vemos um ao outro e sabendo o que aconteceu no passado e ficamos quietos, naquele tipo de ‘pacto silencioso’, sabíamos o quanto sofremos e que tínhamos muito medo.

A comida era ruim, tínhamos sempre vontade de jogar a comida fora, mas quando ela via mandava pegar a comida do lixo de volta para o prato e mandava a gente comer: ‘Coma! Coma!’

Eu lembro bem da água suja com menstruação. Nunca esqueço disto. Usávamos só uma toalha para todos. A toalha no fim ficava tão molhada que a gente só encostava-se a ela e não esfregava, era sempre assim. Lavávamos também o cabelo na banheira suja. Uma vez por semana nós mesmas lavávamos sozinhas e saíamos correndo para o outro entrar na banheira. Não lembro se tinha sabonete ou não.

Não havia nada de alegre, não havia festas de páscoa ou outras festas.

Quando íamos para o quarto dormir cedo, às 6 horas, não conversávamos porque era muito escuro e difícil. Tínhamos que dormir mesmo sem sono. Pois nos acordavam às 5 horas da manhã e íamos tomar chá e comer pão, às vezes era pão velho e às vezes era novo.

Não tínhamos revista, nada para ler.

Lá dentro da EDEFA não tinha nada de brinquedos, só o balanço feito de madeira e corda lá fora. Nada de brinquedos.

Eu era muito nervosa porque tinha muito medo.

Todos os ex-alunos surdos eram pequenos e fracos, por sito não podiam reagir e brigar. Não tinham alunos maiores para nos defender. Só o professor era mais velho e maior, ele tinha 35 anos e eu 11 anos.

O professor Paul à noite ia à cama das meninas para fazer sexo. Ele vinha até a minha cama e ficava em cima de mim.

Eu não gritava, não tinha como. Era uma casa isolada, os vizinhos ficavam muito longe, pois havia ao lado de casa um terreno baldio que era enorme e com árvores. Não daria para ouvirem os gritos.

Quando o professor Paul me estuprava, ele gozava dentro de mim e eu ficava com as pernas lambuzadas e sujas e não podia tomar banho. As pernas ficavam grudentas.

Eu não sei onde o professor Paul está, se ele ainda vive na Argentina ou não. Se ele já morreu ou não. Ele agora deve estar com 80 anos. Ele sumiu!

Não pegava AIDS ou doenças venéreas porque ele estuprava só as meninas, e nenhuma de nós tínhamos estas doenças. Minha mãe me levou ao médico e viu que estou limpa, ok!

O professor Paul não se aventurava fora de casa, só se aproveitava das meninas surdas dentro da EDEFA, nós, as meninas quietas.

Dona Frida era ruim e o professor também.

A escola ficava na esquina da Rua José de Alencar.

6. Danson

Depoimento do ex – aluno da EDEFA – Curitiba – PR por e-mail

Danson, 49 anos, estudou na escola no ano de 1961 até 1967. Danson é surdo, veio para Campo Grande junto com o Professor de Educação Física Surdo (...), fazer uma visita para a Pedagoga Surda Shirley Vilhalva. Danson estava relatando sua trajetória escolar, quando mencionou que estudou na Escola EDEFA. Shirley mostrou as fotos para ver se ele reconhecia alguém e o mesmo reconheceu diversas pessoas, dentre ela a Alemã Frida, sua irmã e refere-se também que Frida tinha uma irmã surda, Professor Paul e demais surdos e surdas. O mesmo mostrou que na primeira foto ele está olhando para trás. Está foto está representando o trabalho manual realizados pelos alunos com ovos de galinha e de pata (pintura individual). Esses trabalhos eram guardados para que no Domingo de Páscoa os alunos procurassem os ovos. Os ovos eram da própria escola, a escola criava galinha, pato, pássaros e cachorros. Danson estava rindo e sinalizando, explicando o que eu, Shirley, estou escrevendo é uma história que aconteceu e ao mesmo tempo uma história conhecida pelos alunos que estudaram nesta escola. Pode ser divulgada sem medo, pois é verdadeira. Danson explicou que lembra muito do sofrimento de ter que ficar sem se comunicar com os amigos e amigas surdas, pois caso isso ocorresse ele apanhava sempre. Somente a Diretora Frida que batia, Professor Paul era calmo e também atencioso e carinhoso. Ninguém podia bater além da Diretora Frida. *Apanhávamos com chinelo, sinto e até vassoura*, sinaliza em LIBRAS Danson. Lembrando que tomava banho apenas uma vez por semana quando era preparada uma banheira, todos tomavam banho na mesma água. Nos dias da semana apenas lavávamos os pés, começava com uma bacia com água limpa, cada uma se lavava e ia subindo para o dormitório, cada sete pessoas que lavava os pés sempre o sétimo jogava a água fora e começava tudo de novo. Danson lembra-se que eram aproximadamente umas cinquenta pessoas e todas dormiam em beliches. Durante os seis anos passados na Escola EDEFA, Danson relata que durante as férias o mesmo falou o que se passava na escola para sua avó paterna e madrinha quando ela viu a marca de roxa por ter apanhado de cabo vassoura nas pernas e explicou o quanto apanhava. A família resolveu tira-lo da Escola EDEFA e mandar para São Paulo no Instituto D. Conceição de Crianças das Surdas em 1968. Neste Instituto se tomava banho todos os dias, assim compreendi a importância do banho e fiz uma comparação entre as escolas. Em São Paulo passei pelo processo apenas de comunicação escrita não tinha um trabalho sistemático da fala quanto existia na EDEFA em Curitiba. *Chegando a Curitiba expliquei como era o Instituto em São Paulo para meus pais e comparei. Disse que apanhavam na Edefa tapas no rosto, cascudos e chutes no traseiro, apanhava no quarto e o castigo era ficar preso no quarto, meus familiares não acreditaram na minha história. Lembrou que comparava sempre o porquê em sua casa durante as férias tomava banho e ao retornar para escola só tomava banho aos sábados, aos domingo iam para missa e a tarde somente lavavam os pés para dormir. Concluindo em minhas recordações vejo que pedagogicamente era utilizado o método oralista com todo treinamento dando ênfase na fala, era sistematizado, não gosto muito de recordar sobre a proibição da nossa língua de sinais, ficava indignado sobre essa proibição e Ter que aprender apenas a falar. Aceito a educação da fala, mas que seja permitida livre acesso na comunicação que os surdos se identificam e que seja respeitado nossa identidade surda. Outra coisa que não gosto de lembrar é a falta de banho diariamente, jantar muito ruim a noite sempre muito resto de comidas misturadas e das surras que levava deixando marcas e muitas vezes ficando de castigo por meia hora*

olhando para a parede quando tentávamos se comunicar com os colegas. Mudei para Rondonópolis – Mato Grosso em 1976 e moro lá até hoje.

Depoimento realizado em Campo Grande – Mato Grosso do Sul no dia 21 de fevereiro de 2006, sinalizado para Pedagoga Surda Shirley Vilhalva com objetivo de encaminhar para Pedagoga Surda Karin Strobel que está pesquisando sobre a Escola ‘EDEFA’, estudando Mestrado na UFSC e morando em Curitiba. Esteve presente o Professor de Educação Física Surdo Edio Tadeu Leite Waismann Asen.